SEBASTIÃO ELIAS MILANI

AS IDÉIAS LINGÜÍSTICAS DE WILHELM VON HUMBOLDT

São Paulo

1995

SEBASTIÃO ELIAS MILANI

AS IDÉIAS LINGÜÍSTICAS DE WILHELM VON HUMBOLDT

(Texto baseado na dissertação de Mestrado.)

SÃO PAULO

1995

Dedico a todos os homens de coragem,

que ousaram ser diferentes dos demais.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....6

CAPÍTULO UM: **Os avanços técnicos de Wilhelm von Humboldt**.....18
1.1. Matéria e Forma.....20
1.2. Língua, Povo, Pensamento Abstrato e Espírito Nacional.....21
1.2.1. Linguagem, Pensamento e Espírito Nacional.....21
1.2.2. Língua - Povo - Pensamento Abstrato.....26
1.3. Sociedade: Cultura e Civilização.....27
1.4. Mudanças e Evolução das línguas.....30
1.5. As Gerações.....32
1.6. A Língua Nacional e Individual. A Origem das línguas.....34
1.6.1. A Língua Nacional e Individual.....34
1.6.2. A Origem das línguas.....36
1.7. As mudanças fonéticas e os sons da língua.....39
1.7.1. As mudanças fonéticas.....39
1.7.2. Os sons da língua.....41
1.8. Língua = Pensamento = Fala.....48
1.9. A produção dos sons articulados e a vinculação dos conceitos.....49
1.9.1. Os sons e os conceitos.....51
1.9.2. A relação dos conceitos com as unidades sonoras.....54
1.10. Técnica das línguas.....58
1.11. A palavra e os tipos lingüísticos.....60
1.11.1. A afinidade entre as palavras e a forma da palavra.....60
1.11.2. Os tipos lingüísticos.....62
1.12. A palavra no discurso.....67
1.12.1. A pausa.....69
1.12.2. A alteração das letras.....70
1.12.3. O acento.....71
1.13. O sistema incorporador.....74
1.14. Os pronomes.....81
1.14.1. Eu - Tu - Ele.....81
1.14.2. O pronome relativo.....85
1.15. O verbo.....87
1.16. Características das línguas flexionais.....90
1.17. Os romances.....96
1.18. O grego.....99
1.19. Os extremos lingüísticos.....101
1.19.1. O chinês.....101
1.19.2. O sânscrito.....103
1.19.3. Explicitando uma comparação do sânscrito com o chinês e do chinês com o sânscrito.....105
1.20. O estudo lingüístico.....110

1.21. Os elementos característicos das línguas..... 113
1.21.1. Linguagem ou língua..... 114
1.21.2. Espírito..... 116
1.21.3. Nação..... 116
1.21.4. Discurso ou fala..... 117

CAPÍTULO DOIS: **O desenvolvimento das formas gramaticais e sua influência no pensamento**..... 119
2.1.0. O que são formas verdadeiras?..... 119
2.1.1. A aglutinação, ou flexão de intenção..... 125
2.1.2. As etapas do desenvolvimento das formas gramaticais..... 128
2.2. A influência das formas gramaticais no desenvolvimento do pensamento.... 130

CAPÍTULO TRÊS: **As descobertas científicas de Wilhelm von Humboldt e discussões semelhantes na lingüística pós-humboldtiana**..... 132
3.1 Processo de materialização da língua..... 132
3.1.1. Forma e matéria - Língua e Pensamento (Espírito)..... 132
3.1.2. A Palavra..... 135
3.1.3. O Discurso..... 137
3.2 O indivíduo..... 140
3.3 Língua, Pensamento e mudanças..... 143
3.3.1 Língua e pensamento..... 143
3.3.2. Mudanças na língua..... 145
3.4 Cultura e Civilização..... 146
3.5 Nação..... 147
3.6 Derivação..... 148
3.7 A articulação..... 149
3.8 A segmentação do discurso..... 151
3.9 Técnica fonética e técnica intelectual..... 152
3.10 Pronomes..... 153
3.11 Línguas: visão histórica e visão estática..... 155
3.12 As sílabas..... 156
3.13 Gramática comparada..... 157
Alguma Conclusão..... 159

BIBLIOGRAFIA..... 160

APRESENTAÇÃO

Friedrich Christian Karl Ferdinand Wilhelm von Humboldt nasceu em 22 de junho de 1767 em Potsdam. Filho de Alexander Georg von Humboldt, major do exército da Prússia. Dois anos mais velho que seu irmão, o geógrafo Friedrich Heinrich Alexander von Humboldt,[1] conhecido por suas aventuras na América do Sul e pelas inúmeras descobertas que fez neste continente e nos oceanos.

A entrada de Humboldt na filosofia aconteceu sob a vigilância de J. J. Engel, que infundiu no jovem as idéias wolffianas e o colocou, completamente, num clima "iluminista e ilustrado". É importante observar, para se entender com justeza as idéias lingüísticas de Humboldt, que Christian Wolff[2] era adepto do Racionalismo, doutrina que define a razão como o elemento fundamental e irredutível da especulação filosófica, recusando conceitos referentes à Revelação e ao Sobrenatural. Para os racionalistas, a Razão, portanto, independe da experiência sensível, valendo-se apenas de princípios lógicos inatos para formular suas proposições lógicas e seguras.

A publicação da primeira obra de Humboldt *Sokrates und Plato über die Gottheit, über die Vorsehung und die Unsterblichkeit* — ocorreu em 1787. Dois anos depois, em 1789, em Frankfurt-am-Oder, começou a estudar Direito e, além de conhecer

---

[1] Nasceu em 14 de setembro de 1769 e morreu em 6 de maio de 1859. Depois de uma longa preparação acadêmica, tomou gosto pelas viagens exóticas. Em 1799 partiu de Coruña para a América meridional, onde, tão depressa quanto percorreu as montanhas dos Andes, percorreu também o curso do Orinoco e do Amazonas, tomando minuciosos apontamentos de geografia, meteorologia, botânica, antropologia, arquitetura. Era admirado e respeitado em toda a Europa. Na Prússia era considerado o maior representante do espírito científico alemão. Suas obras mais importantes são *O cosmo,* publicado em 1855, e *Examen critique de l'histoire de la geografie,* publicado em 1837 em Paris. Após a morte de seu irmão, trabalhou pela publicação de todos os escritos de Wilhelm, chegando a publicar entre 1841 e 1851 a obra completa.

[2] Nasceu em 24 de janeiro de 1679 e morreu em 9 de abril de 1754. Matemático e físico, tornou-se professor qualificado da universidade de Leipzig em 1703 (*Privatdozent*). Obras importantes: *Anfangsgründe aller mathematischen Wissenschaften; Vernünftige gedanken von der Kräften des Menschlichen verstandes; Philosophia prima, sive Ontologia; Theologia naturalis.*

Carolina von Dachenrode, a mulher que viria a ser sua esposa, conheceu Schiller[3], que se tornaria seu correspondente.

A relação entre Humboldt e Schiller, no tocante aos temas tratados em sua correspondência, girava em torno da estética literária e da discussão sobre as línguas em geral assuntos comuns a ambos, sendo Humboldt mais teórico que Schiller.

Logo depois, em 1790, conheceu Wolff, que o incentivou a estudar história, em especial as línguas clássicas.

Em 1792 terminou de escrever seu ensaio *Ideen zu einen Versuch, die Grenzen der Wirksamkeit des Staats zu bestimmen*[4], no qual expõe idéias que, contradizendo a prática governamental, o próprio Humboldt teria que esquecer quando entrou para a administração pública. Dentre essas idéias, merecem menção algumas sobre o regime constitucional do estado, sugeridas pela nova constituição francesa:[5]

"Los regímenes políticos no pueden injertarse en los hombres como se injertan los vástagos en los árboles. /.../ Generalmente el dominador había empuñado las riendas con tanta fuerza, que el empeño resultaba vano. Y este proceso es perfectamente lógico, dada la naturaleza humana. /.../ De buena gana se habría decretado la muerte total de la libertad. Esta pudo seguir viviendo gracias a la lucha de unos tiranos contra otros. Claro está que, en medio de esta situación de violencia, nadie podía ser libre si al mismo tiempo no era opresor de la libertad de otros. En el régimen feudal convivían íntimamente la esclavitud más atroz y la libertad más desenfrenada."[6]

---

[3]

[4] Publicado e traduzido para outras línguas, juntamente com outros ensaios sobre política, numa coletânea chamada em espanhol de *Escritos políticos.*

[5] Edição em língua espanhola utilizada: *Escritos políticos*. México, Fondo de Cultura Económica, 1943. Tradução de Wenceslao Roces.

[6] *Idem, ibidem*, pp. 80-82 *passim*.

Falando mais especificamente sobre a Revolução Francesa, assim se expressa Humboldt :

> "Este país era, necesariamente, el primero en que tenía que producirse la revolución, tras la cual no podía venir más sistema que el sistema de una libertad moderada y, sin embargo, completa y absoluta, el sistema de la razón, un régimen de estado ideal. La humanidad había caído en un extremo y tenía que buscar su salvación en el extremo contrario."[7]

Na mesma obra, ainda, merecem destaque algumas idéias sobre a determinação dos limites que circunscrevem a ação do estado:

> "Cuando se comparan entre sí los sistemas políticos más notables y se contrastan con las opiniones de los filósofos y políticos más prestigiosos, produce asombro, y tal vez no sin su causa y razón, ver tratado de um modo tan poco completo y resuelto de un modo tan poco preciso un problema que parece, sin embargo, digno de atraer la atención: el problema de la finalidad a que debe obedecer la institución del estado en su conjunto y de los límites dentro de los cuales debe contenerse su acción. /.../ Del mismo modo, ejerce más tentación sobre el hombre el poder que la libertad, o, por lo menos, le fascina más el cuidado por conservar la libertad que el disfrute de ella. La libertad no es, en cierto modo, más que la posibilidad de ejercer una acción múltiple e indeterminada; el poder, en cambio, y el gobierno en general, constituye una acción real, aunque concreta. Por eso la nostalgia de libertad sólo se produce, con harta frecuencia, como fruto del sentimiento de la falta de ella. /.../ Los estados antigos velaban por la fuerza y la cultura del hombre

[7] *Idem, ibidem*, p. 83.

> en cuanto hombre; los estados modernos se preocupan de su bienestar, su fortuna y su capacidad adquisitiva. Los antiguos buscavan la virtud; los modernos buscan la dicha."[8]

Pode-se ver o caráter de Humboldt através de algumas considerações sobre o homem individual e os fins últimos supremos de sua existência que se encontram, também, nesses *Escritos Políticos*.

> "El verdadero fin del hombre es el más elevado y proporcionado desarrollo de sus fuerzas en un todo armónico. Y para ello, la condición primordial e inexcusable es la libertad. /.../ El provecho de tales uniones para la formación del hombre depende siempre del grado en que se mantenga, dentro de la intimidad de la unión, la independencia de las personas unidas. Es necesaria la intimidad, para que el uno pueda ser suficientemente comprometido por el otro, pero hace falta también la independencia, para que cada uno pueda asimilar lo que haya comprendido del otro en su propio ser. /.../ Cuanto más aumente la variedad, a la par que la finura de la materia, mayor será también su fuerza, porque será mayor, asimismo, la concatenación. La forma parece fundirse en la materia y ésta en la forma. O, para expresarmos sin metáforas: quanto más ricos en ideas sean los sentimentos del hombre y más pletóricas de sentimiento sus ideas, a mayor altura rayará ese hombre. Esta eterna fecundación de la forma y la materia o de la variedad con la unidad es la base sobre que descansa la fusión de las dos naturalezas asociadas en el hombre; la cual es, a su vez, la base de la grandeza de éste. /.../ Para mí, el supremo ideal en la coexistencia de los seres humanos sería aquella sociedad en que cada uno de los seres unidos se desarrollase solamente por obra de sí mismo

[8] *Idem, ibidem*, pp. 87-91 *passim*.

> y en gracia a él mismo. /.../ Ahora bien, el hombre nunca considera tan suyo propio lo que posee como aquello que él mismo hace, y el obrero que *cultiva* el jardín es tal vez más *propietario* de él, en el verdadero sentido de la palabra, que el señor ocioso que lo disfruta. /.../ Pues bien; el estado que se preocupe de ejercer una tutela positiva como ésta a que nos referimos, sólo puede atender a los *resultados* y establecer simplemente aquellas reglas cuya observancia es más conveniente para la perfección de estos. /.../ La tutela del estado en cuanto al bienestar positivo de los ciudadanos entorpece el desarrollo de la individualidad y de la peculiaridad del hombre en su vida moral y en su vida práctica en general, en la medida en que se limite a observar las reglas establecidas — las cuales se reducen a su vez, seguramente, a los principios del derecho — (...). /.../ Sin seguridad, el hombre no puede desarrollar sus fuerzas ni percibir los frutos de las mismas, pues sin seguridad no existe libertad."[9]

Em 1802, em Roma, a serviço do governo da Prússia, entrou em contato com as pesquisas lingüísticas dos jesuítas espanhóis ali exilados. É desse período o texto *Ensayo sobre las lenguas del nuevo continente (América).* Nesse texto, Humboldt alerta para dificuldades no estudo sobre línguas e propõe uma metodologia de trabalho que viria a aplicar na realização de suas pesquisas.[10]

Em 1810, de volta à Prússia, funda a Universidade de Berlim, cujo texto estatutário - *Ueber die innere und äussere Organisation des höheren wissenschaftlichen*

[9] *Idem, ibidem*, pp. 99-122 *passim*.

[10] Manuscrito em francês de 68 páginas *in folio*, arquivado em Tegel. Edição utilizada em tradução espanhola: *Ensayo sobe las lenguas del nuevo continente*. Clección Austral – Coletânea *Cuatro ensayos sobre España y América*.

Anstalten in Berlin , escrito por Humboldt, é, ainda hoje, um exemplo de modernidade educacional[11].

Em 1819 ocupa o seu último cargo na política, como Ministro do Interior, da qual se retira por divergências na elaboração de uma nova Constituição. Morando em Tegel até a sua morte, dedica-se aos estudos sobre as línguas em geral.

Em 1821 termina os três ensaios sobre a Espanha e o país Basco publicados com o título de *Prüfung der Untersuchungen über die Urbewohner hispaniens vermittelst der vaskischen Sprache.* Nestes textos, que são compostos por descrições de viagens, cartas e anotações, Humboldt conta tudo o que viveu e as relações que teve e tudo que aprendeu nas suas andanças pela Espanha. Os textos são muito ricos em detalhes, não deixando perder nada que fosse importante ou pitoresco, demonstrando pespicácia e uma notável capacidade de observação.

Datam de 1822 e 1823 as obras *Ueber den Dualis* e *Über das Entsehen der grammatischen Forme, und ihren Eifluss auf die Ideenentwicklung.*

Entre 1823 e 1830, escreveu, entre muitos outros textos, *Über den Zusammenhang der Schrift mit der Sprache* ["Sobre a conexão da escrita com a língua"], sua *Lettre à M. Rémusat sur la nature des formes grammaticales en général et sur le génie de la langue chinoise en particulier* ["Carta ao Sr. Rémusat sobre a natureza das formas gramaticais em geral e sobre o espírito da língua chinesa en particular"] e sua *Lettre à M. Jacquet sur les alphabets de la Polinésie Asiatique* ["Carta ao Sr. Jacquet sobre os alfabetos da Polinésia Asiática"].

Entre 1831 e 1835, ano em que morreu, escreveu sua obra mais importante, *Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaues und ihren Einfluss auf die geistige Entwicklung des Menschengeschlechts*, também conhecido como "Introdução aos estudos sobre a língua kavi da ilha de Java".[12]

[11] Traduzido para o português no livro *Novas Universidades Alemãs*, de Vandick Londres Nóbrega, 1967.

* * * * *

Para se considerar Humboldt sob o ponto de vista de sua origem, em primeiro lugar é necessário observar as excelentes condições sócio-políticas e econômicas em que nasceu e viveu. Por causa delas, sempre teve os melhores preceptores que a Prússia pudesse oferecer. Isso implica que Humboldt não poderia ter estudado a história e as línguas, nem poderia ter adquirido seus hábitos científicos, se não tivesse passado por essa escola. Este fato é importante, porque as oportunidades de aperfeiçoamento intelectual, nessa época, estavam restritas a um número muito limitado de pessoas. Elas estudavam, ou porque eram ricas, ou nobres, ou porque eram apadrinhadas, ou subsidiadas, pela Igreja. Não se pode, evidentemente, colocar em causa a capacidade intelectual da família Humboldt. Mas Wilhelm encaixa-se perfeitamente nesse esquema: era nobre e rico.

Veja-se o que escreve a tradutora Ana Agud no prólogo introdutório da edição em língua espanhola do texto *Sobre a diversidade da estrutura da linguagem humana*:

> "Los hermanos Humboldt recibieron una esmerada instrucción en su propio hogar, a cargo de diversos profesores, entre los cuales uno, Kunth, administrador también del patrimonio familiar, tuvo una decisiva influencia sobre los hermanos, pues supo suplir inteligentemente sus propias limitaciones trayendo a la casa a colegas renombrados que los formaron en las más diversas disciplinas y al más alto nivel. Una profunda familiaridad con los clásicos griegos y latinos fué parte esencial de su educación humanista, en la que tampoco faltaron amplios estudios de ciencias naturales. En la adolescencia fueron incluso profesores universitarios los que

[12] Edição utilizada em língua espanhola: *Sobre la diversidade de la estrutura del lenguaje humano y su influencia sobre el desarrollo espiritual de la humanidad.* Barcelona, Anthropos, 1990. Tradução de Ana Agud. Essa obra será referida neste texto como *Sobre a diversidade da estrutura da linguagem humana.*

visitaron el palacio de Tegel para ofrecer a los Humboldt una docencia preuniversitaria de altura excepcional."[13]

Deve-se observar que Humboldt é, como não poderia deixar de ser, um homem marcado pelo seu tempo. O período em que viveu se caracteriza pelas "arrumações" políticas. Os reinados que compõem o que hoje se chama de Alemanha estavam envolvidos em guerras, como sempre estiveram. Nesse período, porém, havia as guerras napoleônicas e, em conseqüência de toda essa movimentação militar, ocorrem as unificações territoriais que vão definir a cara geográfica da Europa do século XIX. Somadas, essas guerras e a Revolução Francesa provocaram mudanças substanciais na intelectualidade européia do período. Humboldt conviveu e viveu com os movimentos que formariam o Romantismo.

A ciência (talvez um nome mais apropriado no período fosse "filosofia"), desde o século XVIII, vivia dos membros da elite econômica que se dedicasse a ela. Humboldt e sua ciência são resultantes dessa fórmula. De nada adianta discutir quais são as características da ciência praticada no século XVIII: se existiu uma preocupação científica no período, as suas características foram moldadas pelos aspectos sócio-econômicos do contexto geral. É de se esperar que em qualquer época a inteligência esteja ligada à classe que tem acesso à informação e possa dedicar o seu tempo a coisas que não estejam assentadas exclusivamente na necessidade de sobrevivência.

Então, pode-se dizer, resumindo, que, num mundo (o período em questão) em que a democracia, se ela existia, era apenas uma teoria, não se pode esperar que alguém que não seja economicamente favorecido possa filosofar.

No século XVIII, a ciência havia alargado seus horizontes muito rapidamente. Pouco antes do nascimento de Humboldt fora publicada, na França, a monumental *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers* (1751 e 1752), que recebera a colaboração de 160 escritores e ficara famosa na história das

[13] *Op. cit.,* p. 12.

idéias européias por ter dado origem ao movimento dos chamados Enciclopedistas. Já que não era possível conhecer toda a ciência, era necessário optar por uma parte dela.

É necessário considerar que Humboldt é o resultado das gerações de cientistas anteriores a ele. Comumente se lê nos manuais de história da lingüística que ele sofreu a influência de Kant e de Herder no que parece lógico pensar, por serem eles os principais "filósofos da linguagem" do século XVIII e por terem determinado os rumos das pesquisas posteriores, do mesmo modo que foram determinados por filósofos anteriores. Nesse sentido, não se pode deixar de considerar as influências de Johann Gottfried von Herder[14] e Immanuel Kant[15] sobre Humboldt.

Humboldt conheceu a obra de Herder provavelmente por intermédio de Goethe[16], que fora discípulo de Herder. Herder era especialista em arquitetura. Também havia estudado línguas orientais, sobretudo o sânscrito. Talvez tenha sido ele quem mais tenha colaborado para a literatura, modificadora, de Goethe. Deve ter aberto as portas para a obra de Kant, que muito diretamente influenciou a obra de Humboldt.

A relação da obra de Kant com a de Humboldt está no fato de ambos explicarem os fatos que pesquisaram por meio de uma regularidade física e metafísica, que não busca em Deus ou em forças onipotentes as razões de sua existência. Observa-se isso

---

[14] Herder nasceu em Mohrungen em 25 de agosto de 1744 e morreu em 2 de dezembro de 1803. Em Königsberg, onde estudou teologia e filosofia, entre outros conhecimentos, estudou profundamente a obra de Immanuel Kant. Suas obras mais importantes foram *Fragmente über die neuere deutsche Literatur* e *Volkslieder*, publicadas em 1767 e 1779, respectivamente.

[15] Kant nasceu em 22 de abril de 1724 e morreu em 12 de fevereiro de 1804. Sua educação foi de caráter rigorosamente moralista. Em 1740 foi matriculado na faculdade no curso de teologia; sempre esteve, porém, muito mais atento aos estudos matemáticos, físicos e filosóficos que aos teológicos. De origem simples, chegou a estudar por obra do pastor Schultz, diretor do Collegium Fridericianum. Dedicou sua vida a ensinar e a escrever. Como professor, teve Herder como discípulo. Como escritor, muitos dos seus artigos trouxeram-lhe incompreensão. Quando morreu, sua obra já era bastante conhecida e dava-lhe notoriedade.

[16] Goethe nasceu em Frankfurt-am-Oder em 28 de agosto de 1749 e morreu em 22 de março de 1832. Considerado o maior poeta alemão de todos os tempos. Em 1770 mudou-se para Strasbourg, onde conheceu Herder. Durante 5 anos viveu como discípulo deste pensador, que lhe ensinou o significado da arquitetura gótica. Foi crescendo nele o entusiasmo por Shakespeare. Nesta época conheceu Friderike Brion, inspiradora de poemas que marcaram o início de um novo estilo na poesia lírica alemã. Os poemas líricos de Goethe inspiraram o ensaio *Johann Wolfgang von Goethe's Hermann und Dorothea,* um dos mais importantes ensaios sobre estética do período, publicado por seu autor, Humboldt, em 1800, que tornou o ensaísta uma das maiores autoridades em estética da época.

ao se comparar a obra lingüística de Humboldt, exposta nos capítulos desta Dissertação, e o que Kant afirmou a respeito de sua própria obra[17]:

> "A minha sugestão é semelhante à de Copérnico na astronomia, o qual, não podendo explicar bem os movimentos dos corpos celestes admitindo que todo o sistema sideral girava em torno do observador, tentou se não seria melhor supor que era o espectador que girava e os astros os que se achavam imóveis. Pode-se fazer com a Metafísica um ensaio semelhante no que toca à percepção dos objetos. / Se a percepção deve regular-se pela natureza dos objetos, não compreendo como pode saber-se deles qualquer coisa *a priori*; porém, regula-se o objeto (como objetos dos sentidos) pela natureza da nossa faculdade percepcionante, e então não verei no assunto dificuldade. / Porém, a percepção só se pode tornar conhecimento se for de alguma forma relacionada com o objeto que se determina. Também aqui, por conseguinte, tenho de admitir, ou que os conceitos pelos quais efetuo essa determinação se regulam também pelos objetos (o que me parece que me põe outra vez no mesmo apuro de saber como posso conhecer algo sobre eles *a priori*), ou então reconhecer que os objetos, ou, o que é o mesmo, que a experiência na qual unicamente (como objetos dados) podem eles ser conhecidos se regula por estes conceitos: no que vejo imediatamente uma maneira mais fácil de sair da dificuldade. Com efeito, a própria experiência é uma espécie de conhecimento, que exige a presença do entendimento, cuja regra tenho de supor em mim antes de que nenhum objeto me seja dado, e, por conseguinte, a "priori", que servem, portanto, para regular necessariamente todos os objetos da experiência, e com os quais têm também de se conformar."

[17] Prefácio da segunda edição do seu livro *Crítica*, traduzido para o português na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa/Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, s/d, volume XIV, p. 433.

Deve-se considerar essas observações sobre a interferência da geração **Aufklärung** de Kant e Herder em Humboldt como necessárias, até como referência ao trabalho de Humboldt, que estudou o discurso sob a perspectiva histórica ou seja, aquilo que as gerações anteriores fizeram ou não, determina o comportamento daquela geração que se estuda.

Esse é Humboldt: um nobre prussiano rico, que viveu um período de abalos sociais e definições políticas, resultante de uma sociedade elitista que vive momentos de libertação. Mas não apenas isso. Humboldt se mostra de uma perseverança comovente: dos oito filhos que teve, quase todos morreram ainda na infância de febres e infecções epidêmicas. Sua persistência e sua inteligência, nas visitas às bibliotecas de Roma, Paris, Viena e de todos os lugares em que esteve, tornaram-no dono de uma cultura, principalmente lingüística, quase que universal, além de colocá-lo em contato com as mentes mais atuantes de seu tempo, como mostra o agradecimento, escrito por seu irmão Alexander von Humboldt no epílogo da publicação póstuma do texto *Sobre a diversidade da estrutura da linguagem humana e sua influência sobre o desenvolvimento espiritual da humanidade,* a todos os amigos que colaboraram na revisão e na correção daquela publicação. Alexander von Humboldt menciona (e Ana Agud transcreve seus nomes no prefácio da edição espanhola[18]), entre outros, August Wilhelm von Schlegel, G. Hermann, Silvestre de Sacy, F. H. W. Gesenius, Eugène Burnouf, Christian Lassen, Du Ponceau, J. Pickering, Rosen, P. von Bohlen, Stenzler, J. P. Abel Rémusat, J. Klaproth, G. Parthey, François Champollion, August Friedrich Pott, Richard Lepsius, G. Parthey, Schulz, Böckh, van der Capellen, Graf von Minto, Roorda van Eysinga, A. Johnston, W. Marsden, Jacquet, Mayen, Meinicke, A. von Chamisso.

[18] *Op. cit.,* p. 16.

Ao mesmo período e processo vividos por Humboldt pertencem, entre outros, também Franz Bopp[19], os irmãos Schlegel[20] e também Adelung[21]. René Gérard, no livro *L'Orient et la pensée romantique allemande,*[22] chama o interesse desses escritores pelo sânscrito, pelo chinês e por outras línguas orientais de "orientalomania romântica". Pode-se entender por "orientalomania" a quase que obrigatoriedade que os estudiosos do período sentiam de estudar o sânscrito e, menos um pouco, o chinês.

Gérard fala na relação que os textos da literatura indiana mantêm com os ideais românticos, satisfazendo os interesses dos românticos alemães. A religião hinduísta, que é monoteísta, favorecia as comparações com os hábitos religiosos da Antigüidade clássica ocidental. Essas descobertas vão modificar, até um certo ponto, as concepções que o Ocidente tem de si mesmo. A história da Índia antiga levava os ocidentais até um passado até então nunca alcançado, desfazendo dogmas sobre a origem dos ocidentais, que acreditavam ser o hebraico a única língua originária.

Essas questões estão presentes na obra de Humboldt. Ele argumenta ser improvável a possibilidade de uma língua originária ter chegado até ele, ou sua época, e que as línguas da Antigüidade clássica ocidental poderiam ter uma origem parecida com a das línguas neolatinas.

Então, é com a compreensão de que o ser humano é sempre uma composição do que o cerca e de que ele está amarrado à história que se procede aqui à leitura da obra lingüística de Humboldt; tentando respeitar seu alcance, suas intenções ou seus valores morais e religiosos, etc., e não os julgar, e procurando entender o que de essencial, para a lingüística, fez Humboldt.

---

[19] Bopp nasceu em Mainz em 14 de setembro de 1791 e morreu em 23 de outubro de 1867. Em 1812 foi para Paris, onde estudou sânscrito. Em 1816, publicou *Über das Conjugationssystem der Sanskritsprache in Vergleichung mit jenem der griechischen, lateinischen, persischen und germanischen Sprache.* Seu objetivo era descobrir traços comuns entre essas línguas (grego, sânscrito, latim, persa e alemão). Mais tarde, publicou *Vergleichende Grammatik des Sanskrit, Zend, Griechischen, Littuanischen, Altslavischen, Gothischen, und Deutschen,* entre outros ensaios sobre gramática comparada.

[20]

[21]

[22] Paris, Marcel Didier, 1963.

CAPÍTULO UM

OS AVANÇOS TÉCNICOS DE WILHELM VON HUMBOLDT

Neste capítulo, o que se fez foi, a partir de um conjunto de livros escritos por Humboldt, todos versando sobre o estudo das línguas em geral, um relatório/resumo

daquilo que de mais importante e notório esse cientista escreveu. Em vários pontos do trabalho certamente serão difíceis de serem estabelecidos os limites do que é texto original de Humboldt e do que é explicação do autor desta Monografia. Tampouco se acreditou que essa separação devesse ser feita: o trabalho limitou-se a expor com a maior fidelidade possível as idéias de Humboldt, utilizando-se os seus termos, evitando-se dar nomes atuais para aquilo que evidentemente ele percebeu e conceituou, mas não nomeou.

Não é difícil pensar que toda a obra de Wilhelm von Humboldt está ligada à tentativa de estabelecer uma origem, ou os pontos básicos da evolução das línguas que estão ligados ao processo de desenvolvimento gramatical do pensamento. Porém, a obra de Humboldt vai muito mais além: valendo-se constantemente da reflexão sobre a evolução das línguas e estudando longamente essa evolução, o que Humboldt estuda é o conjunto de fatores que compõem a língua, na qual somente existem por alguma razão de natureza histórica. Desse modo, Humboldt utiliza dados relativos a uma visão diacrônica das línguas para melhor estabelecer um ponto de vista sincrônico-teórico sobre a língua.

Na introdução aos estudos sobre a língua kavi, livro chamado *Sobre a diversidade da estrutura da linguagem humana e sua influência sobre o desenvolvimento espiritual da humanidade*, Humboldt vincula o desenvolvimento espiritual e lingüístico dos humanos aos movimentos e condicionamentos exteriores às suas vontades. Nessa obra, Humboldt estabelece parâmetros entre as distribuições geográfica e lingüística dos seres humanos na Terra, interessando-lhe apenas, evidentemente, as questões lingüísticas.

O que Humboldt provou é que há fatores do comportamento exterior e interior dos seres humanos, como guerras, unificações territoriais, movimentos intelectuais, etc. que colaboram para a diversificação dos costumes e comportamentos e levam a uma diversificação lingüística.

A explanação sobre a evolução gramatical das línguas, segundo Wilhelm von Humboldt, parte de dois importantes conceitos: o conceito de forma gramatical (ou aquilo que nas obras de Wilhelm von Humboldt é denominado "forma gramatical") e o fato de que as línguas são a matéria que apresenta o pensamento, estabelecendo como o conceito veiculado pelos sons deve ser tomado nas frases.

As formas gramaticais servem de medida do grau de desenvolvimento da capacidade de criar-pensando dos povos que falam determinada língua.

1.1. **MATÉRIA E FORMA**

A palavra divide-se em matéria e forma. "O conceito de forma das línguas vai muito mais além das regras de organização do discurso, e até mesmo das regras de formação das palavras"[23], afirma Humboldt, com certeza referindo-se a afirmações do seu tempo.

Até então, início do século XIX, entendia-se "forma" como o conjunto de regras que coordenam a formação do discurso. Para conceituar forma, segundo seu ponto de vista, Humboldt estabelece uma distinção entre "forma da linguagem", "forma da língua" e "forma gramatical".

Estabelecendo com precisão três tipos puros de línguas possíveis na humanidade, Humboldt afirma que em cada contexto varia o modo como o discurso se forma. Forma, para Humboldt, é, então, o modo como os conceitos se formam e o modo como esses conceitos devem ser entendidos nos discursos produzidos no respectivo contexto.

O discurso é a ação de comunicar, de realizar a língua; é a materialização da língua. Na palavra, a matéria lingüística corresponde sempre a uma forma, e a matéria varia de acordo com aquilo que se entende como forma.

Como exemplo Humboldt toma o radical palavras básicas em oposição às declinações, que são formas, que neste caso correspondem aos mecanismos gramaticais que compõem junto com as palavras básicas a "palavra" dentro do discurso.

Se uma "palavra" é tomada de empréstimo por uma língua, ela virá composta da "matéria" mais "forma" da língua de origem; esta palavra, porém, tornar-se-á matéria, que se oporá à forma da língua que emprestou.

Não há matéria sem forma, porque esta é a orientação expositiva das idéias, e este trabalho começa na junção dos primeiros elementos em que se assentam as idéias, ou

[23] *Sobre a diversidade da estrutura da linguagem humana*, p. 68.

seja, os sons articulados; os conceitos emanam de impressões captadas do mundo sensível, que estão na base da origem das palavras. Na formação da palavra conspira "o conjunto de impressões sugeridas pelo mundo e os sons gerados por estas impressões".

A matéria é a soma de impressões sensíveis e sons em geral mais as interferências culturais que a língua traz e de que é expressão.

A forma da língua começa na organização e na escolha dos sons e de suas naturezas: no conceito de forma "nenhum fato casual ou individual deve ser desprezado, desde que nele se descubra um método de fazer língua".

Uma forma, segundo a exposição de Humboldt, deve dar a conhecer o modo específico de que cada língua, como meio de expressão de sua nação, se serve para veicular idéias.

1.2. **LÍNGUA, POVO, PENSAMENTO ABSTRATO E ESPÍRITO NACIONAL**

1.2.1. LINGUAGEM, PENSAMENTO E ESPÍRITO NACIONAL

Humboldt circunscreve a língua a limites espaciais exatos quer dizer, geográficos, culturais e históricos. Como ele mesmo afirma, "A língua é sempre a emanação espiritual de uma vida nacionalmente individual".[24] Assim, a língua reflete as características que são externas ao indivíduo e que interferem no seu comportamento e nas suas sensações individuais.

O espírito nacional é o conjunto de sensações, hábitos e fatos históricos a que os indivíduos de uma nação estão conjuntamente expostos. Mesmo que alguns destes fatores, entretanto, sejam variáveis de indivíduo para indivíduo, parte deles age conjuntamente e, ao mesmo tempo, em todo o coletivo, como por exemplo os fatores históricos. E os indivíduos, por estarem sob a interferência de fatores iguais, reagem de

[24] *Idem ibidem*, p. 68.

maneira semelhante, e estas semelhanças gerarão novas semelhanças, até que se produza uma identidade comum para os membros do grupo.

A nação é um espaço territorial povoado com eventos sociais, históricos e culturais que atingem a todos os indivíduos, que vêem e tendem a observar a realidade de uma maneira semelhante. Desse modo, os indivíduos sempre se apresentam com dois comportamentos: o indivíduo precisa do coletivo para se encontrar e se estabelecer no mundo e, ao mesmo tempo, está sempre buscando se diferenciar dos outros e do coletivo.

O indivíduo age assemelhando-se ao coletivo: em primeiro lugar, porque foi treinado neste coletivo e se baseia nele para se identificar; em segundo, porque esse coletivo constantemente se reafirma dentro dele. Individualmente, age contradizendo o coletivo, determinado pela própria natureza do indivíduo**.** A língua é coletiva e individual ao mesmo tempo, uma vez que é o veículo imediato da ação do indivíduo no mundo e criadora do indivíduo.

Considerando que o coletivo mais definido das aglomerações humanas é a nação, a língua permanece trancada dentro da nação, servindo aos indivíduos: este é o mais definido dos seus caracteres.

O espírito nacional é obra do pensamento dos indivíduos. Um determinado povo gosta de determinados jogos, cultiva determinadas paixões, comporta-se em relação a aspectos culturais de uma maneira semelhante em todos os pontos do território nacional: quando exposto a fenômenos naturais específicos, procede segundo determinados tipos de comportamento.

Assim, o pensamento é constantemente determinado pelos fatores que integram o espírito nacional: seres que compõem uma mesma nação pensam coletivamente de maneira semelhante.

Humboldt assinala que o pensamento produzido é o fruto do espírito nacional, das forças que emanam da alma dos indivíduos. A língua é o molde ao qual o pensamento se adapta para sair e é o primeiro produto da sua criação. A partir desse

conjunto, a língua é a imagem do espírito nacional: ela reflete tudo o que está na alma dos indivíduos de uma nação; ao mesmo tempo, é através dos indivíduos e de seus pensamentos que a língua se refaz constantemente e se renova no espírito nacional presente nos indivíduos.

> "Las leyes mencionadas no son, pues, sino las vías por las que discurre la actividad del espíritu al crear lenguaje; o recurriendo a un símil distinto, son los moldes con los que esta actividad imprime su forma a los sonidos. No hay fuerza interior del hombre que sea tan profundo, tan sutil, tan abarcante que no pase al lenguaje y no se haga reconnocible en él. Por eso la excelência intelectual de una lengua depende del grado de orden, firmeza y claridade de la organización espiritual de cada pueblo en el tiempo de su formación o transformación; la lengua misma es imagen y expresión inmediata de ello."[25]

Quanto mais abandonada ao seu destino estiver uma nação, mais individuais serão suas características e mais diferenciada será a sua língua. Os fatores que a compõe são, portanto, os principais responsáveis pela diversificação das línguas**.** Língua e pensamento interagem constantemente. Dada a simultaneidade e a reciprocidade dessa interação, língua e pensamento atuam entre si como modificadores e revitalizadores.

O pensamento precisa de elementos lingüísticos para existir e, para que exista pensamento, deve existir língua, e vice-versa. Assim, conforme um indivíduo vai sendo exposto a um determinado assunto, ele pensa cada vez melhor à medida que conhece mais sobre esse assunto: quanto mais pensa, mais capaz ele se torna de compreender esse discurso.

[25] *Idem, ibidem*., pp. 115/116.

Não é absolutamente necessário o conhecimento específico para a produção do pensamento. Quando alguém tem sua capacidade lingüística elevada a um alto nível, não importará o conhecimento específico: ele sempre será capaz de realizar e de compreender pensamentos, qualquer que seja o assunto.

A língua oferece recursos para o desenvolvimento do pensamento. Segundo Humboldt, o discurso se divide em "objetos da língua" e "formas do pensamento".

São objetos lingüísticos aquilo que reflete o que se encontra dado na natureza: nomes e ações. Eles são a base da formação das línguas já que no princípio de origem das línguas os objetos lingüísticos são referências a coisas concretas, e toda língua "originária" começou com nominalizações. Assim, esses objetos lingüísticos dão a conhecer a realidade que rodeia os indivíduos. Logo**,** toda língua reflete o mundo que rodeia os indivíduos.

As formas do pensamento são as formas gramaticais e de linguagem. Com o despertar da capacidade de pensar, existindo já recursos lingüísticos, e levado pela necessidade, o pensamento passa a criar mecanismos que elevam a precisão da mensagem, criando recursos que determinam o local do discurso e como os objetos lingüísticos devem ser empregados e entendidos.

Tudo o que faz parte do discurso, mas que não se encontra dado na natureza, são formas que o pensamento criou e aperfeiçoou ao longo do tempo para facilitar a produção do discurso e a facilidade de criar-pensando.

Levando ao extremo esses fatos, quanto mais perfeitos forem os recursos gramaticais existentes em uma língua, mais capazes serão seus falantes de criar; quanto mais o pensamento estiver amadurecido em uma língua, mais perfeita ela será.

Se o pensamento age na língua como agente aperfeiçoador, e se o indivíduo só é capaz de pensar com recursos da própria língua, é compreensível que as fórmulas já existentes na língua atuem como um agente repressor contra mudanças: nenhuma língua suportaria uma mudança radical, e todo falante atua como um agente modificador. Na

junção dessas duas hipóteses, todo falante é um recriador, um revitalizador e um regenerador da língua: a cada instante do discurso, tudo é reorganizado, nada é novidade.

Não se deve esquecer que pensamento e língua compõem, cada um, uma parte do espírito nacional. Qualquer fórmula de pensamento, qualquer regra da língua, estão sempre submetidos às impressões sensíveis. Por isso, uma mudança na língua é só uma reformulação daquilo que sempre existiu.

Para que o pensamento seja mais criativo, a língua deve estar apta para concebê-lo. A língua, portanto, detém os recursos que possibilitam a criação pelo pensamento. Segundo esta concepção, quanto mais desenvolvida for uma língua, melhor suporte para o pensamento ela será.

O desenvolvimento da língua está atrelado àquilo que o pensamento, ao longo da existência daquela, a submeteu em termos de reorganização e aperfeiçoamentos gramaticais.

As formas gramaticais são o caminho que o pensamento criou para realizar o conceito: quanto mais exatas forem as formas, mais precisos serão os conceitos da língua.

Assim, uma língua que apresente um desenvolvimento gramatical elevado oferece ao pensamento maiores recursos para que ele se realize, e o pensamento colabora com revitalização e modelação constantes dos recursos apresentados pela língua.

Nesse processo, a literatura, cujos passos a língua sempre segue, exerce grande influência.

A literatura é o mais perfeito dos exercícios discursivos. É o registro do pensamento dos homens, carrega o pensamento abstraído por um homem de idéias mais claras e torna possível que outros homens menos iluminados se apossem daqueles pensamentos, daquele discurso. Quanto mais desenvolvida for a literatura, melhores recursos possui a língua, mais o pensamento será beneficiado. A literatura tende a ser o registro das idéias, que atingem os homens em larga escala, e dessa maneira a língua e o pensamento se aperfeiçoam. Nesta troca de recursos, pode-se ter uma idéia exata da

importância do aperfeiçoamento lingüístico do povo para qualquer nação. É imensurável o quanto ganha a nação quando o povo, de um modo geral, domina todos os recursos da língua. E é neste sentido que está a importância do ensino da língua materna para o povo.

A expressão das idéias somente é possível quando há recursos lingüísticos. Na sua ausência, o pensamento não se forma, e a nação estará perdendo o que tem de melhor: a inteligência do seu povo. Línguas com melhores recursos facilitam o trabalho do pensamento: quanto mais precisas forem as formas gramaticais de uma língua, mais fácil e melhor será o trabalho do pensamento. Neste sentido, afirma Humboldt que a perfeição lingüística requer flexão, porque nas flexões os conceitos ficam precisamente estabelecidos: o trabalho do pensamento fica facilitado, uma vez que tanto as palavras quanto as relações entre palavras e orações e frases ficam elevadas ao mais próximo possível da precisão conceitual. Enquanto outros métodos deixam para o pensamento grande parte deste trabalho de compreensão do conceito, a flexão dá o sentido pronto no ato de concepção e produção do discurso.

Cabe aqui esclarecer que nenhuma língua é considerada por Humboldt como superior a outra: todas as línguas são capazes de expressar qualquer pensamento, desde que o pensamento esteja desenvolvido. Parafraseando Humboldt, alguém que teve seu pensamento desenvolvido em uma língua qualquer, se aprender uma língua de povos selvagens, desacostumados do ato do pensamento abstrato, e a despeito da carência do vocabulário, este indivíduo será capaz de realizar com a mesma precisão os seus pensamentos na nova língua. E, apesar da influência que exerce sobre o pensamento, não se deve julgar a excelência de uma língua tomando-se como medida um espírito que não tenha sido formado exclusivamente dentro dela. A língua é um objeto inanimado e passivo. Por isso, deve ser considerada na medida mesma em que realiza o intuito de expressão de seus falantes. Um falante desenvolvido em outra cultura certamente criará formas estranhas na língua nova, na medida em que introduz um sentido completamente diferente daquele que

um nativo sem influências produziria. Neste sentido, todas as línguas, no que apresentam de essencial, são iguais em méritos e defeitos.[26]

1.2.2. LÍNGUA, POVO, PENSAMENTO ABSTRATO

Quando uma língua atinge um grau elevado de excelência gramatical, isso significa que o povo que a fala está acostumado ao exercício do pensamento abstrato. Invariavelmente, quando uma língua possui recursos que possibilitam qualquer ato de ciência ou filosofia, isso significa que seu povo falante também possui esses elementos

Se se retomar o caso citado de uma língua selvagem, poder-se-á perceber que, em síntese, todas as línguas estão dotadas dos mesmos recursos e que todas as línguas estão aptas para suportar qualquer ato do pensamento. As diferenças entre uma língua assim e uma língua desenvolvida na ciência e na filosofia é justamente o fato de a primeira não ter passado pelo ato do pensamento abstrato, ou seja, a não existência das ciências nessa língua.

Entretanto, isso não significa que povos que têm línguas pouco desenvolvidas na abstração não sejam capazes de pensar abstratamente. Há uma gama de razões que confluem para o desenvolvimento desses fatores nas línguas: necessidade física ou de sobrevivência, guerras, origem da língua, etc. A ausência desses impulsionadores gera a estagnação ou o não-desenvolvimento. Quando em contato com outros povos de línguas desenvolvidas e acostumados aos elementos da cientificidade, esses povos não-desenvolvidos adquirem com total facilidade observadas as questões de aculturação as características da nova língua e a ciência.

Chega-se assim a um entrelaçamento entre língua e pensamento que, como Humboldt explica, nunca se consegue explicar por completo. Por mais próximo que se

[26] *Sobre a origem das formas gramaticais e sobre sua influência no desenvolvimento do pensamento,* pp. 9-10.

chegue, sempre restará algo inexplicável. Certo é que a língua, o pensamento e o discurso, como fruto dos dois, são elementos que brotam da alma dos indivíduos, e são como a vida: inexplicáveis.

1.3. **SOCIEDADE: CULTURA E CIVILIZAÇÃO**

A civilização e a cultura não levam ao desenvolvimento da língua. Línguas de povos não civilizados podem apresentar características consideráveis superiores às de outros povos mais civilizados.

> "Con frecuencia se atribuye a la civilización y a la cultura lo que ni la una ni la otra pueden por sí mismas producir, sino que es obra de una fuerza a la que ellas mismas deben su existencia. Por lo que hace a las lenguas, es una idea del todo habitual atribuir a aquéllas todas las excelencias y todos los ensachamientos del dominio de éstas, como si se llama a consejo a la historia, se hallará que por ninguna parte se confirma un tal poder de la civilización y la cultura sobre el lenguaje."[27]

"As características de uma língua nascem da força espiritual do povo que a fala. A civilização e a cultura levam a uma humanização dos povos, mas elas, como a língua, são frutos do espírito e brotam da energia vital que impulsiona os atos humanos"[28]. Mas, na verdade, Humboldt não descarta a ação da civilização e da cultura sobre a língua: para que a palavra exista é necessária a existência clara do conceito, pois a palavra é só uma expressão deste. Como a cultura e a civilização são produtos do pensamento abstrato, e dado que este exista, elas impulsionam o pensamento e, sendo o pensamento produtor e

[27] *Sobre a diversidade da estrutura da linguagem humana,* pp.40-41.
[28] *Idem, ibidem.,* p. 44.

produto da língua, elas atuam como desenvolvedoras da língua. No entanto, se as línguas forem observadas só por este prisma, cair-se-á num erro de julgamento. Basta observar alguns exemplos históricos.

A ilha de Java recebeu influência da cultura da Índia antiga, que falava sânscrito, uma língua de excelência gramatical louvável e altamente civilizada. No entanto, a língua falada na ilha de Java permaneceu na imperfeição e na falta de recursos para o ato do pensar abstrato e, ao contrário, o sânscrito, língua nitidamente desenvolvida, perdeu ali suas características e seus recursos.

Os incas, povo que viveu no Peru, foram indubitavelmente o povo mais desenvolvido na ciência, na sociedade e na filosofia dentre os povos autóctones das Américas. Mas sua língua, imposta por guerras e invasões a outros povos do continente, está muito distante do grau de excelência gramatical da língua dos astecas, povos que viveram no atual território do México.

É notório que as forças que regem o desenvolvimento de uma língua estão intimamente ligadas ao espírito nacional. Este sim é o que gera a necessidade de pensar e também o aperfeiçoamento lingüístico, porque está na base do indivíduo e na base da sociedade de que faz parte, e é nele que se instala e é dele que emana a força que move o povo.

Tão fortemente age o espírito nacional, impulsionando o desenvolvimento cultural, que mesmo línguas que adotam um método lingüístico que não favorece o pensamento podem chegar à perfeição cultural e levar este método ao extremo da exploração e da conceituação lingüísticas, resolvendo os problemas da imprecisão da correspondência dos conceitos com as expressões.

O chinês faz uso de um sistema próprio de organizar o discurso que pode gerar ambigüidade. Sua metodologia, porém, ao longo do tempo, foi sendo submetida ao pensamento abstrato, levando este sistema a ser capaz de suportar qualquer ato do pensamento.

O espírito nacional define-se, assim, como o conjunto de formas culturais das quais o pensamento nacional e a língua nacional fazem parte. Os cidadãos de uma nação estão intimamente ligados pelos aspectos da língua e pelos fatos que os rodeiam. Por isso reagem mais ou menos homogeneamente em relação a coisas iguais. Num território, um grupo fica exposto a recursos, problemas, manifestações artísticas e sociais, etc. iguais. Como forma de expressão possuem uma língua comum, que apresenta características sociais e artísticas comuns a todos os falantes, selecionadas pelo seu povo entre outras possibilidades sócio-culturais ao longo da história e no momento de produção do discurso. Assim, povo, língua e pensamento (fatos sócio-culturais) formam um conjunto interdependente em que um reconhece o outro, espelha-se no outro e é refletido pelo outro.

Um povo tem, em um determinado ponto histórico, uma língua que espelha o espírito nacional, porque apresenta a história sócio-cultural desse povo, que possui um pensamento desenvolvido segundo a história e o momento social. Esse pensamento atua na língua e no espírito nacional através da língua e pela língua: através da língua, porque ela veicula as idéias; pela língua, porque toda criação sócio-cultural passa a integrar a língua e o espírito nacional, pois tudo tem que ser materializado na língua antes de se materializar no mundo das coisas. Entretanto, deve-se observar que, para criar, o homem sempre parte de uma realidade: ele, portanto, não cria manifestações sócio-culturais, ele simplesmente refaz o que já existia.

1.4. **MUDANÇAS E EVOLUÇÃO DAS LÍNGUAS**

> "La fuerza del espíritu, que desde la profundidad y plenitud de su interior impone su acción sobre el curso de las cosas de este mundo, es el verdadero principio creador que rige la evolución a un tiempo escondida y misteriosa de la humanidad."[29]

[29] *Idem, ibidem.,* p. 35.

No capítulo anterior ficou claro o quanto a língua é interior e dependente dos indivíduos. No entanto, existe na língua uma parte que se impõe aos indivíduos, ou seja: ela possui uma vida externa, independente dos falantes, que se mescla com a interior.

Para se formar, as formas originárias requerem uma divisão do povo falante.

A força exterior age como unificadora e, no momento em que houver uma divisão de qualquer natureza no povo, a tendência é que outros setores da existência nacional comecem a se dividir. Como a língua reflete o espírito nacional, ela se dividirá em modelos diferentes em número igual aos grupos existentes.

Em síntese: para que ocorram novas formas é preciso que em um dado momento ocorra no povo uma ruptura que leve à formação de um novo caráter. Essas rupturas estão vinculadas a determinados períodos da humanidade, e o aparecimento de novas línguas está vinculado a determinadas fases da espécie humana, estando os homens individualmente propensos a estas mudanças, o que faz pressupor uma mudança coletiva de valores, geralmente radicalizada por fatores externos.

Se se pensar na história das línguas conhecidas, ver-se-á que seus nascimentos estão atrelados a guerras, invasões e extermínios de povos, etc. que provocam uma destruição do espírito nacional e a língua não suporta mudanças radicais.

> “Pues por muy interior que sea el lenguaje, y lo es sin duda alguna, posee sin embargo también al mismo tiempo una existencia independente, externa y que hace violencia al hombre mismo. El nacimiento de tales formas originarias presupondría en consecuencia un grado de excision entre los pueblos que ahora, en ventajosa conexión con le superior estímulo alcanzado por la fuerza del espíritu, ya no es pensable; más aun, parece más probable

que la irrupción de lenguas nuevas en general haya estado vinculada a una determinada fase tanto de la especie humana como del hombre individual."[30]

Os falantes de uma língua, individualmente, são levados a cultivar e a se abrirem a novos valores e então novas sociedades se organizam em novos espíritos nacionais.

Toda violência cultural leva à destruição do espírito nacional que dava força à língua existente, ocorrendo no povo uma limitação extremada das necessidades de contatos e do espírito. Por isso, as formas nascentes geralmente partem do mais simples e são muito limitadas. No ato de concepção da língua, porém, atuam fatores ligados ao espírito nacional que se desfez e que se refaz, e neste momento a língua nascente já terá tudo aquilo que nela poderá ser criado.

É a força do espírito que, desde a profundidade e a plenitude do seu interior, impõe sua ação sobre o curso das coisas do mundo, sendo ela o verdadeiro princípio criador que rege a misteriosa evolução da humanidade e que pode permanecer escondida durante um certo período. Mas sempre será capaz de reacender a força da criação, e sua manifestação em geral acontece num tempo desconhecido, e sempre permanece em parte inexplicável.

..[31]

Esta força espiritual atua na língua durante toda a sua existência. É por isso que se tem a impressão de que ela permanece escondida em períodos de estabilidade, vinculados a momentos de isolamento da nação, em que o pensamento abstrato passa por

[30] *Idem, ibidem.,* p. 34.
[31] Idem, ibidem., p. 35.

momentos de apatia; com o surgimento de algo novo, porém, a força espiritual reaparece e se reaquece.

São exemplos as línguas do ocidente europeu, descendentes da língua de Roma, e nelas está a essência da arte poética da língua-mãe, cuja base está reproduzida nos espíritos que surgiram, como um reaquecimento da vida que terminava.

..[32]

Em casos, porém, em que essa manifestação foi impedida, nem mesmo o mais nobre da essência conseguiu se manifestar. O grego, que fora mantido no barbarismo durante muito tempo, fragmentou-se e misturou-se a organismos estranhos, e sua força espiritual não chegou a se reativar e se fazer fundamento de um novo princípio vital que desse um impulso novo ao espírito.

...[33]

Os homens sempre se apóiam naquilo que encontram pronto. Por isso, onde falta a nitidez do gênio nacional, a força espiritual não se reacenderá em novas formas, pois, mesmo que não se possa delimitar com clareza a essência dessa força, ela exerce um domínio total sobre a matéria lingüística em geral.

O homem tem como princípio básico da sua existência a criação, e a arte sempre foi uma atividade básica da humanidade. Então, quanto mais clara e enérgica for a história da força espiritual, do passado mais remoto até as mais insanas previsões futurísticas, mais puro e diversificado será o conjunto dos elementos sócio-culturais que vão se formando.

[32] Idem, ibidem., p. 36.
[33] Idem, ibidem., p. 36.

Mas, se a individualidade humana é o caminho que leva ao desenvolvimento das idéias, ela é também uma diminuidora da natureza, uma vez que sempre obriga a escolher um caminho, com a eliminação dos outros. Os homens escolhem caminhos diferentes, princípio individualista que, pela união de todos os homens pela amizade e pelo amor à pátria, faz da humanidade um todo, tornando a individualidade o único caminho que permite aos homens se aproximarem da sempre inatingível totalidade.

..[34]

Na língua se manifestam as mais diversas individualidades, determinadas pela comunicação das aspirações externas e das percepções internas dos indivíduos: na língua está representado o caráter individual e total.[35]

A língua se configura como a manifestação do conjunto dos indivíduos. Estes se identificam como pertencentes a uma mesma nação, ou seja, a um mesmo espírito nacional. Eles se confundem por terem os mesmos desejos sociais e se destacam pelos desejos individuais. Nas ações dos indivíduos a língua, que é uma manifestação coletiva, se reafirma e é modificada. É reafirmada porque nada que entra na língua é estranho a ela; e é modificada por aquilo que, estando latente na língua, pela ação de um indivíduo, se torna língua.

1.5. **AS GERAÇÕES**

....[36]

[34] Idem, ibidem., p. 36.
[35] *Idem ibidem,* p. 39.
[36] Idem, ibidem., p. 47.

A evolução das línguas está ligada aos fatores sócio-históricos, externos às atividades dos povos, e aos fenômenos espirituais que atuam na remodelação da força espiritual e, conseqüentemente, das línguas. Outros fatores, porém, ligados à posição do homem no seu meio passado e futuro, geram avanços ou retrocessos em seu espírito; os indivíduos agem sempre em conjunto com sua espécie, e a organização social atua como um modelador de seus atos.

O indivíduo é sempre um produto e um reflexo daquilo que foram as gerações anteriores, pois uma geração se opõe a outra, sempre na tentativa do avanço espiritual. Esta contradição é gerada pelo comportamento individualista dos seres humanos, que, na tentativa de se oporem ao que lhes é anterior, geram um novo individual que, somando-se a outros indivíduos, cria um um movimento coletivo.

A coincidência dos valores individuais, que gera a totalidade, está no fato de que, de uma forma geral, todos os indivíduos de uma mesma geração foram submetidos às mesmas condições sócio-culturais impostas pelas gerações anteriores. Assim, no interior dos indivíduos agem cruzadamente a força imposta pelas gerações anteriores e o desejo de mudar, gerando o novo no espírito e fazendo o conjunto progredir.

Na arte literária, de tempos em tempos, alguns indivíduos vêem os mesmos assuntos por novas perspectivas, gerando um novo pensamento. O que garante que tais movimentos não se revertam em perdas para a humanidade está nas características básicas do ser humano, que vê os outros como um igual a ele, independente e livre, e nos laços amores que, ligando um indivíduo a outros, fazem os indivíduos retornarem ao coletivo do qual eles tentam se diferenciar.

Com referência à língua, que está à mercê da disposição espiritual da nação, ela será moldada segundo a nação encare a necessidade e o prazer da reflexão e do pensamento abstrato, e/ou prefira o intercâmbio com outros povos, etc. Na primeira hipótese, o desenvolvimento do pensamento da nação corresponderá à perfeição dos conceitos expressos e à precisão do discurso. Na hipótese contrária, certamente grande parte

da composição da língua permanecerá sem desenvolvimento, principalmente na arte e na ciência, gerando uma indisposição na língua para o desenvolvimento inicial desses recursos nas gerações posteriores. Do mesmo modo, se, na primeira hipótese, uma mudança na disposição do espírito nacional pode gerar a degeneração de conceitos já formados, na segunda uma mudançca pode desenvolvê-los. São exemplos as línguas da Antigüidade clássica: Índia antiga, Grécia e Roma (sânscrito, grego e latim).

Esta continuidade e descontinuidade das gerações são sumamente necessárias: somente através do valor que uma geração anterior tem para as posteriores é que se pode medir sua importância no curso da humanidade. É essa realidade que coloca a humanidade em suas gerações sucessivas em períodos mais fáceis ou mais difíceis de atravessar o que contribui para avanços espirituais. Essa inquietude, que joga parte desses conceitos no desconhecido e no inexplicável, é importante para a formação da individualidade, porque gera um fascínio pelo passado e pelo futuro.

Somente por aquilo que uma geração impõe e faz nascer na outra é que se pode medir aquilo que dela foi feito pelas gerações anteriores[37] — e só se consegue explicar uma geração quando ela está no passado, e sempre por aquilo que as gerações posteriores fizeram.

A arte literária é o exemplo: só é possível ter uma idéia do conjunto de um movimento literário quando este já foi substituído. Humboldt exemplifica a questão com o sistema educacional de sua época em oposição ao da Antigüidade clássica.

Vale notar que Humboldt afirma que nossas línguas atuais seriam muito diferentes caso tivessem recebido como influência principal o sânscrito e a cultura da Índia antiga.

...[38]

[37] *Idem ibidem,* p. 50.

[38] Idem, ibidem., p. 52.

1.6. **A LÍNGUA NACIONAL E INDIVIDUAL. A ORIGEM DAS LÍNGUAS.**

1.6.1. A LÍNGUA NACIONAL E INDIVIDUAL.

O indivíduo está sempre vinculado a uma totalidade, o indivíduo compõe com outros indivíduos um todo: uma nação, o grupo a que esta nação se assemelha, a espécie humana. De qualquer ponto que se o estude, sempre estará associado a uma sociedade, tanto do ponto de vista externo quanto do interno. Durante sua existência, o homem sempre se unirá a outros e, para que haja o entendimento, ele utiliza a língua, por meio da qual, exclusivamente, é possível qualquer desenvolvimento espiritual, em qualquer lugar.

...[39]

Por este contato, o homem sabe da existência de aspirações e sensações iguais às suas em outro ser humano e se anima a procurar as suas satisfações.

....[40]

Pode-se dizer que a língua é, para Humboldt, nacionalmente individual: o indivíduo está contido em uma nação e, expurgadas as condições exteriores à nação, ela é comparável a um indivíduo que segue seu caminho, determinado pelo espírito que lhe é peculiar.

Os homens se aglomeram instintivamente em grupos cada vez maiores, e a ciência e a arte são fundamentais na eliminação das diferenças, porque criam similaridades

[39] Idem, ibidem., p. 76.
[40] Idem, ibidem., p. 68.

morais e igualam os povos na cultura e na civilização. No entanto, por mais que se busque o igual, sempre estará presente o diferente, e é justamente a diversidade infinita de tantas individualidades que torna a totalidade em parte inexplicável.

O inexplicável na totalidade é o mesmo na individualidade: a força espiritual que as movimenta. Como o indíviduo sempre pertence a um coletivo, a língua é sempre individualmente coletiva. Individual porque a língua é de imediato a expressão de uma individualidade; e coletiva porque todo indivíduo está encaixado, por sua vez, em um grupo e suas aspirações refletem as aspirações do grupo.

Assim, as ações nem sempre partem de um indivíduo e se instalam nos outros, mas há ações que nascem do coletivo, numa atividade espontânea de todos os indivíduos e de cada um isoladamente. Deste modo, as nações são criadoras de uma língua, no sentido mais autêntico do termo.

Não se deve esquecer, porém, que as línguas estão estreitamente relacionadas com a natureza interna do homem, nascem dessa natureza, do mesmo modo que a intelectualidade de um povo é obra de sua língua. Na verdade, tanto a natureza humana quanto as línguas nascem da alma e esta permanece sempre inalcançável e inexplicável.

...[41]

1.6.2. A ORIGEM DAS LÍNGUAS.

[41] Idem, ibidem., p. 55.

...[42]

Línguas originárias são suposições. Durante milênios uma sucessão de formas lingüísticas vêm se substituindo, e nem mesmo para as formas mais recentes se pode dar uma explicação para seu surgimento e jamais se chegará a ter noção de uma forma verdadeiramente originária.

No período de nascimento das línguas românicas, pode-se observar um grande número de transformações na língua anterior que não podem ser explicadas. Novos métodos discursivos se instalaram, surgidos do método anterior, e isso é uma constatação retirada do todo, sendo impossível a observação em partes, o que tornaria explicáveis tais transformações.

....[43]

A língua emana da força espiritual que determina os sentimentos, os pensamentos e os desejos. Isso coloca o indivíduo no núcleo do conjunto que compõe a nação, atrelando-se a tudo o que é individual e total.

A atividade discursiva, porém, age sobre essa massa, determinando, entre tantas direções, qual deve ser tomada. Essa imposição nasce daquilo que já está dado e existe na língua, que seleciona tudo que lhe é apresentado: só pode ser acrescido aquilo que está de acordo com o já existente.

A língua é, portanto, uma criação nacional, mesmo que parta de criações individuais; é um amálgama de idéias ou uma concepção de mundo, e tudo que estiver atrelado às forças humanas estará incluído nela.

[42] Idem, ibidem., p. 66.
[43] Idem, ibidem., p. 57.

A língua é um todo composto de tudo aquilo que for a história da nação; nasce do modo característico de a nação ver o mundo. Assim, toda língua é o mesmo mundo visto por um prisma diferente.

Desse modo, o indivíduo é levado a conhecer o mundo da maneira como a sua língua materna o descreve; uma vez conhecedor desse mundo, passa a agir nele. No entanto, a obra das nações precede a dos indivíduos e sucederá a eles mas ambos estarão simultaneamente determinados pelas ações de ambos.

....[44]

A língua se divide em duas manifestações espirituais diferentes: uma forma externa e uma forma interna.

A manifestação espiritual dos seres se dá em níveis diversos, mas eles se resumem em dois níveis básicos: individual e total (grupal, nacional). Cada manifestação espirital forma um todo: um homem sozinho ou uma nação são indivíduos com características espirituais particulares, que se manifestam através de uma língua, que tem, portanto, uma forma interna e uma forma externa. A existência de ambos, porém, só pode ser comprovada e estudada através da forma externa.

A língua é algo estranho à alma e ao mesmo tempo pertencente a ela, e na forma externa da língua se juntam estes contrários, determinando as suas peculiaridades. Ela é independente e dependente da alma, porque exerce uma pressão formadora e é produto da subjetividade do indivíduo. Exerce uma pressão formadora na medida em que todas as suas partes jamais estão prontas e acabadas, e tudo aquilo que permanece inerte nela deve ser sempre regenerado no pensamento e sempre entra novamente na fala e na compreensão com vida própria e, assim, torna-se individual porque, quem regenera algo, o

[44] Idem, ibidem., p. 59.

faz a seu modo. Nenhuma renovação, porém, escapa àquilo que a língua cria ou criou: as suas leis são incorruptíveis.

Contradizer-se é próprio da natureza humana. O que procede de mim é o que está em conjunção comigo. Aqui se fundem os conceitos de sujeito e objeto, dependência e independência. A língua pertence ao indivíduo, porque ele a realizou como somente ele o faz, e o fundamento de fazê-lo está no modo como aprendeu a fazer com as gerações anteriores, numa seqüência linear ininterrupta. A própria língua impõe essa condição, mas o que ela é foi criado por uma natureza humana parecida com a do indivíduo que a renova agora. Por isso, somente causa estranheza na língua total aquilo que é momentaneamente individualidade.

Se se pensar que cada geração sofre a pressão conformadora de tudo aquilo que sua língua experimentou ao longo de sua existência secular, e pensando que somente a geração que vive o momento preciso entra em contato com a força momentaneamente atuante, e considerando que as gerações se misturam, então se pode ter uma idéia da debilidade da força individual perante a força total: na língua o indivíduo é evidenciado como parte do conjunto da espécie humana. E cada um segue agindo na língua constantemente, e cada geração produz modificações que nem sempre ocorrem nas palavras ou na gramática, mas na maneira de usá-las.

É preciso considerar que a ação do indivíduo na língua é fundamental, e isso fica mais evidente quando, por analogia, se atribui individualidade à língua, que não possui individualidade: a individualidade está em quem fala, que, portanto, se caracteriza pela individualidade.

Num ato de fala, quando dois indivíduos escutam uma palavra, jamais o pensamento de ambos a compreenderá exatamente do mesmo modo: sempre haverá, mesmo que pequena, alguma diferença, e este princípio se espalha por toda a língua.

....[45]

Assim, a língua exerce um princípio de regularidade no indivíduo por intermédio de sua estrutura: a forma e o indivíduo oferecem à língua um princípio de liberdade. O homem pode trilhar na língua um caminho nunca antes experimentado por nenhuma inteligência, e não se pode roubar da língua sua natureza nem esquecer a verdade histórica da sua transformação e da sua origem. Por mais que isso seja inexplicável, de forma alguma se pode negar que tais fatores estão sempre ligados aos limites da liberdade, que faz suas próprias fronteiras.

1.7. **AS MUDANÇAS FONÉTICAS E OS SONS DA LÍNGUA**.

1.7.1 AS MUDANÇAS FONÉTICAS.

....[46]

As transformações fonéticas estão submetidas a duas leis que se opõem e se apóiam.

A primeira delas é a natureza orgânica do aparelho articulatório e seu funcionamento em conjunto, em que atua a natureza dos sons a serem articulados: se esses sons são fáceis ou difíceis de serem pronunciados, e a proximidade articulatória dos sons da língua com os quais o novo som entra em contato. A tendência é sempre afinar os sons uns nos outros para facilitar a pronúncia. Por conseguinte, ao se aprender uma língua estrangeira, há uma tendência a aproximar as regiões de articulação de sons desconhecidos na língua nativa da região de sons conhecidos.

[45] Idem, ibidem., p. 65.
[46] Idem, ibidem., pp. 96-97.

A segunda lei atua nas mudanças fonéticas: é interna, dada pelo princípio espiritual da língua, que tem desde sua origem, escolhidos, os sons que compõem a massa acústica (muito raramente, uma vez que ela já esteja totalmente constituída, um som vem a ser introduzido na língua).

O princípio espiritual atua como regra inibidora dos órgãos articulatórios. As mudanças estarão sempre submetidas àquilo que já existe na língua, impedindo modificações estranhas por facilidades articulatórias.

Essas duas leis se complementam e se contrapõem harmoniosamente, e, se a designação de um objeto obriga a uma conexão nova de sons, o princípio espiritual admitirá novas arrumações orgânicas. Se o princípio vital desaparece, porém, o princípio orgânico se impõe. "Quando o princípio vital desaparece de um corpo vivo, são as reações químicas que tomam conta dele, levando-o à degeneração."[47]

As leis de mudanças fonéticas atuam durante toda a história da língua, e em três partes: na formação das raízes, nas palavras que dessas raízes derivam e na relação final entre essas palavras no discurso. Explicando: na formação das raízes, para que novos sons fora do contexto da língua não perturbem sua harmonia interna; nas palavras derivadas dessas raízes atuam também fatores de semelhança semântica (conceitos parecidos são designados com sons parecidos, essa é uma característica própria da articulação); finalmente, atuam na organização sonora entre as palavras, preservando e assinalando as suas unidades.

Por meio de uma análise completa da língua se chega a estabelecer com precisão estes processos, e neste ponto é possível determinar as linhas gerais da evolução das línguas.

As mudanças afetam tanto os sons consonânticos quanto os vocálicos, e na composição das palavras se pode observar a preferência de uma língua por sons do primeiro ou do segundo tipo, tanto na formação geral do falar quanto em situações específicas. O

[47] *Idem ibidem,* p. 97.

sistema de mudanças faz que a língua, além de aperfeiçoar seu sistema fônico em si mesmo e nas relações internas destes sons, não permita que ocorra um abandono da raiz originária. Pode-se reconhecer no elemento transformado uma necessidade semântica: na derivação sempre deverá estar presente o elemento-base sonoro que permite a designação, ou seja, a raiz, e o não-reconhecimento com facilidade da raiz pode ser um obstáculo ao reconhecimento dos conceitos designados, e certamente isso acarretaria um prejuízo no desenvolvimento das idéias.

Ao estudar uma língua, deve-se chegar a determinar com precisão esse sistema, porque, uma vez que ele se torna conhecido, torna-se possível determinar as mutações sofridas por uma raiz originária designadora de conceito e as características gerais da língua.

1.7.2. OS SONS DA LÍNGUA

Segundo Wilhelm von Humboldt, a eufonia dos sons de uma língua, juntamente com "o grau com que ela favorece e dificulta a clareza e a correta concatenação dos conceitos" e com "o grau de vivacidade que esta língua proporciona às representações do mundo em seu seio", determina a verdadeira excelência e a influência de uma língua sobre o desenvolvimento do espírito. Se os sons atuam enérgica e harmoniosamente nos sentidos, se na alma funcionam como um estímulo perfeito para o desenvolvimento das idéias, a imprecisão afeta o modo de pensar e de sentir no seu conjunto. E mesmo a cultura e a civilização, ao chegarem às línguas, conseguem se eximir dessa realidade ou resolver problemas de obscuridade e desarmonia dos sons na língua.

Nos atos do pensamento abstrato as idéias se desenvolvem paralelamente, os sons ganham em precisão e despertam recursos eufônicos capazes de alimentar e satisfazer as exigências do ouvido experimentado.

A língua depende completamente dos sons para que os conceitos sejam precisos: a concatenação eufônica perfeita da língua leva à precisão absoluta do conceito, desfazendo dúvidas quanto à unidade das palavras.

De qualquer forma, em uma língua que tenha o pensamento abstrato purificado pela civilização e pela cultura, nem mesmo os maiores avanços sócio-culturais poderão resolver as dificuldades eufônicas que provêm da disposição originária da língua e nela estarão dadas para sempre. A língua se adapta ao externo e aceita mudanças, mas somente naquilo que já está previsto em suas leis; com esses recursos, as disposições espirituais e orgânicas deverão superar as dificuldades.

"A língua é o órgão que forma a idéia"[48]: a atividade intelectual está completamente atrelada aos recursos da língua, e essa atividade intelectual é sempre dada a conhecer pelo discurso, que existe graças à capacidade orgânica humana de produzir sons e de percebê-los. Desta forma, a atividade intelectual e a língua são totalmente indissociáveis.

Para alcançar nitidez, a atividade intelectual precisa se tornar sons lingüísticos. Sem este processo de transformação de um no outro, o pensamento não se formaria com nitidez, porque o pensamento precisa da ressonância dos sons para se desenvolver, e assim a representação do pensamento pelos sons torna-se conceito.

...[49]

A produção da língua é o resultado da disposição humana para tanto. A idéia brota com uma força característica e se torna sons, que também possuem uma força especial. Os sons se distinguem das demais impressões sensoriais pela capacidade do ouvido de captar os movimentos: no caso do som produzido pela voz, saído pela boca de um ser vivo, o ouvido percebe a força de uma ação, que brota do fundo de um peito como

[48] *Idem ibidem,* p. 74.

[49] Idem, ibidem., p. 74-75.

produto de sentimentos. Se o som é articulado, brota dos sentimentos de um ser com inteligência: se não, dos sentimentos de um ser com sensibilidade. E, para que os sons sejam perfeitamente entendidos como a representação lingüística do objeto, é necessária a sua total nitidez, pois tanto as coisas exteriores, pertencentes à natureza, quanto as impressões e sentimentos, que brotam do interior dos indivíduos, estão sempre dotadas de particularidades especiais próprias.

Pela natureza dos homens que tentam realizar atividades múltiplas ao mesmo tempo, eles acabam sempre buscando uma unidade mais universal, favorecendo assim a unidade dos sons, que toma o lugar dos objetos, tornando a compreensão mais precisa. É por isso que os seres humanos tentam sempre perceber os objetos como unidades determinadas.

A unidade do som favorece todas as sensações, internas e externas, próprias da sensibilidade individual. Essas sensações se correlacionam com a natureza do objeto, fazendo que o falante chegue a relacionar este som com a coisa designada.

A este processo de correlação existente entre a unidade sonora, as impressões sensíveis geradas pelos sons nos indivíduos e a coisa designada Humboldt dá o nome de "impressão designativa", processo que leva um falante do estímulo acústico recebido até o reconhecimento da coisa que este estímulo representa.

A aguda nitidez dos sons favorece a determinação de impressões que surgem distintas para o entendimento. Se ocorrer a união dessas impressões, elas serão perfeitamente distinguidas no entendimento, porque o som vivo é sempre expressão de algo ligado a uma existência um alguém , e este algo pode ser composto de dor, angústia, alegria, horror e desejo, mesmo que não se constitua língua.

....[50]

[50] Idem, ibidem., p. 76.

A expressão "aguda nitidez dos sons" refere-se tanto à perfeita distinção deste som de um outro quanto à altura com que eles saem da boca de um ser vivo.

Como já ficou entendido, o som lingüístico sai de dentro de um indivíduo racional impregnado das suas sensações interiores. A relação existente entre o som lingüístico e a posição ereta do ser humano faz o som se propagar mais facilmente. Estivesse ele em outra posição, como por exemplo firmado em quatro patas, seriam perdidas as expressões do rosto e a gesticulação com as mãos, que também compõem a língua e fazem dos seres humanos seres superiores; o som se perderia na direção do chão, não causando o efeito do impacto sobre o outro.

...[51]

1.8. **LÍNGUA = PENSAMENTO = FALA**

No interior dos indivíduos forma-se um conjunto composto pela atividade perceptiva dos sentidos e pela ação interna do espírito. Dessa união surge a representação lingüística, que substitui no interior do indivíduo a coisa percebida. Assim, a força subjetiva, ao sentir a ressonância da representação nos sentidos, se submete a essa percepção.

O pensamento percebe o mundo exterior pelos sentidos, cria a representação, que é exteriorizada através da produção de sons articulados e que retorna aos sentidos como percepção objetiva. Deste modo, a representação do mundo é sempre objetiva, mesmo estando vinculada ao subjetivo.

Humboldt argumenta que, sem este processo de conversão da percepção subjetiva em objetividade, ressoando esta objetividade no interior do indivíduo, os conceitos não se formariam e o pensamento não se produziria realmente.

[51] Idem, ibidem., p. 76.

Então, falar é condição necessária para a produção do pensamento, e condição pressuposta da existência do pensamento: mesmo estando sozinho, o indivíduo que pensa está falando.

No entanto, como fenômeno, a fala só se desenvolve socialmente, condição gerada pela necessidade humana de ser entendido e compreendido, porque o homem somente entende a si próprio quando se vê compreendido pelos outros e encontra neles o que está em si próprio.

...[52]

A palavra como criação objetiva só acontece realmente quando, depois de criá-la, o indivíduo encontra sua criação na boca de um outro indivíduo. O intercâmbio reforça a subjetividade, porque sua criação agora pertence também a outro, e, quanto maior for a ação do indivíduo no meio social, mais proveito ele tirará das circunstâncias e mais viva será a colaboração entre os indivíduos nas suas relações pela fala. Isto acontece porque o indivíduo passa a confiar mais na sua capacidade, e mais forte se sentirá ao reconhecer no outro a ação da sua produção, sentir-se-á mais participante e seguro de sua capacidade no meio em que atua.

Para que o pensamento ocorra, o indivíduo sente necessidade de duas situações: de alguma coisa que lhe seja conhecida e alguma coisa que lhe seja desconhecida, sendo o conhecido um ponto de partida para o desenvolvimento do pensamento e o desconhecido, uma atração que aguce sua curiosidade.

O indivíduo nunca se sente seguro da verdade. Nesta confusão interior acerca-se da verdade na relação com outros. Assim, a verdade nunca será de um só. É a limitada autoconfiança que leva os homens a verem a verdade como algo externo. É na comunicação com outros que ele mede a que distância está da verdade. Conclui-se que todo

[52] Idem, ibidem., p. 77.

ato de fala dá a conhecer aos outros aquilo que foi percebido individualmente, estabelecendo-se uma conexão entre o indivíduo e o conjunto da sua espécie.

Então, falar e entender são frutos diferentes de uma mesma coisa: um pressupõe o outro, ambos provêm da mesma força interior. Por isso, pode-se afirmar que a língua é comum a todos os indivíduos e se encontra na sua totalidade em todos eles como capacidade de produção, que acontece de acordo com o estímulo interior ou exterior recebido, obrigando-se o indivíduo, deste modo, a entendê-la.

Esta força interior possui uma determinada fórmula traduzida em regras que, ao mesmo tempo em que impulsionam o índivíduo para o ato de pensar, impõem-lhe restrições. Por isso a palavra deve sempre ser entendida como articulada e indivisível. Quando os seres humanos a ouvem e a decodificam, sua capacidade lingüística é estimulada. A palavra é indivisível porque o indivíduo não tem consciência explícita da sua composição, ela sempre se apresenta como um todo objetivo à compreensão, sendo sempre articulada porque ouvir palavras é muito diferente de ouvir sons não articulados. Sempre, à palavra, estarão vinculados conceitos.

A este processo estão submetidas as crianças no momento de aquisição da fala: o que se desperta nelas é a capacidade lingüística, e não a de escutar meros sons.

Além de vincular significados às palavras, a articulação as coloca como componentes da língua. Graças à articulação, com um número limitado de sons se pode criar um número infinito de palavras, de uma palavra se pode criar um número infinito de outras palavras, que sempre serão criadas segundo regras e sentimentos pré-estabelecidos. Por isso é possível encontrar similaridades nas palavras cujos conceitos apresentem similaridades.

...[53]

[53] Idem, ibidem., p. 79.

O processo de articulação das palavras é percebido pelo espírito por uma capacidade especial que torna os indivíduos capazes de reproduzirem o pensamento em articulação. A língua funciona como um todo que se refaz a todo instante por leis determinadas de regeneração. A cada instante se introduzem novidades na língua, por isso ela jamais é inteiramente entendida: todo entendimento é sempre um não-entendimento, por causa do processo de produção do discurso, que está sempre atrelado a uma individualidade.

A aprendizagem lingüística das crianças com o exercício de escutar e repetir não é depositar palavras na memória e repetir o que ouviram, mas apoderar-se, com a idade e o amadurecimento, da capacidade lingüística de reorganizar e introduzir novidades na língua.

Assim, o ato de ouvir palavras é estímulo para se compreender o nunca ouvido, num processo de troca, em que escutar e repetir, muitas vezes, leva à compreensão de algo nunca conhecido. Um estímulo novo pode levar à compreensão de algo ouvido há muito tempo e que não havia sido entendido naquela ocasião. Tal processamento de novidades desenvolve a capacidade de levar à memória a maior quantidade possível de palavras ouvidas, evitando que elas se perdessem incompreendidas.

Esse processo é muito diferente de se aprender uma língua estrangeira, em que se dá somente a aquisição da matéria: aprender a língua nativa é desenvolver a aptidão lingüística, aptidão pressuposta ao se aprender uma língua estrangeira. Por isso, a despeito de anormalidades, as crianças falam mais ou menos com a mesma idade em virtude de um amadurecimento da capacidade lingüística. A aprendizagem da língua é feita por estímulos. Uma criança que fosse levada de uma nação para outra antes de aprender a língua da primeira nação aprenderá a língua da segunda nação e esta será sua língua nativa. Poder-se-ia pensar que aprendizagem lingüística é repetição do que já foi ouvido. Porém, deve se pensar que o ser humano é sempre completo em si mesmo e em qualquer lugar isso será

sempre assim. Por isso, o desenvolvimento da capacidade lingüística dar-se-á com a ajuda externa, que pode vir de qualquer indivíduo.

....[54]

A língua nasce das profundezas dos seres humanos, em perfeita concatenação com o corpo físico. Isso explica que o falante nativo tenha com sua língua uma intimidade que nunca terá com uma língua estrangeira, intimidade que, evidentemente, não se deve ao que a língua expressa, como pensamentos, sentimentos e idéias, mas à individualidade que existe nela: os seus sons, que fazem com que o nativo que esteja longe a sinta como parte dele quando a ouve.

A língua não se limita à designação de objetos em objetos lingüísticos: estes são, para língua, conceitos que estão relacionados de algum modo com o objeto real. Também, os objetos lingüísticos não são a língua inteira. Na língua existem conceitos e situações que compõem um conjunto muito maior que aquilo que está definido nos objetos lingüísticos; do mesmo modo que, no mundo real, existem muito mais coisas que aquelas com que os humanos se relacionam diretamente. A língua é, portanto, muito mais ampla, cobre um universo muito maior de conceitos que aqueles que estão explicitados em palavras. Certo é que, sem a língua, não são possíveis os conceitos. E como tudo, para a língua, é conceito inclusive o externo , sem ela não haveria objetos para a alma.

Assim, as palavras não são cópias dos objetos, mas uma imagem formada pela percepção subjetiva desse objeto. Como, na composição da língua, objetividade e subjetividade se misturam, cada indivíduo possui uma maneira de entender o mundo. Humboldt entendia, então, que cada indivíduo possui uma língua.

Como as nações se caracterizam pela individualidade, cada língua nacional reflete uma maneira diferente de entender o mundo.

[54] Idem, ibidem., p. 81.

A língua é, portanto, uma ponte entre o homem e a natureza. Da mesma maneira que os sons se colocam entre o objeto e o homem, a língua inteira está entre a natureza e o homem. A natureza age no homem tanto por fora quanto por dentro: para viver e interagir no mundo (natureza), o homem se envolve em um mundo de sons. Os homens, enfim, passam sua existência convivendo com um mundo de objetos segundo a maneira pela qual sua língua os apresenta a eles.

Aprender uma língua estrangeira, então, é aprender o mundo de uma outra maneira.

A língua não leva um conjunto de formas materiais existentes na natureza até o espírito humano: aos humanos chegam as características que, em um dado momento, se apresentaram com mais saliência nos objetos. Na variedade multicolor de formas que a natureza coloca diante dos indivíduos, capaz de atingir a todos os sentidos, o indivíduo descobre uma regularidade que corresponde à sua própria forma espiritual. Os falantes não abandonam o mundo que os rodeia em função do mundo de sons da língua, mas encontram uma regularidade no mundo dos sons da língua parecida com aquela que a natureza lhes apresenta.

Esta característica espiritual da língua de se assemelhar às formas da natureza se explica pelo fato de que ela surge da natureza, estimula os seres humanos a desenvolverem suas próprias forças.

Então, a impressão de beleza é uma características dos sons, que, em suas combinações, geram ritmo e musicalidade. A língua, porém, que é sons, também influencia o espírito no ato de realização da fala.

No conjunto, a língua apresenta tudo aquilo que ela transformou em sons em fala, portanto. Isso significa que a língua é uma massa produzida pelo ato de falar, pressupondo-se aqui o pensamento e a inesgotável possibilidade de combinações. Constam da língua tanto aquilo que foi produzido pelas gerações passadas quanto os métodos para

continuar a produzir língua, ou seja, para continuar o trabalho de desenvolvimento e suporte do espírito.

Tudo o que foi produzido na história da língua permanece como uma massa imóvel. Ela, porém, possui o poder da regeneração e, em cada instante individual, em cada época, ela apresenta ao homem tudo que foi pensado e feito, numa seqüência inesgotável de novidades e o espírito será capaz, sempre, de recriar sentimentos e pensamentos de uma maneira nunca antes feita e encontrar coisas desconhecidas nela, indo além do individual a cada vez que um ser for capaz de realizar o que nunca foi feito antes, capaz de se contrapor àquilo que se apresenta de forma repetitiva, capaz de criar o novo.

Esta condição é uma necessidade dos homens que, para continuarem no exercício de seu entusiasmo, precisam conseguir sempre ultrapassar com suas tentativas a barreira do existente e desta maneira o espírito segue seu desenvolvimento.

Tudo o que foi criado na língua, durante gerações, regenera-se e se apresenta às novas gerações. Em cada geração, a cada vez que se cria algo novo, a língua inteira se regenera, e esse processo, ao longo de milênios, outorga à língua uma autonomia, que dela surge e faz esperar o novo a cada nova geração.

1.9. **A PRODUÇÃO DOS SONS ARTICULADOS E A VINCULAÇÃO DE CONCEITOS**

Os sons articulados se distinguem dos outros sons animais pela intencionalidade e por sua capacidade de significar. A comparação com gritos e a sonoridade musical mostra que os sons articulados não podem ser descritos pelas suas características, mas somente pela maneira com que são produzidos. O som, na articulação, é somente uma forma de torná-la mais facilmente perceptível, sendo possível separá-la dele. Por exemplo, os surdos: para eles o som não existe e, no entanto, podem entender quando lhes é ensinada a posição do aparelho articulatório na articulação, chegando até a falar se

receberem um treinamento para associar o pensamento à articulação. Para consegui-lo, deverão aprender os diversos movimentos e a posição de repouso de cada parte do aparelho fonador na realização de cada movimento correspondente a uma letra do alfabeto e a adivinhar um ponto de relação entre o pensamento e o movimento a ser produzido e sonorizá-lo. Para eles, a posição do aparelho articulatório e a escrita correspondem ao som para um indivíduo que escuta. Para eles, a aprendizagem da escrita e da articulação é fundamental para o desenvolvimento da língua, que se dá pela visão e pelo esforço do indivíduo em produzir a articulação e percebê-la.

....[55]

Então, não se fala somente porque se pensa, mas porque se possui uma capacidade natural de congruir o pensamento e os instrumentos lingüísticos.

A contundência dos sons articulados faz que eles sejam mais bem percebidos e, quanto mais enérgica for a intenção de produzi-los, mais nítidos eles serão, pois se formam na junção ou na oposição com outros sons, e esta cooperação é necessária para a perfeição do discurso.

A diversidade dos sons, que obriga cada povo a realizar somente os sons lingüísticos que interessam para sua língua, é gerada pela diversidade de órgãos da fonação que interferem na articulação, pelo lugar em que esta é produzida e pela característica do som a ser produzido. As características devem se fundir à articulação e devem acontecer somente as mudanças necessárias e próprias do som; para que não ocorram degenerações, jamais uma característica de um som deve ser aplicada a outro que não a tenha pela sua natureza.

[55] Idem, ibidem., pp. 89-90.

Os sons articulados dividem-se em consonânticos e vocálicos. Os sons vocálicos são correntes de ar que conferem aos sons consonânticos a sonoridade necessária para que eles possam ser pronunciados, ou se tornarem audíveis.

....[56]

A sonoridade vocálica varia de tonalidade e altura de acordo com a abertura e o fechamento da boca e o lugar onde se produz. É tão determinada e distinta quanto os consonânticos. É dessa junção de sons vocálicos e sons consonânticos que se forma a sílaba.

Consoante e vogal são uma divisão artificial: a sílaba é um som único e indivisível para o ouvido, ela constitui uma unidade.

Na escrita, muitos alfabetos tomam a vogal como um componente do som consonântico, como seu modificador.

Para Humboldt, vogais e consoantes não podem ser pronunciadas de modo independente. Para as vogais serem pronunciadas, elas necessitam de um impulso inicial. Nas situações em que se tem a impressão de que estão isoladas; sempre existe, porém, um impulso inicial, implosivo — e, por esta razão, imperceptível. Alguns alfabetos, entretanto, o representam.

As vogais e as consoantes formam dois conjuntos que se determinam constante e reciprocamente; tanto o entendimento abstrato quanto o entendimento auditivo determinam-nas com precisão; a partir deles se configura uma variedade de relações e de oposições das quais a língua faz uso múltiplo e diferenciado.

O alfabeto de uma língua influencia seu desenvolvimento em duas direções básicas de acordo com a riqueza em sons e com a relação do conjunto entre si e a regularidade do sistema fônico da língua.

[56] Idem, ibidem., p. 92.

O sistema fônico forma-se dos modos pelos quais os sons articulados se associam na formação por semelhança ou por oposição de séries, que se formam a partir da totalidade de possibilidades das relações entre os sons.

Na evolução fonética das línguas, sons articulados muito próximos uns dos outros tendem a fundir-se ou a se confundir; quanto mais precisa for mantida a distinção dos sons da língua, mais rica em possibilidades e agradável ao ouvido estrangeiro ela será.

...[57]

Quanto à riqueza em sons, Humboldt fala na abundância de sons necessários para a fala e na limitação a um número de sons necessários para um equilíbrio entre eles. Esses fatores têm que brotar da língua, que é como uma imensa e rica organização em que todas as partes estão relacionadas entre si. De qualquer ângulo que ela seja estudada, ao falar os homens somente utilizam uma pequena parte dessa organização mas, nesta pequena parte, está sempre pressuposta e atuante a organização inteira.

...[58]

1.9.1 OS SONS E OS CONCEITOS

A língua forma, pelo processo acima, unidades sonoras chamadas sílabas. Na formação da língua, às sílabas unidades sonoras vinculam-se conceitos, convertendo-se elas em palavras. Torna-se palavra a unidade sonora a que, assim, se vincula um conceito geralmente são necessárias várias sílabas para a composição de uma base sonora para um

[57] Idem, ibidem., p. 95.
[58]Idem, ibidem., pp. 95-96.

conceito. Conclui-se que a palavra é composta de uma dupla unidade: a do conceito e a do som. É como palavras que as unidades sonoras se convertem em fala, já que, na carência de conceito, elas não podem ser entendidas, ou não existem.

...[59]

Como foi exposto anteriormente, se a língua for um mundo à parte, descrito objetiva e subjetivamente pelo indivíduo a partir das impressões que recebe da natureza, as palavras são os objetos individuais do mundo, que se compõem no mundo aos olhos dos indivíduos como parte independente e dependente do todo: são objetos distintos e, por isso, são e devem ser preservadas nas suas formas distintivas.

As palavras no discurso juntam-se numa composição de divisões, respeitando-se sempre a unidade da palavra. Ao falar, o indivíduo tem na mente o conjunto da idéia a ser expressa. Então, o discurso é que determina a palavra, ela se define dentro dele, e em todas as línguas a formação de palavras é uma necessidade do falar, que se dá no falar.

A palavra, portanto, é a última instância em que atua a ação formadora da língua; a palavra, em si, é o produto básico da língua. No discurso, a língua se limita a prescrever uma forma reguladora para as palavras, que, enquanto formas prontas dadas pela língua, são um conjunto de possibilidades semânticas centradas em um ponto principal. No discurso é que, pela relação estabelecida com outras palavras e com a idéia, elas têm definido o seu papel. Importante notar que a língua, na composição do discurso, limita-se a exigir um emprego que esteja previsto no conjunto de possibilidades semânticas.

Nessa escolha atua a individualidade do falante, que escolhe a configuração a ser dada. Mesmo que uma palavra seja empregada isoladamente, seu entendimento está atrelado a um *continuum*, um contexto, uma narrativa e esse entendimento, para ser

[59] Idem, ibidem., p. 98.

correto, depende de os fatores lingüísticos que compõem esse *continuum* estarem desenvolvidos na língua.

Se as palavras correspondem a sons e conceitos, é natural que ocorra na língua designar conceitos parecidos com sons parecidos. Se o entendimento identifica com naturalidade e facilidade a idéia que gera o conceito originário, então a origem dos sons tende a coincidir com a do conceito.

A afinidade entre sons pode ser percebida por comparação quando de uma palavra se desenvolve uma outra com mudanças, de acordo com regras internas à língua: uma parte da palavra originária permanecerá sem alterações, permitindo o reconhecimento do parentesco com a outra. A parte fixa das palavras, aquela que não muda ou muda muito pouco, chama-se radical e reúne as raízes nominais da língua: estas, em sua forma pura, pertencem à língua muito raramente ocorrem no discurso em algumas línguas sem designações adicionais, e em outras nunca ocorrem.

....[60]

Uma análise profunda das línguas mostra que os radicais nunca acontecem livres de formas. Ao aparecer no discurso, um conjunto de fatores (categorias que determinam os conceitos e que compõem o discurso) conflui para a conceituação momentânea da palavra. Além disso, a entonação conferida ao discurso, presente em qualquer realização discursiva, configura-se numa marca formal.

Em línguas que possuem leis de derivação sustentadas numa grande quantidade de sons e expressões, seus radicais são facilmente destacáveis no entendimento do falante como os responsáveis originais pela designação conceitual, e isso acontece por causa do constante retorno ao ponto semântico principal do conceito, que é responsável pela designação geral.

[60] Idem, ibidem., p. 99.

Há línguas em que esse processo de derivação é a regra geral: nesse caso, quando o radical chega a uma matização perfeita, ele pode ser empregado sem forma, como ocorre em alguns casos no sânscrito por razões históricas ou semânticas. Em outras línguas que não possuem leis de derivação e de transformação dos sons a partir das sílabas, as raízes se constituem palavras, como o chinês, em que não é possível dividir as palavras por meio da análise, porque a língua só possui "raízes", ou construções sem derivação.

Enfim, raiz e palavra não são a mesma coisa. As raízes se distinguem também das formas gramaticais, mas as palavras, para se comporem no discurso, têm que indicar, além da designação básica, as diversas acepções pelas quais devem ser entendidas, ocorrendo resoluções momentâneas ou que tenham origem na própria raiz. Se as acepções estiverem perfeitamente delineadas na língua, as palavras sempre precisarão delas para se juntar no discurso. Se as acepções estiverem associadas a mudanças fonéticas, elas deverão acontecer com a palavra no discurso, salvo quando fazem um composto com outra palavra que traga essas acepções.

...[61]

1.9.2. A RELAÇÃO DOS CONCEITOS COM AS UNIDADES SONORAS.

São três os tipos de designação conceitual:

1) designação pictórica: quando a unidade sonora, ao denominar, simula os sons naturais da coisa denominada. Essa designação é comum a coisas que emitem um som característico. Ocorrem variações, devido à dificuldade de imitar sons inarticulados com sons articulados. Os primeiros tendem a se opor ao segundo. Mas sempre, quando essa designação se efetuar na língua com energia, será possível reconhecer uma semelhança,

[61] Idem, ibidem., pp. 101-102.

uma dureza nos sons articulados. Com o tempo, porém, o aperfeiçoamento da palavra faz a dureza característica do som inarticulado desaparecer, impondo-se o articulado.

...[62]

2) Designação simbólica: parte de semelhanças entre o objeto a ser designado e o som que o designa, com a idéia de que os dois se refletem, por relações semânticas ou por impressão analógica do som com o objeto quando ele ressoa numa audição. Humboldt dá como exemplo em alemão a palavra *stehen* "estar em pé": é assim que as palavras *stätig* "constante" e *starr* "rígido" refletem a mesma situação de dureza e constância. Esta designação brota da característica de cada som ou grupo de sons. Provavelmente esta característica se impusera na designação originária da palavra. Deveria haver, então, uma coincidência nesse tipo de designação em todas as línguas, por serem as impressões geradas pelos objetos e os sons iguais em todo lugar e em regra isso acontece.

...[63]

As questões históricas, porém, não podem ser esquecidas. Deve-se estar atento para não atribuir origem comum para palavras de línguas diferentes quando isso não for verdadeiro, mas a designação simbólica não deve ser uma restrição à derivação histórica. Por outro lado, também afirmar que esta designação é constante nas línguas é se expor a um risco muito grande, pois é muito difícil saber qual é o som ou o significado primitivo de uma palavra, porque na evolução das línguas é comum um som substituir um outro por interferências de vários tipos, inclusive de arbitrariedades. O resultado é que dificilmente se poderá medir o alcance dessa designação.

[62] Idem, ibidem., p. 102.
[63] Idem, ibidem., p. 103.

3) Designação por semelhança fonética ou designação analógica. É a designação por analogia dos conceitos representados pelos sons: conceitos análogos são designados com sons análogos. É a designação mais fecunda, porque é aquela que representa com maior clareza as ligações dos produtos intelectuais com a analogia da língua.[64]

...[65]

As três designações estão divididas no âmbito dos conceitos livres ou objetos lingüísticos no singular. No singular, porque as formas no plural são sempre derivadas, no mundo os objetos se caracterizam pela individualidade.

As relações sintáticas gerais que podem estar atreladas aos conceitos livres ou objetos lingüísticos para designar um novo conceito ou para estabelecer relações entre as partes do discurso são, na sua maioria, produzidas e colocadas no discurso pelo pensamento. Na medida em que elas podem ser segmentadas, ver-se-á que formam um grupo fechado. Nelas o singular aparece como representante do conjunto da espécie, tanto na relação com os outros objetos da mesma espécie ou de espécie diferente quanto no pensamento que o entende e o localiza no todo.

Os conceitos ligados às relações sintáticas gerais, se a língua possui um sistema de sons variado e que admita composições variadas, terão um desenvolvimento que se fará por analogia com os sons, que passariam a ser representantes de um conceito todas as vezes em que fossem empregados no discurso.

As relações sintáticas gerais também podem ser designadas por simbologia quando ocorrer de o som que representa a relação estar associado à idéia do conceito que

[64] A designação analógica é predominante no tipo lingüístico flexional. Ver 1.11.2, p. 62 e 1.16, p. 90.
[65] Idem, ibidem., p. 104.

vincula. Humboldt cita como exemplo desse caso a formação de substantivos coletivos em árabe, que se dá pelo alongamento de vogais: o som alongado vira símbolo de agrupamento.

Esse tipo de designação, segundo Humboldt, pode-se dar por pausas entre as sílabas, mas é considerado como uma forma menos perfeita.

....[66]

É assim que ocorre o desenvolvimento do som articulado, fruto do desenvolvimento intelectual, da tentativa de dar conceitos para os sons; é assim que surge o som articulado, que existe somente para vincular conceitos. Essa relação conceito/som articulado será tanto mais perfeita quanto mais claro e formado estiver o conceito no espírito.

Os sons devem estar impregnados do conceito que designam para que quem os ouvir não possa ter dúvida a respeito do conceito; sons e conceitos devem ser simultâneos e indivisíveis e deve parecer que os sons tenham sido criados somente para configurar aquele conceito. Para tanto está pressuposta uma nítida delimitação, por analogia, dos sons e daquilo que na língua designa relações.

O sentido perfeito da articulação, que se ocupa de todas as partes da organização que é a língua, manterá a perfeição da ação do som articulado na audição e a espontaneidade da produção do discurso. Essa espontaneidade é necessidade da força que dá forma à língua. Portanto, mais perfeito será o discurso quanto mais claro for o sentido da articulação e quanto mais espontânea for a fala do indivíduo.

A língua está presente na alma como um todo e cada elemento que a compõe age e interage com todos os outros, numa cooperação mútua e indivisível. Assim, quando é implantado algo novo que não esteja claro, ele vai-se desenvolvendo por analogia a outros elementos já formados.

[66] Idem, ibidem., p. 106.

Em se tratando do sistema fônico, o novo é arrastado pelo que já está formado, não sendo possível desviar-se daquilo que é lei.

Se se pensar que a língua é o resultado do impulso para designar a matéria, e que o som articulado é o correspondente externo, aquilo que já está pronto no interior da língua é tomado como exemplo a ser seguido, e o novo tenderá a figurar no som em analogia com o já existente.

Quanto mais vigorosos e formados estiverem a idéia ou o conceito na alma, mais forte será o impulso, e, como na formação da língua há uma certa dificuldade em vencer a barreira da articulação, relações gramaticais ou conceitos são formados com os mesmos sons. É que nem sempre o impulso conceitual está suficientemente claro na língua e a idéia não está completamente desenvolvida: segundo Humboldt, "um sentido lingüístico verdadeiramente vigoroso sempre vence a dificuldade e triunfa na empreitada"[67].

...[68]

As formas fônicas exercem uma grande influência na formação das línguas e são o que compõe a forma externa da língua; por admitirem uma grande variação na sua composição, são os principais responsáveis pela diversidade das línguas, que são muito parecidas na forma interna.

Explicando melhor: no interior dos indivíduos as línguas são sempre parecidas, geradas em qualquer lugar pelo mundo exterior, que só varia dentro de uma regularidade conhecida e exata (também os indivíduos são iguais em qualquer lugar na composição corpo e alma). A diferenciação de uma língua para outra acontece na forma como se compõem no discurso os sons (forma externa), no qual atuam fatores que variam de povo para povo, tais como a história do povo e da língua, as possibilidades oferecidas

[67] *Idem ibidem,* p. 111.

[68] Idem, ibidem., p. 108.

pela natureza para a criação de sons articulados que levam a escolher um número determinado deles, a fórmula como estes sons se realizam (o que, por exemplo, impossibilita a flexão no chinês), etc.

1.10. **TÉCNICA DAS LÍNGUAS**

...[69]

Humboldt define técnica das línguas como a maneira pela qual ocorre, na forma fônica, a representação das características da língua ou como acontece a composição dos sons como base para conceitos que se definem como o objetivo das línguas. Para Humboldt, as técnicas que compõem a técnica das línguas são duas: fonética e intelectual.

A técnica fonética é o conjunto de sons com os quais as palavras são construídas. Ela será tanto mais completa quanto mais diversificada for a amplitude sonora das formas. Por isso, um mesmo conceito (palavra ou relação gramatical) pode ser designado por formas diferentes, o que vem a ser um índice da riqueza fonética da língua.

A técnica intelectual é a parte que se designa ou se distingue na língua, ou seja, todas as possibilidades de combinação de conceitos: gênero, número, tempos verbais, modos, etc.

A técnica fonética é o meio pelo qual a técnica intelectual se realiza como finalidade da língua. Pela maneira como tomam forma na língua a clareza e a nitidez das idéias, bem como a beleza rítmica com que ela se realiza, é que ela chega a estimular as forças humanas espirituais e sensoriais.

A força interior é fruto da atividade intelectual do espírito, e dela depende a língua para dar forma aos sons e torná-los expressão. Se ela não for clara e enérgica para imprimir as idéias nos sons, não importará a riqueza da língua em sons.

[69] Idem, ibidem., pp. 113-114.

A clareza das idéias e a maneira como ela age nas leis que dão forma aos sons é a fórmula que a atividade intelectual usa para criar o discurso. Então, manifesta-se na língua, do interior do indivíduo, tudo o que nele existe, por mais profundo que seja. Por conseguinte, tudo que for língua é manifestação de um indivíduo.

Como a língua é um produto do espírito nacional, seu grau de excelência está vinculado à organização espiritual do povo que a fala, da origem até as transformações que nela se processaram através das gerações. Assim, a língua é o símbolo do povo que a fala.

Apesar de as línguas serem mais parecidas internamente do que na sua manifestação pelos sons, elas também se diferenciam por diversos fatores ligados aos sentimentos dos indivíduos, que estão ligados ao mundo que os cerca. Indivíduos e natureza, juntos, outorgam um caráter individual para a nação. Então, tanto por razões fonéticas quanto por razões intelectuais, podem ocorrer variações na produção da língua.

No desenvolvimento de uma acepção lingüística pode ocorrer uma deficiência. Gerada por fatores ligados aos sons ou pela má concepção da idéia no intelecto nacional, ela sempre resultará de uma deficiência na capacidade de gerar a língua, enraizada no comportamento intelectual ou eufônico da nação.

A cada manifestação no plano da forma sonora corresponde uma manifestação no plano dos conceitos.

...[70]

Cada conceito se fixa na língua pelos seus traços próprios ou na relação com outros, e é o sentido da articulação que deve escolher os sons para a designação dos

[70] Idem, ibidem., p. 119.

conceitos (abstratos, concretos, relacionais etc.), "porque a língua não representa o objeto, mas o conceito que se forma espontaneamente no espírito"[71].

Não há divisão entre conceito e sons articulados: um prevê o outro, a existência de um obriga à existência do outro esta divisão é puramente analítica.

A língua será tanto mais perfeita quanto melhor for a conexão entre suas leis internas e a forma sonora, pois os atos interiores do espírito, que criam uma interpenetração recíproca entre estes dois fatores, dão origem à forma externa, que é uma estrutura inteiramente formada pela união das formas sonoras com a configuração interna "uma síntese que cria algo que não estava na soma dos seus elementos isolados"[72].

1.11. **A PALAVRA E OS TIPOS LINGÜÍSTICOS**

A palavra é a última instância em que a língua atua como formadora, é o produto acabado que a língua coloca à disposição dos indivíduos para que eles, valendo-se das leis que a língua prescreve, a realizem.

Então, é na formação da palavra que as características mais importantes das línguas se revelam, seja pela disposição característica dos sons na vinculação dos conceitos, seja na forma como se estabelecem as relações entre os conceitos. Enfim, é pelas diversas maneiras de acontecer a unidade da palavra nas línguas que se pode estabelecer os diversos tipos lingüísticos.

1.11.1 A AFINIDADE ENTRE AS PALAVRAS E A FORMA DA PALAVRA

[71] *Idem ibidem,* p. 120.

[72] *Idem ibidem,* p. 126.

A afinidade entre as palavras é o elo que liga uma palavra a outra. Esses elos podem ser de três tipos: primeiro, quando as unidades sonoras que compõem as palavras sejam afins; segundo, quando os conceitos das palavras sejam afins; o terceiro está no efeito que as palavras exercem na alma pelas experiências a que se ligam.

Cada palavra designa um conceito, ou uma idéia geral centrada em um ponto que atua como forma reguladora prescrita pela língua, forma que está sempre presente no discurso.

A afinidade lógica dos conceitos se estabelece na relação metafórica de um conceito com outro: é pelos pontos de contato entre os conceitos que uma palavra pode ser empregada no lugar de outra. Da mesma forma que os conceitos precisam dos sons, e vice-versa, sendo inseparáveis, também eles, conceitos e sons, jamais estarão definitiva e perfeitamente unidos.

A palavra é a configuração que um conceito assume ao ser exteriorizado e, para que este conceito se liberte da palavra em que repousa e continue existindo, ele terá que ser exteriorizado em outra palavra.

A palavra é sempre limitadora, ela tolhe as idéias, que geralmente alcançam um domínio não atingido por ela. Para que possam chegar aos limites da expressão, as idéias precisam muitas vezes superar o domínio exercido pela língua. Então, a alma deve dominar a palavra e se servir dela como meio de expressão, mas nunca se permitir prender-se nos seus limites. Com esse esforço de superar o limite das palavras, o espírito chega a refinar a língua, tornando-a cada vez mais capaz de representar a sensibilidade humana.

....[73]

Há uma outra força, de natureza sensível e vinculada ao processo de encadeamento de idéias, que leva à expressão de conceitos por meio de sons e atua na

[73] Idem, ibidem., p. 132.

composição das palavras. Todo conceito novo, para ser concebido, se liga a outros conceitos (que aparecerão na expressão do novo conceito) com sons característicos análogos, que se materializam na nova designação; outras vezes, a parte comum nos conceitos se dá como uma relação entre idéias. Comumente o novo conceito apresenta sons análogos aos de conceitos análogos, analogia perceptível no processo de derivação e nos procedimentos gerais da estrutura da língua.

Desde as raízes da língua encontram-se os traços de sensibilidade que intermediam a relação conceito/sons e variam de acordo com o modo de proceder de cada língua.

Desde que ela seja falada, o vocabulário da língua não poderá ser considerado finito. Dado que ele é fruto da capacidade de formar palavras, novas palavras serão revitalizadas e criadas enquanto a língua for intermediadora entre a natureza e uma nação.

A capacidade de formar palavras faz que os falantes consigam colocá-las no discurso com precisão. Dado que nenhuma memória seria capaz de reter tantas palavras, os falantes se valem das leis internas à língua como uma chave para formar palavras.

Enquanto se aprende uma língua estrangeira adquire-se com a prática esta chave, que permite adivinhar as palavras. Esta adivinhação se dá não só pela capacidade lingüística, mas também por afinidades entre as línguas, principalmente quando o parentesco é evidente.

Para as línguas mortas o processo é igual. Nelas o vocabulário é finito mas, quando se as aprende, elas passam por uma revitalização, pois língua e vida estão sempre unidas e é impossível estudar uma língua morta sem retornar ao momento em que era falada.

...[74]

[74] Idem, ibidem., p. 135.

1.11.2. OS TIPOS LINGÜÍSTICOS

...[75]

O termo "tipo lingüístico" designa a maneira pela qual, na articulação das palavras, nas muitas línguas que existem ao longo da história do planeta, cada língua nomeia conceitos através de unidades sonoras tanto na relação entre palavras quanto na formação delas. A tipologia lingüística, portanto, é a característica externa da língua, a maneira como cada língua realiza o discurso por meio de palavras.

Humboldt "classifica" em três os tipos lingüísticos que são as formas básicas da tipologia lingüística para todas as línguas. Lembra que em todas as línguas existem misturas mais ou menos acentuadas dessas três fórmulas, mas cada língua possui um tipo tão distingüível quanto distingüível seja cada nação do planeta.

O tipo se desenvolve no processo de formação da língua vinculado a fatores internos e externos que atuam na sua composição.

Dois dos tipos lingüísticos consistem na derivação de uma palavra a partir de uma raiz por meio da ação de uma forma de natureza relacional que, aplicada à raiz, a transforma em uma palavra de uma determinada categoria. No terceiro tipo, a relação gramatical da palavra não está definida na sua unidade, mas pela posição isolada que ocupa no discurso. Esses tipos lingüísticos são, assim: "isolamento de palavras", "flexão" e "aglutinação".

Na verdade, "flexão" e "aglutinação" são processos que se desenvolvem de maneira semelhante. Na flexão as categorias gramaticais são marcadas tanto por mudanças internas às palavras quanto por afixação orgânica (caso em que há uma atração natural entre as palavras e os afixos que são realizados como parte das palavras), enquanto que na aglutinação, ou "flexão de intenção", o processo orgânico da afixação não chega a se

[75] Idem, ibidem., pp. 143-144.

realizar (os afixos marcam as funções categoriais, mas de forma mecânica). A aglutinação, porém, pode ser explorada tão profundamente pela nação, que pode alcançar a perfeição orgânica da flexão.

Importante para as línguas, pelo ângulo da tipologia lingüística, é o grau de perfeição com que cada um desses tipos lingüísticos realiza o intento lingüístico de favorecer o desenvolvimento das idéias: todos os três podem chegar ou não à perfeição.

A designação do conceito consiste em instaurar nele uma determinada categoria do discurso. Todos os conceitos da língua, de acordo com determinadas características, estão enquadrados em grupos. O conceito é transformado de acordo com as categorias do discurso: o resultado externo é originário da ação simultânea do conceito e da indicação categorial que o modifica.

O conceito designado pertence à língua, que, por ser coletiva, o transforma num objeto lingüístico de uso generalizado. Não obstante, ao ser expresso numa determinada categoria na realização do discurso, o conceito tende a ser individual, uma vez que se define sempre nas relações que ocorrem casualmente. A escolha da acepção é feita na relação e na correlação com todos os casos possíveis na língua.

...[76]

Esse processo funde na língua o mundo objetivo apreendido pelos cinco sentidos na natureza e a atividade espontânea do espírito dada pelo pensamento através das categorias formais. O nível de perfeição com que as línguas realizam esta necessidade varia de uma para outra. O equilíbrio interno à língua é necessário, porque dele depende a criação espontânea do pensamento e porque, com mais ou menos, nenhuma língua pode chegar a dispensá-lo totalmente.

[76] Idem, ibidem., p. 144.

É no tipo flexional que ocorre com maior perfeição esse equilíbrio: nele a palavra é composta pelo conceito raiz tomado de acordo com a acepção categorial juntada a ele pelo pensamento, formando uma unidade perfeita.

A resolução da unidade da palavra em duas partes pertencentes a conjuntos diferentes é a fórmula que mais bem impulsiona as idéias e que mais bem satisfaz na montagem do discurso e dela se servem as línguas mais perfeitas.

Observe-se que podem existir categorias que estejam assinaladas segundo certos aspectos do mundo exterior, como por exemplo as categorias nominais de gênero, que, com certeza, surgiram da divisão do mundo em dois sexos. Por mais que isso aconteça como expressão da força espiritual que move o pensamento, essa dualidade lingüística certamente não existiria se a natureza não tivesse colaborado. Lingüisticamente, o efeito encontrado nos gêneros não é fazer dois grupos, mas diferenciar um indivíduo do outro, como forças antagônicas.

Na flexão, a distinção de forças antagônicas que faz distinguir um duplo conceito nas palavras brota da necessidade do espírito de os distinguir, fato difícil de ser explicado porque, por intermédio da análise, somente se consegue observar o discurso pelo caminho inverso do que ele ocorre. Na análise se parte dos sons articulados para se chegar aos conceitos, inversamente ao natural, porque o conceito precede a palavra: a flexão brota do pensamento e se torna sons articulados, e por isso é o sistema mais perfeito, porque brota da força espiritual que molda a língua.

A flexão é sempre uma composição de uma designação conceitual e uma designação categorial.

Essa modificação interna configura-se somente nas línguas que não sustentam rigidamente a forma da raiz e opõe-se, em termos de construção, às modificações externas, permitindo uma marcação infalível de classes nas palavras e garantindo a integridade conceitual da palavra.

A modificação externa, através de afixos, que são os indicadores relacionais da palavra, tem suas integridades sonoras mantidas e separadas da designação conceitual, a que se submete; são, portanto, partes integradas às palavras, não tendo vida fora delas.

A afixação é um caso diferente da composição, processo que se realiza por intermédio de duas palavras que se juntam na formação de uma terceira.

Humboldt assinala que a palavra que flexiona por sufixação é tão completa quanto a que flexiona por modificação interna. O pensamento, ao transformar-se por meio dos sons articulados, realiza a junção do sufixo e da designação conceitual de uma maneira indivisível, exatamente como ocorre no pensamento. Qualquer tentativa de explicação é simplesmente uma forma de análise e acaba caindo no inexplicável. (Humboldt usa os sufixos como exemplo, pois esses se fundem melhor com as sílabas do radical; em algumas línguas, a afixação ocorre preferencialmente como prefixação: neste caso, o sentido da flexão não está claro.)

O sufixo, então, não necessita de uma significação: ele atua como modificador, vinculando idéias relacionais exatamente como as modificações internas. Nas modificações internas, porém, jamais houve um significado particular nas partes acrescentadas à designação conceitual, enquanto que no afixo sempre houve, mesmo que ela não possa ser recuperada.

Como se vê, a flexão se favorece da tendência que os sons articulados têm de se fundirem ou se modificarem pelo contato. É deste modo que, no processo flexional, favorecido pela capacidade fonética, um único som pode responder por uma idéia relacional. É a articulação que possibilita a divisão entre designação e sons relacionais. Portanto, não são conceitos que são designados, mas orientações espirituais, e Humboldt conclui que a flexão e a articulação estão em uma perfeita relação de interferência.

A aglutinação é um plano intermediário entre a flexão afixação orgânica e a ausência total de categorias nas palavras. É "flexão de intenção", ou atração mecânica dos afixos, consistindo em juntar conceitos auxiliares às palavras para determinar as categorias.

Geralmente a aglutinação não desenvolve com exatidão a flexionalidade. Dado que nas palavras, porém, existe a marca fônica das categorias em que devem ser enquadrados os conceitos, com o passar do tempo as aglutinações poderão se tornar irreconhecíveis, e somente uma análise do conjunto da língua poderia verificar a existência de flexão por afixação orgânica ou mecânica.

A aglutinação e a flexão, portanto, são processos parecidos, mas o impulso espiritual que cria a aglutinação não chega a dar-lhe a perfeição categorial da flexão.

Observe-se que a opção tipológica da língua é feita no ato de sua formação originária. É na origem, portanto, que as línguas tomam o caminho a ser seguido para sempre, e um sentido lingüístico claro na origem faz a língua tomar o caminho certo da flexão. A aglutinação provém de uma fragilidade, e o isolamento provém da obscuridade total do sentido lingüístico. Qualquer povo, porém, dotado de um espírito voltado para o pensamento abstrato poderá transformar uma língua frágil em um veículo perfeito para as idéias ou, inversamente, confundir os mecanismos lingüísticos devido a uma atrofia do pensamento abstrato.

1.12. **A PALAVRA NO DISCURSO**

Humboldt afirma que: a palavra é a última instância em que a língua atua como formadora. É por meio dela que os conceitos frasais se compõem, e ela consiste no elemento base do discurso onde é definida.

As palavras aparecem no discurso segundo o próprio discurso as realiza, e segundo a tipologia da língua.

As fórmulas para que as palavras ganhem unidade no discurso são os meios que os falantes têm de reconhecer as partes que se aglomeram na frase, pelo processo de escolha, para formar um sentido que expresse uma idéia. Neste âmbito a frase não se

constitui elemento básico da língua: nela estão presentes elementos que não são de conformação da língua e que pertencem às esferas externas à língua. São eles o pensamento, que, no discurso realizado, está representado pelas formas gramaticais, e o espírito nacional, que, pelas suas características, está sempre presente em todo tempo e lugar, variando sempre a cada espaço territorial, todo espaço que, geograficamente, possui uma divisão social.

Quando representados no discurso, os conceitos pelos quais se vinculam as idéias aparecem individualmente representados nas palavras e na arrumação das palavras em grupos coesos formando as idéias.

A primeira representação veicula um conceito num conjunto de sons que pode ser dividido e, ao ser colocado no discurso, recebe um tratamento específico que o coloca e, ao mesmo tempo, sinaliza quais são suas relações com o restante da frase.

Construída, cada palavra que aparece na frase está pronta para ser articulada como um todo, diferenciada das outras que se uniram a ela para compor as idéias. Entretanto, o conjunto se interdetermina, e, mesmo que cada palavra seja articulada como um indivíduo, as representações das relações entre elas não ficarão jamais prejudicadas.

Por este caminho se chega à unidade da palavra que é produzida e representada individualmente e, sem ter sua individualidade comprometida, aparece no discurso em diversos graus de contatos, marcados por gradação, prevendo a relação funcional entre as palavras na frase.

A unidade exterior da palavra se firma na relação entre as palavras e suas aparições na frase, sobressaindo-se no conjunto: ela é a representação de conceitos que se relacionam e se opõem à unidade interna da palavra.

Chega-se a estabelecer a dupla unidade da palavra no discurso, composta pelo sentido lingüístico interior (conceito), que se estabelece pela necessidade de se desenvolver as idéias e pelo suporte, que é o som.

Na organização da fala o pensamento separa e reúne as idéias, representando simbolicamente através dos sons todas as espécies de conceitos, que deverão nascer por si mesmos da regularidade da língua ou do conjunto de leis que a compõem, dão-lhe vida e servem de luz para a composição das unidades.

Pela regularidade, os sons se acomodam e se organizam, tornando o ouvido capaz de distinguir as modificações ocorridas pelo contato de um som com outro, mesmo que costumeiras e orgânicas.

O sentido lingüístico interno, portanto e os sons interagem e se ajeitam numa cooperação recíproca.

Esse processo se estende por todo o discurso, numa reação em cadeia dada pelo princípio espiritual da língua, e as conformações sonora, rítmica e artística elaboradas retornam à alma e nela despertam uma estreita conexão entre as forças de ordenação das idéias e a criatividade plástica exaltadas na poesia.

1.12.1. A PAUSA

Uma maneira de a unidade da palavra se definir no discurso é a pausa. Trata-se de uma suspensão momentânea do som.

....[77]

A palavra é composta por sons, por isso sua delimitação pode ser dada pela ausência de som. O som e a ausência de som veiculam conceitos e atingem os indivíduos de fora para dentro, colocando-se em volta das palavras, delimitando suas extremidades.

[77] Idem, ibidem., p. 159.

A pausa define a palavra no âmbito externo, ou seja, a unidade externa da palavra, mesmo porque uma pausa, como argumenta Humboldt, no interior da palavra desfaria sua unidade.

A pausa ajuda a destacar os elementos do pensamento no interior do discurso, firmando a unidade da palavra que se opõe à unidade da frase. Esta oposição tende a ser prejudicial para o entendimento e por isso há uma suavização por parte das línguas que possuem um sentido lingüístico correto e preciso, dando a conhecer ambas as unidades e as reforçando.

Humboldt extrai exemplos do sânscrito para explicar a unidade da palavra. Segundo ele, o sânscrito é a língua que mais bem sistematiza a delimitação externa das palavras. Nesta língua, nem todos os sons podem terminar palavras. Assim, os sons característicos do final de palavra marcam uma unidade. Também ocorrem regras rígidas para a alteração dos sons no contato das palavras, diferentes para as alterações internas às palavras, e em nenhuma outra língua a unidade da idéia se funde, como no sânscrito, com a dos sons, levando a unidade da idéia a suplantar a unidade das palavras. Essas leis de eufonia entre as palavras impedem o mal-entendimento da sua unidade, que poderia ser atrapalhada se alterações de sons não ocorressem com leis precisas.

1.12.2. A ALTERAÇÃO DAS LETRAS

....[78]

Outro meio de delimitar a unidade das palavras é marcar por sons, procedimento que Humboldt chamou de "alterações das letras". Não se restringe ao caso citado do sânscrito. Outros meios de arrumação eufônica são exemplos de marcação da

[78] Idem, ibidem., p. 162.

unidade, salientando-se o exemplo da vogal tônica, que Humboldt chama de "vogal radical" *guna* e *vrddhi*.[79]

Segundo Humboldt, a unidade interna às palavras somente pode ser destacada quando o conceito vem revestido de determinações adicionais (as formas), que permitem mudanças fônicas que ocorrem com a ampliação sonora das palavras, pela composição e pela afixação, mas também nas flexões de caráter orgânico.

Em geral, as línguas possuem leis eufônicas de arrumação que organizam esses casos com a devida prudência de não permitir uma disfunção na beleza dos sons ou no entendimento dos conceitos.

A articulação age mudando os sons ou os conceitos vinculados. Neste processo os sons auxiliares, usados como modificadores conceituais ou como representantes de relações, transformam-se recebendo um polimento, até se tornarem puramente simbólicos, como se tivessem sido criados pelo sentido articulatório na origem.

O sânscrito serve novamente como exemplo: para Humboldt, esta língua indica pelos sons os diversos graus de unidade que o sentido lingüístico interno necessita distinguir, utilizando-se de vários recursos no tratamento dos sons internos às palavras e adicionados ou de contato entre palavras. São exemplos as palavras denominadas *unadi*[80] palavras compostas como *agnistoma* = *agni* + *stoma* "[nome de um rito] em louvor a Agni". Outros exemplos, só que neste caso regem as mudanças internas às palavras, são as palavras *krdanta* e as formadas por flexão gramatical, cujos representantes são as palavras de característica verbal formadas com sufixos do tipo chamado *krt*.[81] É no conceito verbal que, segundo Humboldt, a separação das determinações adicionais é mais difícil de ser realizada.

---

[79] Modalidades de alternância vocálica, incidentes sobre a vogal da raiz das palavras nos processos de derivação nominal primária e secundária, bem como na conjugação verbal e na declinação nominal.

[80] *Unadi*: termo técnico que designa palavras derivadas "com um afixo do grupo denominado *un*".

[81] *Krt*: termo técnico designativo dos sufixos que formam nomes primários; *krdanta* ["que termina com um sufixo do tipo *krt*"]: termo técnico designativo dos "nomes com sufixo [do tipo] *krt*".

Humboldt menciona estes exemplos somente como amostra dos diversos graus da unidade da palavra, mas salienta que é muito grande o perigo de se cometer erros ao estudar o que ocorre na língua quando se tratar de verificar intenções, que em geral estão ligadas a processos evolutivos e instintivos e a leis específicas de arrumações eufônicas. Além disso, em cada situação as línguas adotam fórmulas específicas, que estão subordinadas ao método específico de cada língua se fazer língua.

1.12.3. O ACENTO

...[82]

A terceira forma de estabelecer a unidade da palavra é o acento. Esse nome não tem, em Humboldt, o sentido usual da lingüística e da gramática de um modo geral. O que Humboldt chama de acento está ligado à elaboração sonora das palavras.

Para se estudar, aqui, o acento ou, como chama Humboldt, a coloração própria dos sons das sílabas, deve-se mencionar os processos de formação das sílabas e a nitidez dos sons empregados. Na formação das sílabas, os sons brotam dos desejos e da maneira como os indivíduos se empenham em dar a elas a característica sonora que convém, ou seja: a "coloração" é determinada pela natureza ou função da sílaba dentro da palavra.

A tonalidade impressa nas palavras responde pela expressividade que o indivíduo coloca no discurso, a força com que se expressa: ela instala nas palavras os sentimentos do indivíduo. A tonalidade é a conversão do estado momentâneo de alma do indivíduo em discurso.

No processo de produção das sílabas também interfere a duração do "acento", que é muito mais determinada pela língua que pelo indivíduo. Ou seja, a fórmula

[82] Idem, ibidem., p. 181.

de duração da sílaba é dada pela língua e deve ser respeitada; exemplos são as vogais longas e breves, que não se separam das consoantes. Tem-se, portanto, sílabas longas e breves.

Ao se produzir uma palavra, destaca-se uma parte; caso isso não aconteça, tem-se um amontoado de sílabas. A entonação é o destaque que certas sílabas ganham no discurso. Dentro de uma palavra deve haver apenas uma sílaba com entonação, podendo haver outras com uma entonação mais fraca. Ao contrário, porém, da ausência de sílaba com entonação, uma palavra com duas sílabas com entonação acabaria dividida em duas outras palavras, situação em que o conceito seria destruído.

A unidade da palavra nasce do destaque de uma sílaba, que então domina as outras, que, em detrimento do mesmo processo, perdem o destaque, ocorrendo um condicionamento recíproco, uma determinando a outra. Assim, o discurso apresenta dois grupos: um formado pelas sílabas que recebem entonação e um outro, que tem a entonação eliminada. Qualquer sílaba, porém, pode receber entonação e, no discurso, o falante pode destacar qualquer sílaba da palavra, conferindo-lhe uma significação particular e a condição de acento secundário devido à natureza rítmica da palavra e à origem dos conceitos em questão. Apenas uma sílaba, entretanto pode receber o acento principal. Além disso, nada obriga que as tônicas coincidam em determinadas posições na frase.

Os grupos de sílabas sem entonação estarão delimitados no discurso pela localização das sílabas com entonação: as sílabas sem entonação agrupam-se até o aparecimento de uma sílaba com entonação.

A entonação se origina da significação do discurso, estando vinculada aos significados das palavras. É para destacá-los e esclarecê-los que ela se apresenta no discurso. Porém, quanto mais a nação estiver voltada para a beleza rítmica e musical, mais influência a natureza rítmica dos sons exercerá sobre a entonação, que não se mostra no discurso orientada na direção dos significados intelectuais das palavras, mas pela idéia geral intelectual e o condicionamento psíquico em que a idéia está assentada.

Assim, conclui-se que, de todas as partes da língua, a entonação é a que mais se liga ao caráter intelectual, porque exprime as peculiaridades intelectuais da nação.

As três fórmulas de estabelecer a unidade da palavra ressaltam as peculiaridades que brotam da acepção interna da língua e se espalham por todo o seu organismo. O método flexional é o que mais bem as desenvolve. Na flexão, o conjunto dos elementos distintos que se opõem coopera mais ainda para a unidade das palavras e a distribuição delas dentro da frase em partes coesas, integra tudo em um só organismo, tornando possível a articulação da frase. Na flexão cooperam todos os elementos que compõem a frase, não sendo só a mera compreensão de tudo o que é importante. As unidades devem ser mantidas, porque as partes se ligam e se desligam umas das outras segundo a sua função no conjunto, que estabelece a unidade da palavra.

Este esquema favorece a construção da frase; as unidades possuem marcas que asseguram seu perfeito emprego e entendimento, não deixando margem para dúvidas quanto a suas relações com o conjunto da frase. No processo flexional, além disso, ficam evidenciadas as formas do pensamento. Assim, numa frase, apresentam-se os elementos da língua e os do pensamento, que evidenciam as formas mais ocultas da língua.

O processo é sempre igual: na composição da frase se mostram com viva evidência as formas externa e interna da língua. É, portanto, no sistema flexional que ocorre a verdadeira articulação da frase, com as unidades das palavras permanecendo intactas. No estudo da língua devem ser um composto inseparável.

Cabe observar que Humboldt emprega a palavra "articulação" com o significado de "algo formado por partes".

Na fala se realiza o mais alto nível da criação lingüística: o nível da exigência lingüística nacional corresponderá à geração das idéias e representará o desenvolvimento inteiro do pensamento.

O nível é sempre um ideal e sempre será um objetivo. Não importarão os obstáculos a serem superados para se chegar ao desenvolvimento perfeito das idéias: para

os seres humanos, a meta é o nível ideal. Se os seres humanos têm como meta as formas ideais, e se a flexão é o método que melhor se encaixa na corroboração do ideal lingüístico, então ela é o ideal lingüístico.

Então, todas as construções lingüísticas se submetem à formação da frase, e o pensamento precisa da liberdade da montagem livre entre as orações, de acordo com a necessidade da sua essência, para melhor se realizar; e qualquer resto de arbitrariedade imposta na escolha dos elementos só atrapalha sua plena realização.

1.13. **SISTEMA INCORPORADOR**

Diferentemente do sistema flexional, que baseia a construção lingüística na palavra, tem-se o sistema incorporador, que se baseia na frase. É por esta característica do sistema incorporador que se deve considerar as fórmulas pelas quais as línguas podem organizar as palavras na frase.

Uma vez formadas, as palavras estão prontas para compor unidades lingüísticas maiores. A frase é a unidade maior, não porque seja mais extensa, mas porque comporta um sentido diferenciado da soma das palavras e porque neste nível de formação da língua os sons não atuam como determinantes. A formação da frase depende de fatores ligados à forma interior do sentido lingüístico e à faculdade lingüística de ordenar idéias.

...[83]

As línguas de caráter flexional, cujo exemplo citado por Humboldt é o sânscrito, colocam na palavra os elementos que a ligam à frase. Esses elementos apresentam-se nas partes da palavra e da frase segundo as exigências da natureza da frase

[83] Idem, ibidem., p. 186.

necessárias ao entendimento. Desse modo, a frase constrói sua unidade a partir da unidade das palavras.

Em uma outra extremidade lingüística está o chinês, que emprega rigidamente na frase cada raiz, que constitui palavra, que, ao entrar na frase, não sofre qualquer alteração, deixando a compreensão do seu valor e da sua função para o pensamento. Os sistemas do sânscrito e do chinês, porém, apresentam semelhanças operacionais. A palavra na frase sânscrita mantém sempre a sua unidade, e o chinês faz isso de maneira ainda mais rígida: suas palavras aparecem sempre isoladas, mantendo suas unidades.

Nas línguas por isolamento nenhum tipo de elemento sonoro aparece esclarecendo as relações das palavras entre si: o pensamento se mostra pela colocação das palavras na frase ou pelo aparecimento de uma outra palavra, também isolada, que indica as relações.

Humboldt argumenta que entre a flexão e o método do chinês existe um terceiro modo de realizar a unidade da frase. Neste caso ocorre que a frase, com todas as suas partes, se realiza de uma única vez, não como um grupo de palavras, mas como se se tratasse de uma única palavra, tanto fonicamente quanto para o entendimento. A unidade sonora está estruturada num conjunto pela articulação e o entendimento também acontece como um todo, porém composto de partes inseparáveis.

Voltando às palavras de Humboldt, se se considerar que toda expressão, por mais incompleta que seja, é fruto de uma intenção, conseqüentemente qualquer expressão se torna veículo do pensamento de quem a produziu, e por este caminho se chega à definição de frase: um composto lingüístico formado por uma unidade sonora mais um conceito completo. Por isso o ponto de partida do estudo lingüístico, pela natureza das línguas, deve ser a frase.

Portanto, as línguas que usam a incorporação para construir a frase não estão destruindo sua unidade característica, mas elevam-na a um nível ainda mais firme.

Deve-se esclarecer que há variantes no sistema incorporador. A frase se apresenta com diferenças entre as línguas, segundo as línguas apontadas por Humboldt. A frase se mostra, porém, em uma unidade legítima, com característica de palavra, realizada de uma maneira mais rígida que a frase flexional.[84]

No sistema incorporador a construção lingüística e a ação formadora da língua ultrapassam o limite da palavra, as leis da língua de formação de palavras se estendem até o nível da frase enquanto que no sistema por flexão e no sistema do chinês a atuação dos sons na organização da frase está em segundo plano. No sistema incorporador essas leis atuam tanto na frase quanto na palavra.

Então, comparando-se os três métodos, verifica-se que apenas no flexional acontece a verdadeira distinção entre a unidade da palavra e a da frase, pois aí a unidade da palavra, quando completamente desenvolvida, é sempre mantida na formação da frase, que deve estar composta necessariamente por palavras.

Os três métodos de realizar a frase, tal como os tipos de construção da palavra, ocorrem em todas as línguas. Humboldt diz que, em geral, as línguas possuem vestígios dos três métodos e que o predomínio de um deles acontece em um momento qualquer na história da língua. A forma predominante se estende por toda a língua, com um grau maior ou menor de coesão.

Seguindo a análise de Humboldt, tem-se o exemplo da língua mexicana, representativo da frase no método incorporador. Humboldt apresenta uma análise do modelo incorporador e deixa claro que esse é o modo de incorporação específico da língua

[84]Humboldt não apresenta exemplos de formas lingüísticas. Os exemplos seguintes, aqui registrados com a intenção de ilustrar o sistema incorporador, por ser o mais mal compreendido dos sistemas lingüísticos expostos por Humboldt, foram extraídos dos artigos "Algonquian", de Leonard Bloomfield, e "Delaware, an Eastern Algonquian language", de C. F. Voegelin: (BLOOMFIELD) **peqtenamwa** "He takes it by error",**pehtenaweewa** "He shots him by error" (p. 88), **wensaapaneewa** "He sees him from there" (p. 89); (VOEGELIN) **kees-pes-neeweew** "I saw him on the way", **nekees-pes-neewaaw** "I saw him on the way", **kayees-pes-neewak** "When I had seen him on the way", **nekees-pes-teh-wenah-neewaaw** "I did see him on the way", **weepi-pyeeci-teteposeewa** "He begins to approach walking in a circle" (p. 103).

mexicana. Segundo sua explicação, cada língua possui o seu método característico, mesmo que tenha como base tipológica a incorporação, a flexão ou o isolamento.

O mexicano concentra a frase no verbo, que se torna o centro da organização semântica da frase, e as outras partes vão-se agrupando em torno dele. Segundo uma expressão do próprio Humboldt, esse agrupamento se faz "na medida do possível", ou seja, através de regras bem definidas.

Essa construção frasal dá forma a uma seqüência que, na sua formação sonora, se torna um todo coeso.

Humboldt analisa este modelo de frase como se de uma palavra se tratasse. Isso se justifica pela realização sonora dessa unidade, ou seja, pela sua articulação, que acontece de modo semelhante aos meios de definição da unidade da palavra.

Humboldt apresenta várias situações exemplares do sistema incorporador do mexicano. Nessa língua não é possível pensar o verbo sem as determinações secundárias complementares; quando não houver determinações associadas ao verbo juntar-se-á a ele um pronome indeterminado e especial, que possui uma forma para pessoas e uma para coisas e que jamais aparece isolado, fora de uma frase. Quando um verbo empregado no passado perfeito termina a frase, para que haja mutação temporal antepõe-se o prefixo à forma do presente. Humboldt conclui que isso caracteriza todas as determinações secundárias (substantivos, adjetivos, etc.) como parte do verbo, e as mudanças por aumento acontecem ocasionalmente. As palavras possuem formas diferentes se se incorporam a uma frase ou se aparecem isoladas. Segundo Humboldt, se esse esquema não acontecesse, a compreensão da frase e das palavras ficaria prejudicada. Por exemplo, os pronomes sempre perdem as suas marcas específicas quando aparecem na frase, o mesmo acontecendo com os substantivos quando formam compostos. A palavra mexicana *nacatl* "carne" aparece, em situação de incorporação, como *naca ni-naca-qua,* que significa "eu como carne"; na forma absoluta aparece como *nacatl ni-c-qua in nacatl* "eu a como, a carne". A diferenciação de formas também ocorre com os pronomes, que apresentam uma forma quando incorporados

e outra quando isolados, variando segundo as condições em que acontecem, ou seja, se são pronomes regentes ou regidos. Quando o pronome pessoal aparece isolado, indicando o sujeito, ele também se incorpora. Portanto, na frase, aparece duas vezes o mesmo pronome, mas o não-incorporado é que exerce a função de sujeito. E, ainda, se o sujeito é nominado por uma palavra específica, não se incorpora, não havendo um pronome que o substitua incorporando-se ao verbo, o que evidencia a função do pronome não-incorporado como sujeito.

Humboldt acrescenta que, ao se analisar frases simples e as múltiplas maneiras pelas quais elas podem se apresentar, é necessário esclarecer que dificilmente o método incorporador se estende a todos e a cada caso da língua: em diversas ocasiões formas se destacam e têm que ser entendidas separadamente.

É lógico que este processo de existência ou não de incorporação ou qualquer outro método está ligado à história da língua, que, ao se desenvolver, resolveu os casos e as situações: a língua, ao resolver os problemas, sempre se mantém na via em que se instalou desde o primeiro momento; e, onde houver problemas para se materializar, encontra meios para os superar.

Humboldt aponta um caso de ambigüidade no mexicano. Quando ocorre a um falante expressar que alguma coisa ocorreu com alguém e seja necessário distinguir se o ocorrido lhe foi favorável ou não, cria-se, na utilização do pronome específico, que então teria que indicar duas idéias, uma ambigüidade; a língua, porém, com a ajuda de uma partícula adicional, cria uma classe especial de verbos que desfazem a ambigüidade, pois o pronome designa a coisa realizada, e a relação secundária (a favor ou contra esse alguém) é indicada pela partícula adicionada ao verbo:

chihua "fazer"

chihui-lia "fazer a favor ou contra alguém"

Comparando-se o método da língua mexicana com o método do chinês, pode-se ver que eles se assemelham por compreenderem que o verbo deve ser o centro da

estrutura frasal e das determinações adicionais, uma vez que tanto o mexicano quanto o chinês as deixam sem marcas relacionais. O mexicano, porém, tem uma vantagem em relação ao chinês: no chinês o verbo nem sempre é reconhecível e a nitidez se dispersa; no mexicano, por outro lado, o verbo está nitidamente definido e para ele tudo converge.

O mexicano se aproxima do sânscrito por estabelecer ligações entre as palavras, mas se opõe completamente a ele por não caracterizar com perfeição todas as palavras.

O sistema incorporador, ao organizar a frase, procura sempre reuni-la em uma única forma; quando isso não é possível, aponta marcas que sinalizam a direção semântica da frase, ou as relações entre suas partes. E, diferentemente do que pode parecer, o sistema incorporador não é uma mistura dos sistemas com os quais tem semelhanças, mas apresenta características que são particulares e que o diferenciam. Nele, não se trata de organizar a frase pouco a pouco com os elementos que nela se apresentam, mas produzi-la como uma única forma moldada para ser expressa em um só impulso.

...[85]

Cabe refletir aqui a propósito do processo de exteriorização da língua, que é expressão de sentimentos. Pode-se dizer, então, que qualquer expressão humana é portadora de um sentimento e que, por mais simples que pareça, será completa em si mesma.

Retomando-se o conceito de frase uma idéia completa em si mesma , conclui-se que a expressão lingüística se faz por meio de frases, e a análise em partes é apenas uma abstração.

A natureza é feita de processos evolutivos, e a língua, como algo da natureza, também evolui.

[85] Idem, ibidem., p. 191.

Na origem, o sentimento, ao tornar-se som, provavelmente não tivesse claras todas as suas partes; à medida que se desenvolve com liberdade, suas partes vão-se apresentando com maior clareza nos sons articulados diferentes; cada vez que uma parte do sentimento ganha precisão conceitual, ela claramente se estabelece no discurso.

Compreendido este processo, pode-se verificar que o sistema incorporador do mexicano o cumpre em parte. A frase brota como um todo: na medida em que uma das partes não está processada, ela é expressa por um pronome indefinido, que a seqüência do discurso se preocupa em esclarecer.

Não se deve pensar que o mexicano esteja mais próximo da sua origem que outras línguas; pela construção e pela precisão de alguns elementos, como pronomes e flexão verbal, está avançado na sua evolução gramatical. Também a fórmula de construir a frase é complexa, e tal grau de elaboração demanda um longo processo evolutivo; também a fórmula de agrupar as partes da frase no verbo é resultado de uma evolução bastante elaborada quanto à precisão das unidades das palavras.

Flexão verbal no mexicano: não se trata de uma confusão. O que ocorre é que o verbo tem algumas determinações simbólicas, como por exemplo a indicação de tempo por meio de sons definidos e individuais. Assim, não se pode negar que os verbos apresentam flexão.

Há individualizações no método incorporador. Humboldt escreveu que línguas do grupo delaware expressam com o verbo os pronomes regidos e regentes, sem no entanto juntar a ele nenhuma forma nominal inteira; essas línguas estão em grau inferior ao mexicano.[86]

Nem todos os métodos incorporadores apresentam, entre os elementos, amarras suficientemente fortes para criar uma verdadeira unidade de palavra. Esse defeito

[86] VOEGELIN, *op. cit., p. 149:* **nkwétki** "I went back", **nkwetkiá** "I ought to go back", **kwetekíw** "He went back", **kwetekí.w.á** "He ought to go back", **nahali.á.mata.nkwetkí.i** "I shouldn't go back".

de coesão existe porque não há, do ponto de vista orgânico, uma separação exata das partes que compõem a frase: essa ausência da pausa causa danos à unidade da palavra.

A confusão que o sistema incorporador faz entre o que compete às partes e ao conjunto da frase está no espírito que organiza a língua, que não chegou a definir com precisão o conceito das partes. Se isso tivesse acontecido, ao contrário do que ocorre, essas línguas teriam desenvolvido os conceitos formais no nível de consciência que o espírito tivesse alcançado, podendo chegar a declinações para os nomes e a limitar o verbo às determinações essenciais.

Resumindo: incorporadores são todos os casos em que um conjunto frasal é produzido em uma única forma, com característica de palavra: as partes estão presentes e definidas, mas cedem seu espaço individual para valorizar o conjunto.

Então a frase pode ser realizada de três formas, a partir das palavras: por flexão, por aglutinação e por incorporação, não incluído aí o chinês, com seu sistema que carece completamente de formas gramaticais. De um modo geral, todas as línguas fazem uso de uma ou mais dessas formas. Deve-se observar, porém, como cada língua realiza com perfeição a forma que criou para si.

Cabe esclarecer que não existe contradição entre os três métodos de realizar a frase e as formas de construir a palavra. Não se deve esquecer que aglutinação e flexão são formas que trabalham de maneira semelhante e que constituem, por conseguinte, formas pertencentes a um mesmo tipo. De modo que o chinês constitui um grupo unitário à parte, porque isola raízes, e nenhuma outra língua faz isso; portanto, somente as formas por flexão/ aglutinação e incorporação se misturam.

1.14. **OS PRONOMES**

1.14.1. EU - TU - ELE

Partindo de um ponto qualquer na língua observa-se uma constante: a língua está para o ser humano como um mundo de sensações e emoções que se transformam em objetos psíquicos. O mundo está, em diversos aspectos, dividido em dois conjuntos. Quando a natureza não fez a divisão, os homens, por necessidades egocêntricas, a fizeram, e a língua reflete a dualidade do mundo dos homens.

Assim, a língua está marcada por bipolaridades como, por exemplo, no nível das significações: superficial e profundo, sensibilidade e espiritualidade. Como se está falando em pronomes, neste parágrafo, pode-se pensar na divisão da interlocução, que, na sua essência, está baseada na condição humana do homem, que, para realizar o pensamento, requer sempre a presença do outro. Essa tendência dos seres humanos de se comportarem como solidários e sociais resume a língua em pergunta e resposta. O pensamento está voltado para a sociabilidade, ele nasce da língua que se desenvolve nos homens com a ajuda do outro, que representa a sociedade. No pensamento dos indivíduos e na língua está a essência da sociedade e dos homens. É dessa interação entre pensamento, língua, seres humanos e sociedade que nasce a dualidade pergunta e resposta.

Assim, se um ser cresce na língua pela dualidade pergunta e resposta, em qualquer situação física ou afetiva sempre existirá a necessidade de um "tu" que faça par com um "eu", e esta é uma exigência do pensamento expressa no discurso. Para que haja o conceito precisa-se de um sujeito e de algo para ser conceituado; da projeção que o sujeito retira do objeto cria-se o conceito, que jamais será rigorosamente a expressão exata do objeto. Do conjunto de massa que compõe o objeto far-se-á uma representação a partir da visão do sujeito.

Se se observar esse processo de nominalização, ver-se-á que nessa objetividade do discurso está a subjetividade: o conceito figurado em palavra está para o objeto como uma imagem de espelho desse objeto; e o sujeito que realizou a proeza de o exteriorizar precisará encontrar sua criação em outro ser igual a ele, e esperará tê-la

encontrado, e então encontrará esse conceito dentro de si mesmo, e só então se reconherá como um ser participante no mundo.

Nesta organização, compreende-se que nenhum indivíduo está só quando pensa: para o pensamento o "tu" é uma necessidade premente para a existência, e esse "tu" é sempre um pensante igual ao "eu". Se um ser precisa de um outro para realizar o intento social, então deve-se ter em mente que não há outro meio de pensar e de interagir na sociedade que não seja a língua, pois o homem só existe por meio dela e nela é que se encontra mais bem representada a humanidade.

Essa representação acontece sempre de maneira subjetiva e instala no entendimento (espírito) de quem a produz o objeto representado. A palavra é um objeto psíquico que vai de encontro ao objeto que representa. E, quando se realiza qualquer palavra, refaz-se todo o percurso que se fez na primeira realização percurso que é, portanto, sempre subjetivo. A realização objetiva refere-se aos aspectos externos, que, em síntese, são iguais para todos os indivíduos. Nota-se que a palavra e o objeto estão muito longe um do outro, ambos são objetos de seu mundo, um se reporta ao outro; a palavra, porém, evoca sempre um objeto psicológico, fictício, marca da liberdade individual, que a língua mantém para interferir na realidade.

Assim, a palavra, no seu mérito essencial, amplificado pela interação entre ouvir e responder, compõe um arquétipo comum a todas as línguas, empregado para exprimir a diferença entre a segunda e a terceira pessoas pronominais.

Um esquema "eu" e "ele", que na verdade comporta toda a realidade, é um esquema "eu" e "não-eu", pois tudo que não for "eu" é um "não-eu"; dado que o mais genérico dos pronomes é o "ele": tudo que não for "eu" é um "ele". O "tu" também é um "não-eu", só que diretamente oposto ao "eu", que se refere a tudo que compõe o universo subjetivo; o "ele" se refere a tudo o que é externo ao indivíduo e corresponde à designação universal dos seres. O "tu" também se instala no universo externo, porém em destaque, porque se refere a uma escolha espontânea: é um "ele" que possui uma presença marcada

pela ação. Portanto, o "ele" corresponde a um "não-eu" e também a um "não-tu", o "ele" se opõe aos dois (sendo "não-eu" e "não-tu") ao mesmo tempo. A prova é as línguas que sempre especificam o pronome de terceira pessoa com um termo. Certas línguas indígenas acrescentam a palavra "homem". Esse pronome não tem um conceito próprio, sistematizado, e, no circunlóquio para marcar essa pessoa, deixam transparecer a diferenciação entre os três pronomes: "ele" é sempre distinto do "eu" e do "tu", que estão sempre muito próximos; o "ele", por estar fora da esfera dos que falam, se expande para aquilo que não tem vida, referindo-se tanto a seres que sentem quanto a coisas.

Uma diferença importante é a posição que os pronomes ocupam na descrição gramatical e na natureza das línguas. É lógico: o que se forma e aparece primeiro na língua está ligado ao "eu", o primeiro ser que fala, que, ao nominar-se, não o faria de outra forma senão por uma referência direta a si próprio. Por necessidade existencial, o "tu", o outro, aparece imediatamente. A análise gramatical é que os considera como substitutos dos substantivos, que, na verdade, são elementos de terceira pessoa: o nome sempre é usado para evocar alguma coisa ou algum ser fora da esfera da interlocução e jamais é uma referência direta ao ser que fala ou responde.

Pensando-se na relação que os indivíduos mantêm com as coisas, atuando com subjetivismo, o pronome de primeira pessoa "eu" está inserido em todas as relações de espaço (externas) e também no mundo das sensações (internas). Segundo Humboldt, por este esquema pode-se ver porque os pronomes se associam com tanta facilidade com palavras que indicam relações a preposição e a interjeição.

As preposições indicam relações espaciais ou temporais (externas aos indivíduos) e o pronome se liga a elas. As interjeições, por sua vez, brotam dos indivíduos como expressão de estados de alma, revelam sentimentos, são internas e suas naturezas são tão subjetivas quanto a natureza dos pronomes pessoais. Então, os pronomes simples podem ter suas origens fundadas em uma relação do tipo espaço/tempo ou sensitiva.

Essa hipótese de Humboldt deve ser, segundo ele mesmo, tomada com muito cuidado: é possível que tanto as preposições quanto os pronomes em algumas línguas tenham surgido de palavras que indicassem coisas concretas: tanto as palavras que indicam sensações como aquelas que indicam objetos concretos surgem igualmente no discurso. Desta situação, infere-se que pronomes e preposições podem ter surgido em alguns casos de designações concretas.

Humboldt cita os casos das preposições "atrás de" ["detrás de" ou "por trás de"] que, metaforicamente, poderia ter a idéia vinculada a ela indicada pela palavra "costas" e "diante de", que poderia ser indicada pela palavra "peito". Observa-se que há uma forte relação de sentido entre as preposições e os respectivos nomes citados.

...[87]

De qualquer forma, se algumas dessas palavras apresentadas, ou outra qualquer da língua, tiverem essa origem será difícil recuperá-la. Mas em todas as línguas têm existido palavras que surgiram invocando um detalhe da personalidade que fala.

1.14.2. O PRONOME RELATIVO

....[88]

Para Humboldt, o pronome relativo surgiu de uma necessidade de se desfazer uma ambigüidade e exerce muito mais do que a função de substituir um nome, como afirmam as gramáticas. Ele exerce a função de juntar duas frases relacionadas, das

[87] Idem, ibidem., p. 138.
[88] Idem, ibidem., p. 297.

quais uma seja apenas uma parte, ou uma expressão ou uma palavra da outra e, por isso, um fato gramatical difícil de ser apreendido.

Se se pensar no nome "pronome" substituto de algo que está em outra frase , o relativo pode e deve ser chamado por este nome gramatical mesmo quando estiver exercendo a função de conjunção na ligação de duas frases. O pronome relativo, portanto, substitui um nome, por um lado, e, por outro, rege uma frase. Humboldt, aliás, o chama de "pronome-conjunção".

Escreve Humboldt: o pronome relativo deixaria de existir caso as duas frases que ele une não estivessem indissoluvelmente unidas[89] afirmação interessante, porque para Humboldt as palavras se definem no discurso. A expressão "indissoluvelmente unidas" não deve se referir absolutamente ao desmembramento dessas frases ou orações, mas ao fato de estarem indissoluvelmente ligadas no discurso em que estão inseridas e ao fato de que são, na verdade, uma idéia, sem divisões. O pronome relativo marca uma mudança de sentido, certamente um conjunto de sentido composto por partes, que somente são completamente entendidas juntas, e marca onde o pensamento muda de direção, ou ganha uma direção nova.

Humboldt argumenta que a relação entre as frases não acontece de qualquer jeito: é necessário que o pronome relativo (ou "pronome-conjunção", como ele chama) seja exigido pelo verbo e que seja regente na frase que encabeça. Em síntese, os pronomes relativos exercem nas línguas funções específicas. Uma relação pode ser indicada por vários relativos de maneira satisfatória, mas dificilmente por todos que existam em uma língua.

Para Humboldt as línguas não genuinamente flexivas não fazem justiça ao verdadeiro valor do pronome relativo; na verdade, elas não o possuem. Essa designação sintática, para ser perfeitamente utilizada, precisa de nomes flexionados.

[89] Idem, ibidem., p. 298.

Humboldt mostra o exemplo da língua quechua, língua indígena do Peru, na qual, por causa da ausência do relativo, a relativização é feita com a inversão da ordem comum às línguas que o possuem. As frases ficam assim:

"mostre-me, este caminho andarei".

ao invés de

"andarei no caminho que me mostrar".

Observe-se que, na forma relativa da frase, a palavra que seria substituída pelo pronome não aparece repetida e está precedida de um pronome demonstrativo na oração principal. No quechua, ainda segundo Humboldt, experimenta-se a idéia do relativo, apesar de não existir nenhuma marca clara que revele a dependência entre as frases, mas está claro que nesta língua a relação indicada pelos pronomes está formada e provada pelo pronome demonstrativo no início da oração principal, mas, ao invés de criar uma nova situação sintática na língua, escolheu-se um meio mais fácil.

Humboldt não apresenta frases escritas nessa língua, limitando-se a explicações por meio de exemplos do alemão, dos quais se tirou o exemplo citado.

1.15. **VERBO**

O verbo caracteriza-se como a parte mais importante da oração: somente ele pode sintetizar em si mesmo todos os elementos gramaticais de que a idéia necessita.

Em muitas línguas, sobretudo aquelas que trabalham por flexão, o verbo pode vir a ser uma oração completa e uma frase. Nesse método ele é o resultado da transformação de um radical com elementos. Assim diz Humboldt: nesse conjunto está muito mais do que ocorre com os nomes declinados; nele está incutida a idéia da ação que simboliza e pela qual ganha a capacidade de, dentro da frase, realizar a ação intencionada.

Percebe-se uma nítida diferença entre a função do verbo e a das outras partes, que são matéria inerte e se conectam com a parte que lhes dê vida. O verbo pode dar-lhes vida, porque possui um valor ativo. Assim, ao se estudar uma frase simples, não se pode classificar o verbo como uma parte igual às outras. Por exemplo: o verbo "ser", em uma construção qualquer, sintetiza em si a ligação do sujeito com o predicado. Assim, o verbo "ser", que representa a capacidade de poder-fazer, se transforma em um fazer pela característica enérgica do verbo.

Em uma oração, torna-se possível aquilo que estava pronto para ser ligado ao sujeito e dele tornar-se um estado real da natureza, e somente o verbo pode realizar essa operação.

Numa construção com esses elementos a ligação formada não deve ser descrita como um "objeto" e um "qualificador", mas o objeto é qualificado. Observe-se um exemplo:

"espírito" e "imortalidade".

A imortalidade é uma qualidade do espírito, ambos são conceitos dependentes, mas não apenas quando se estabelece entre eles uma relação por meio de um verbo. Quando a relação ocorre, os conceitos tornam-se uma idéia completa: "O espírito é imortal". A idéia que, antes da ação do verbo, era exclusivamente interior tornou-se, depois dele, realidade. Assim, na primeira formulação do exemplo acima, a idéia permaneceu no interior do indivíduo, demandando do pensamento que decodifica o trabalho de encontrá-la; na segunda, a idéia está pronta, evidenciada, real. "Real" que deve ser entendido como oposição a "interior do pensamento", ou seja, como exterior, no sentido de evidenciar o conteúdo.

Pensando na hipótese descrita acima, em uma língua, ao se construir o verbo, deverá ficar claro se a sua função acontece ou não, ou, ainda, sendo realizável, até que ponto o é. Essa é a maneira mais exata de se estudar os verbos, que, ao se tornarem expressão, realizam os intentos mais elevados de que são capazes. Então, ao estudá-los em

uma língua deve-se verificar se realizam esses intentos perfeitamente, ou se apenas em parte, e como é que o fazem. Quando os verbos são estudados apenas no âmbito da enumeração dos tempos, dos modos e das conjugações, permanece-se na "superfície lingüística da língua", que é sem dúvida importante, mas que somente vai adquirir uma significação completa quando forem mostradas também as orientações profundas.

Humboldt não se refere ao ato de descrever a norma da língua, mas ao processo de ensinar a língua. Logicamente, se uma tal falha metodológica ocorrer na descrição da gramática normativa, ela não poderá ser ensinada ao povo. É como um composto lingüístico, e não como um aglomerado de regras, que Humboldt prega o ensino da língua materna ao povo.

Humboldt afirma que o sânscrito realiza o verbo como uma forma vivificante. Em sânscrito o verbo apresenta características que o diferenciam completamente dos nomes: sua natureza está completamente desenvolvida, e do modo desejável. Também os nomes estão perfeitamente desenvolvidos nas suas características. Tanto os nomes quanto os verbos atingiram a forma plena, facilitando o reconhecimento de ambos. O nome é um objeto e adota signos para indicar as relações. O verbo, por outro lado, mostra-se como uma ação momentânea e efêmera, não adota signo para as relações como nos nomes; ao contrário, é ele mesmo o conceito da relação. O sânscrito é o melhor modelo dessa fórmula brilhante.

Contrariamente, se na língua as fronteiras dos nomes e dos verbos não são nítidas, elas levam a um não-reconhecimento dos limites de ambos, revelando que a língua ignora a precisão absoluta dos verbos e dos nomes. Em geral, essas línguas criam circunlóquios ou se valem de um verbo "ser" para completar a lacuna deixada no pensamento, resultando em confusão no domínio dos nomes e dos verbos, pois qualquer raiz nominal pode ser moldada como uma expressão verbal, como nas línguas malaias.

A construção verbal com uso do verbo "ser" para atribuir qualidade a coisas não se aplica da mesma maneira às línguas que possuem e que não possuem um pleno

desenvolvimento dos verbos. Numa língua plenamente desenvolvida, esse fenômeno é apenas um tipo de frase; outras, ao contrário, que precisam se valer desse recurso para expressar a idéia verbal, acabam por assimilá-lo à estrutura do verbo.

Humboldt cita a construção, no mexicano, da frase "eu amo" de duas maneiras: pela conexão de um pronome verbal com a raiz do verbo *ni-tlazotla* e pela conexão do mesmo pronome com um particípio *ni-tlazotla-ni*. Nesta língua existem alguns adjetivos verbais que não contêm o conceito de ação, mas que podem ser identificados como particípios, porque possuem significação ativa, passiva e reflexiva.

* * * * *

Há diversos níveis de realização da expressão verbal nas línguas, nas flexionais por excelência, em que o conjunto de modificações verbais fica sempre unido à raiz. Surge, então, a perfeição da forma verbal, ao passo que ela falha nas aglutinantes.

Nas línguas que, ao tentarem expressar a idéia verbal, adotam o caminho da indicação do verbo por meio de modificações simbólicas junto à raiz, mas que não o fazem com perfeição, a concepção da idéia verbal, apesar dessas dificuldades, está formada. Essas línguas em geral sinalizam a união das partes do verbo com pronomes regentes e regidos, que, ao se juntarem ao verbo, revelam a imperfeição da língua. A língua pode, porém, cada vez mais, transformar o pronome em pessoa e chegar à verdadeira expressão verbal.

Em casos como o chinês, em que há ausência total de indicações simbólicas para os verbos, são necessários recursos extras, de naturezas diversas, para elucidação da função correspondente à idéia verbal.

Humboldt afirma que o sistema incorporador do mexicano adota uma forma correta de expressão ao centralizar o conjunto da frase no verbo, que chega a apresentar uma flexão. Em geral o mexicano realiza a idéia verbal pela associação de pronomes à raiz,

mostrando que nessa língua a verdadeira concepção verbal está formada, apesar de ser expressa por determinações simbólicas.

Os verbos, pela capacidade de imprimir ação à língua, opõem-se aos nomes, que são matéria inerte e estática. Por isso, somente a verdadeira idéia verbal pode imprimir na língua a idéia de movimento e de energia. O mexicano, portanto, adota uma fórmula correta para a expressão da frase centralizando-a no verbo.

1.16. **CARACTERÍSTICAS DAS LÍNGUAS FLEXIONAIS**

Na construção da idéia na frase, um conjunto de relações apropriadas para a situação se estabelece, e todos os elementos que a compõem trabalham para o mesmo fim e a frase termina realizada.

O verbo atinge o estágio de fluxo energético da língua quando nele está dado o poder da ação e de fazer as outras partes da frase (oração) ganharem vida e movimento. Quando essa fórmula está desenvolvida, no discurso o verbo ganha a forma de um radical mais as formas relacionais que o integram no conjunto da comunicação tempo, modo, número, pessoa, voz etc. E, para que as outras partes da oração estejam integradas com o verbo na perfeição das idéias de que são expressão, precisam apresentar as mesmas características: radical mais forma relacional. Juntando esses pensamentos, somente as línguas autenticamente flexionais chegam a realizar esta síntese porque aprofundam esta fórmula lingüística.

Assim, numa língua flexional, a designação das coisas e das relações gramaticais deve estar equilibradamente disposta. A palavra na frase deve estar com sua unidade fônica, a despeito do que pode fazer a construção rítmica, completamente estabelecida e firmada. E, ao se construir a frase, a unidade das palavras deve ser incondicionalmente mantida, de forma que a liberdade da frase esteja completamente assegurada. De um composto dessa natureza, em que as idéias estão estabelecidas dentro de

formas sintéticas, brota uma força de conjunto organicamente equilibrada, em que as partes respondem com êxito pelas suas funções, e o todo apresenta uma harmonia inquebrantável. Então no espírito ocorre uma integração perfeita entre as idéias e a língua, o pensamento e a fala interagem continuadamente, e a perfeita produção de um alimenta e melhora a qualidade do outro.

A língua é matéria pronta e bruta que se molda a partir de estímulos exteriores. O falar e o pensamento levam-lhe a ação enérgica da força interior do espírito. Se a língua permanecesse à mercê das forças externas e materiais, ela seria um obstáculo à integração perfeita dos elementos de produção e das barreiras contra as forças de natureza interna. Onde a matéria se encontra equilibrada com as forças interiores, a língua explode em um conjunto harmonioso, em que as forças internas penetram energicamente na língua e a sustentam. Ela, por sua vez, age sobre essas forças, com sua liberdade material, estabelecendo o efeito equilibrador.

Por causa de uma infinidade de fatores, porém, a atividade do espírito é sempre muito variável e no desenvolvimento da ciência e da literatura não atuam somente as disposições do espírito nacional e as características da língua, mas também elementos externos de caráter histórico, geográfico, etc. que podem acontecer ou não. A ciência e a literatura são, portanto, fatores quase que acidentais no desenvolvimento de um povo.

No entanto a língua existe, independentemente delas, e, quando ocorrer o impulso do pensamento abstrato, a língua se transformará no instrumento perfeito e realimentará o pensamento. Nesse momento as disposições nacionais começam a agir e a impulsionar o movimento desencadeado, que ocorre em um momento preciso e uma vez em cada língua.

Se o grego, no período de Homero, conheceu um grande desenvolvimento, que lhe outorgou um espírito flexional perfeito, ele e as disposições espirituais nacionais vigentes durante os séculos anteriores foram purificados e naquele momento estavam prontos para receber e suportar o desenvolvimento da ciência e da literatura. No entanto, as

disposições de língua naturalmente flexional e a força sintética sempre estiveram presentes e em aperfeiçoamento ao longo das gerações.

Se acontecimentos exteriores podem ocasionar o impulso do pensamento abstrato, a ausência do impulso deixará a língua estagnada e no povo que a fala não florescerá nunca uma literatura tão nobre quanto as disposições da língua podem sustentar. É o caso do lituano, que, pela ausência do impulso inicial ou por algum fator inibidor, mesmo sendo uma língua de origem autenticamente flexional, não desenvolveu uma literatura de alto nível.[90]

Considerando a estrutura da língua em si mesma, tomando-se como exemplo uma estrutura lingüística perfeita nas relações entre a língua e o espírito, a língua oferece força intelectual e clareza, algo como um sentimento organizacional que vai além da análise das idéias e que advém da relação espírito e sensibilidade, que, no conjunto da língua, explora os sons numa composição rítmica, sempre respeitando a fórmula que eles possuem em si mesmos. Em um conjunto assim harmonioso, certamente surgiria um impulso que geraria o desenvolvimento das idéias. É assim que a estrutura perfeita da língua, pela sua natureza dotada de sentimento de vivacidade, favorece a origem da literatura e da filosofia desenvolvimento espiritual que é capaz de realimentar e assegurar o princípio vital da língua.

Então, por que ocorrem a simplificação do processo lingüístico ou a diminuição das marcas formais no discurso?

O tempo não é o maior culpado: ele apenas torna possível tudo aquilo que está ligado ao homem. A explicação está no espírito que constrói a língua, que, com o passar do tempo, esmorece ou acaba. Exemplos são as declinações e conjugações, que tendem a agrupar-se à medida que os conceitos vinculados às marcas gramaticais vão-se cristalizando no conjunto da língua e, em um certo ponto da evolução lingüística, a

[90] Convém lembrar que Humboldt está-se referindo à situação da língua e da literatura lituanas no início do século XIX.

marcação precisa das funções das palavras não é necessária porque os conceitos estão marcados por si mesmos em cada situação ou caso. A simplificação acontece não como distorção, mas tendendo a diminuir os traços marcadores distintivos: onde se pode distinguir um conceito com apenas uma marca sonora, as outras são eliminadas, e os sons eufônicos tendem a sofrer avarias.

Conclui-se, então, que acontecem menos transformações nos falares ou nas línguas menos cultas. Humboldt afirma que, nas línguas tidas como bárbaras, a tendência de marcar os conceitos com muitos traços é menor e que, nas línguas cultas, acontecem mais transformações.

Para Humboldt a pergunta formulada acima requer uma explicação natural: é no espírito humano que estão os elementos mais versáteis que compõem a língua; é neles, portanto, que se deve procurar a resposta.

Portanto, é da vivacidade e da atividade do espírito que surgem os traços da língua: um espírito dotado de vivacidade domina os elementos que o cercam com segurança e passa a considerar o excesso de marcas formais como desnecessário, transformando os sons de maneira menos meticulosa. É por isso que, em geral no período de juventude, a língua flexional tende a ter mais marcas formais; com o tempo ocorrem simplificações que atingem inclusive o mais essencial. Dessa simplificação resulta um empobrecimento dos recursos sonoros, ou seja, marcas fônicas distintivas que a língua criou para facilitar o entendimento: agora a língua passa desatentamente por cima como se estivesse atravessando uma ponte. Com a deterioração dos recursos eufônicos, a língua sofre uma diminuição nas possibilidades de arrumações poéticas de que o povo dispõe para expressões lingüísticas artísticas.

Por causa da diminuição dos recursos melódicos da língua, as expressões populares passam a buscar outras formas, "vias mais íntimas", como afirma Humboldt, que permitem a ausência de traços lingüísticos mais precisos.

O comportamento intelectual de buscar novos recursos submeterá a língua a novas transformações. Essa mudança na disposição intelectual da nação será efetuada pela ação concentrada da sensibilidade espiritual nacional em uma direção.

Essas mudanças acarretam um endurecimento na distinção dos recursos melódicos da língua, ou seja, na diferenciação dos sons uns dos outros. Simultaneamente os indivíduos passam a omitir palavras relacionais, ocorrendo abreviações na língua, elipses, etc., o que acaba provocando uma tendência para a praticidade na língua e fazendo que os indivíduos passem a depreciar tudo aquilo que não tenha utilidade imediata.

O espírito tem, com clareza, em todos os períodos, os elementos que formam a língua. No entanto, no período da formação, o espírito é mais consciente, consegue recuperar com clareza as origens dos elementos e por isso, na formação dos conceitos, não permite que se perca algo que possa expressar um sentimento. Com o tempo, as origens se escurecem, prevalecendo os elementos de compreensão mútua e o lado prático, e os detalhes sonoros distintivos são esquecidos. Humboldt refere, como exemplos, as declinações, que passam a ser substituídas por preposições, e os verbos, nos quais prevalecem as construções com auxiliares. Certo é que a substituição dos casos por preposições (método analítico) requer um menor esforço da compreensão. Essa substituição, no entanto, não destrói a clareza dos elementos semânticos da língua; em alguns casos, o método analítico facilita a determinação conceitual, e os marcadores flexionais tornam-se mais dispensáveis, uma vez que a atenção da compreensão está centrada em outro ponto. Por não permitirem a deterioração dos elementos sonoros e melódicos da língua foi que, como afirma Humboldt, os gramáticos da Índia antiga estavam certos em manter rigidamente a pronúncia do sânscrito.

Resumindo: este processo de simplificação transforma línguas autenticamente flexionais em línguas pobres em formas gramaticais, que chegam a se assemelhar a línguas que pertencem a um tronco diferente e que partem de uma estrutura imperfeita. O alemão, e muito mais o inglês, oferecem múltiplos exemplos. Humboldt

descarta qualquer possibilidade de que no inglês tenha ocorrido simplificação por interferência latina, uma vez que não houve atuação de línguas românicas na sua composição gramatical, e de que o inglês, o alemão e os vulgares latinos acabem por eliminar todo os traços de flexão, pois esta fórmula de fazer língua está contida no espírito destes povos.

Diferentemente estrutura-se o chinês, cuja característica básica é a ausência de formas gramaticais e no qual está contida uma fórmula de fazer língua que tem como base isolar os sons, havendo uma falta de vigor no sentido lingüístico interno que pudesse impedir as ambigüidades.

Assim, uma língua flexional sempre será flexional. Tais fenômenos afetam somente algumas partes da língua, não chegando a impedir o reconhecimento da tipologia e nem resultando na perda do vigor lingüístico, porque o espírito elimina apenas o que é desnecessário à compreensão.

Os recursos poéticos ficam reduzidos, mas sempre restará a possibilidade de criações lingüísticas superiores. Se as formas lingüísticas artísticas desaparecerem, isso não aconteceria por razões da língua, mas por razões do espírito.

1.17. **OS ROMANCES**

Quando se estudam as línguas derivadas do latim, deve-se ter em mente que, quanto ao caráter formal, no processo de derivação não atuou nenhum material que não pertencesse ao caráter formal da língua-mãe. A estrutura afortunada dessas línguas, portanto, deve-se exclusivamente à língua originária, o latim.

É sabido que o território ocupado pelos romanos fôra antes habitado por outros povos que possuíam línguas diferenciadas, mas nenhum sinal formal de qualquer

uma dessas línguas permaneceu nas línguas nascentes. Nem mesmo invasores posteriores do Império Romano, na sua maioria de origem germânica, levaram características importantes a essas línguas. Nem mesmo as línguas nascidas na Gália, que estiveram mais expostas, apresentam qualquer qualidade formal significativa não-latina. Dos germânicos, nas línguas do território latino, sobraram algumas centenas de palavras. Humboldt explica a permanência do latim puro como base das línguas nascentes pelo fato de o povo não deixar modificar com facilidade a maneira de expressar suas idéias. Dois outros fatores contribuíram para a resistência popular: por um lado, o latim era uma língua de qualidades formais muito superiores e, por outro, os romanos tinham civilização e cultura muito mais desenvolvidas que os germânicos.

Existiram, porém, outras influências para a permanência do latim como base absoluta das línguas nascentes. Dentre elas, pode-se citar a forma como se desenrolou a invasão germânica: vários povos do Império acabaram sendo dominados, inclusive lingüisticamente, e as línguas trazidas, apesar de serem inferiores nas características formais, pertenciam ao mesmo tronco língüístico, não apresentando, por esta razão, grandes divergências formais. Além disso, não se deve deixar de referir a força da Igreja cristã, que triunfava no Império e tinha como língua o latim culto.

Humboldt esclarece que as causas da decadência do latim estão em períodos muito anteriores à destruição do Império. Durante o auge da dominação romana, floresciam no Império falares diferenciados. Até mesmo no centro do Império se desenvolveu uma fala popular diferenciada. Com o declínio da língua culta, esses falares se impuseram.

O principal fator que levou ao surgimento das formas populares foi a decadência da administração pública. Por causa dessa decadência, a literatura e a oratória pública não podiam ser mantidas por razões práticas no nível da fala culta.

O processo de transformação do latim segue o padrão descrito no capítulo sobre as línguas flexionais, com destaque para as transformações eufônicas, muito importantes porque não permitiam a compreensão entre os povos do Império. É importante

observar que Humboldt extraiu do latim e suas derivadas muitas de suas conclusões sobre as línguas flexionais.[91]

Finalmente, contribuíram para a degeneração do latim as migrações. As formas mais essenciais da língua eram substituídas, ou distorcidas, a ponto de não serem mais reconhecíveis. Porém, para a reconstrução do discurso, nos falares populares, buscavam-se meios na própria língua decadente. Esse esquema fez surgirem as novas línguas, sem que, no entanto, se conservasse o princípio essencial do latim, que transbordou do espírito do povo e que, por sua força energética, renasceu e se apresenta nas línguas nascentes.

O espírito latino renasce porque não sofreu contaminações estrangeiras na sua estrutura gramatical. É essa pureza que permanecerá nas novas línguas: muitas formas da língua-mãe desapareceram, mas não "a forma", que renasceu pelo seu caráter espiritual perfeito. As novas línguas não mantiveram o caráter flexional perfeito da língua-mãe. Nessas línguas, porém, quando uma preposição substitui um caso da língua anterior, ela o faz com perfeição, não permitindo margem de erro na compreensão. Por isso as novas línguas são tão flexionais quanto a língua anterior e mantiveram a distinção perfeita entre nomes e verbos que receberam. Observam-se diferenças no uso dos pronomes, que nas novas línguas destacam as marcas pessoais verbais e que se apresentam com características de nomes, mas a fórmula do latim se manteve. Os pronomes, nos romances, são exclusivamente as pessoas dos verbos. Portanto, apenas o conceito de pessoa se destacou do verbo e se posicionou em outro lugar da unidade conceitual. Em muitos casos, porém, a forma verbal da língua originária se manteve nas formas das línguas derivadas. Desse modo, como todas as línguas flexionais, nas neolatinas o pronome tem características bem definidas. Serve de exemplo o uso do pronome relativo na função exata.

[91] Neste ponto de seus comentários [p. 307], Humboldt remete, o que acontece poucas vezes, seu leitor à obra *Über die jetzigen romanischen Schriftsprachen,* de L. Diefenbach, publicado em Leipzig em 1831. Pode-se ver nessa remissão uma referência explícita a uma fonte utilizada por Humboldt.

Do mesmo material disponível surgiram várias línguas, que se fundamentam no espírito nacional e nas disposições espirituais humanas. Por isso a língua tem caráter nacionalmente individual: é só quando as disposições espirituais de um povo outorgam suas características espirituais ao material disponível a todos os povos que eles criam a sua própria língua.

A literatura, que nasce por meio de um impulso especial, é o advento da elaboração conjunta da forma da língua e da forma espiritual individual: desse ato de luminosidade a natureza de ambos se expande.

1.18. O GREGO

Segundo Humboldt, do grego antigo não surgiu uma língua que tivesse, como o latim, reerguido o espírito da língua: faltaram situações que propiciassem um impulso, e o grego moderno se assemelha muito às línguas derivadas do latim.

No Ocidente, as nações, com a decadência do Império Romano, tiveram que buscar novos horizontes, e os conseguiram. A Grécia, no entanto, permaneceu sob o domínio do Império decadente e durante séculos foi saqueada e devastada por povos diversos, ficando impedida de desenvolver um impulso que elevasse o espírito nacional à composição de um novo organismo lingüístico à altura do que morria.

As influências históricas externas tiveram importância fundamental no desenvolvimento das línguas neolatinas, mas a transformação que o latim sofreu foi muito mais profunda que aquela que ocorreu com o grego. Do mesmo modo que o Império, a língua latina ruiu completamente. O império grego, porém, se manteve durante séculos, apesar de sua debilidade, e assim a língua não sofreu mudanças drásticas: foi-se corroendo, sem deixar de ser a mesma língua, impedida porém de revitalizar o espírito nas formas modificadas, mas se mantendo passível de ser reconstruída.

Assim, segundo as explicações de Humboldt, a reconstrução de uma língua pode ocorrer de dois modos. Por um lado, a partir de sua decomposição e de sua recomposição imediata por inteiro, com formas mais imperfeitas, num espírito completo em si mesmo, a exemplo do latim e das línguas latinas. Por outro lado, com uma lenta decadência, aquilo que se vai sendo destruído cicatriza, o espírito se mantém avariado mas vivo, não há o ressurgimento por inteiro de um novo espírito genuíno, como no caso do grego antigo e moderno.

Humboldt afirma que as diferenças entre as línguas neolatinas e o grego moderno ficam evidenciadas pelas diversas tentativas de purificação deste último, que fizeram aproximar o grego moderno do antigo. Em latim isso nunca seria possível, porque as nações latinas foram obrigadas a desenvolver a expressão de seus sentimentos em uma nova direção, guiadas por seu espírito individual. O caminho inverso é completamente impossível, e essa diferença coloca o grego moderno em vantagem pois sempre é possível retomar a essência original, enquanto que nas neolatinas a essência original ficou presa na língua-mãe. As raízes originárias do grego moderno podem ser encontradas no próprio grego moderno, mas, nas línguas latinas, é preciso recorrer à língua-mãe, uma língua estrangeira, porque representa um outro espírito nacional. É lógico que os dois casos requerem o exame da forma originária para que possam ser elucidadas certas características gramaticais ou mesmo de sentido. Muitos fatores, porém, de natureza externa e arbitrários atuaram na formação das línguas neolatinas. Não se pode descartar, portanto, a possibilidade de influências que não tenham vindo da língua-mãe.

O grego moderno nunca passará por dificuldades tão profundas, podendo recuperar-se e retirar de si todas as interferências estrangeiras, porque nunca chegou a ser uma língua realmente diferente do grego antigo, cuja estrutura refinada não pode mais ser restaurada, devido às modificações no pensamento do povo. Certamente a origem, pela natureza da língua, exerce influência no espírito nacional, porém qualquer estudo dessa

natureza deve levar em conta o estado atual da língua, qualquer incursão que se aprofunde além do estado atual da língua será estranha para o povo que a fala.

Tais considerações se baseiam na caminhada que estas línguas desenvolveram durante séculos, resultando em uma afinidade entre suas formas, que atuam sobre a nação, e que representam essa nação.

Humboldt afirma que o grego, o latim e o sânscrito podem ter tido uma origem semelhante à das línguas românicas, mas que seria impossível de ser explicada por elas mesmas. Há, no entanto, uma relação inegável entre a formação sonora das línguas, o conjunto das idéias e os sentimentos, pois são frutos da reprodução contínua da individualidade espiritual que está na desconhecida alma humana.

Deve-se ter em mente, porém, que essa disposição sensível contida na alma humana fervilha constantemente e se entrelaça e penetra os sons infinitamente, podendo sofrer perturbações. Esse é o efeito do tempo sobre tudo aquilo que se mistura com a sensibilidade humana. Através das múltiplas gerações vão-se somando variantes, vai surgindo uma regularidade. E, num estudo que envolve esses aspectos, não seria possível ignorar as condições morais do povo, nem como essa nação chegou a refazer o desequilíbrio que a originou.

1.19. **OS EXTREMOS LINGÜÍSTICOS**

1.19.1. O CHINÊS

Humboldt se valeu de muitas línguas para desenvolver e exemplificar seus estudos lingüísticos. Mas não é difícil perceber sua admiração pela língua chinesa, que conhecera através dos trabalhos desenvolvidos por Abel Rémusat, cujos conselhos seguiu.

É fácil notar, entretanto, como, num certo ponto, Humboldt passa à frente do seu mestre, chegando mesmo a apontar alguns de seus erros.

Na obra de Humboldt o chinês é a contrapartida lingüística do sânscrito, que aprendera com Bopp. O chinês é colocado como um extremo formal, apresentando uma estrutura que leva Humboldt a muitas conclusões sobre as línguas em geral, sobretudo no tocante à tipologia lingüística.

No início de sua *Carta ao Sr. Abel Rémusat sobre a natureza das formas gramaticais em geral e sobre a forma da língua chinesa em particular,* Humboldt confessa que está estudando a fundo o chinês e pede ajuda a Rémusat, a quem considera profundo conhecedor, para que examine suas idéias.

O chinês não faz uso de categorias gramaticais[92], escreve Humboldt, opondo-o às línguas clássicas. Ao contrário destas últimas, o chinês não apresenta nenhuma classificação gramatical para as palavras, ou seja, não usa acoplar aos radicais marcas para indicar as relações. Humboldt explica que os elementos relacionais no chinês são dados no pensamento de maneira diferenciada das línguas clássicas. O detalhe é que o chinês não apresenta nenhum caráter etimológico, somente sintático.

Se uma língua não usa marcas categoriais para as palavras ao indicar suas funções gramaticais na frase, certamente faz uso de outro sistema.

Em chinês, as palavras aparecem nas frases sem marcas relacionais, trazendo apenas o conceito puro, assemelhando-se a um radical de uma língua como o sânscrito. O chinês, então, possui apenas raízes. Para exemplificar: em chinês não há verbo, mas expressões com idéias verbais, reconhecíveis como tal pelo valor material do seu significado. Humboldt observa que reconhecer o verbo é importante para um falante de línguas flexionais; um nativo chinês, entretanto, reconhece no conjunto da frase o significado total, inclusive o de ação.

---

[92] *Sobre a origem das formas gramaticais.,* p. 43.

Humboldt relaciona o chinês ao inglês, que também constrói frases longas sem marcar explicitamente nas palavras as categorias gramaticais. O verbo em inglês, porém, sempre está incluído em alguma categoria gramatical, como voz ativa ou passiva ou tempo, etc. Se em inglês a forma "They like" não apresenta marcas distintivas, a ausência torna-se a distinção, já que, se se mudar a voz, a pessoa ou o tempo podem aparecer marcas distintivas. Então, em inglês a ausência é aparente, já que a frase se fundamenta na distinção das categorias gramaticais.

Em chinês, por outro lado, tudo se apresenta em palavras separadas: o sujeito, a idéia verbal e os complementos. O tempo raramente está marcado e nunca pertence ao verbo, mas à idéia da frase.

Segundo Humboldt, a forma do verbo em chinês encontra-se em um estado intermediário entre o verbo e o nome nas línguas flexionais, como um infinitivo, condição que o torna sempre muito ambíguo. O meio mais exato de distinguir o valor das palavras nas frases em chinês é pela localização, que segue regras explícitas: o que for atributo vem antes; quando uma palvra depende de outra, ela sempre aparece depois; etc.

A ausência de elementos flexionais no chinês está enraizada nos elementos básicos da língua: os sons e o tratamento que estes recebem na formação do discurso. "A estrutura fônica do chinês, desde seu início, impôs uma severa separação entre elementos fônicos básicos as sílabas. Essa tendência impossibilita as modificações fônicas no ajustamento do discurso e a aglutinação"[93]. Esse fator deve estar baseado no comportamento lingüístico do povo, que é incapaz de fazer variações ricas na imaginação e criar as harmonias, procedimentos que fazem parte do espírito de cada povo, que, quando não envolve as formas do pensamento com sons gradativos, não chega a criar diferenciações delicadas para as relações formais.

[93] *Sobre a diversidade da estrutura da linguagem humana,* p. 344.

Em síntese: em chinês, ao se construir uma frase, muito pouco se precisa o valor das palavras e se deixa ao ouvinte o entendimento preciso dos conceitos, o que demanda do pensamento um trabalho maior para que o entendimento seja perfeito.

1.19.2. O SÂNSCRITO

O sânscrito chegou à Europa no final da segunda metade do século XVIII e se tornou o impulso que levou a humanidade ao avanço dos estudos lingüísticos e, conseqüentemente, sociais.

Para Humboldt o sânscrito não é apenas a maior "descoberta" lingüística do período, mas, pela sua excelência lingüística, será tomado como o exemplo característico do tipo lingüístico flexional.[94]

Por constituir um momento especial da história da humanidade, entre tantas mudanças de outras naturezas, o advento do sânscrito no Ocidente engrossa o caldo em que se tornará o Romantismo em geral, e mais especificamente o literário e a filosofia romântica. Como disse Humboldt, não há lugar melhor para registrar o espírito do homem do que na literatura, porque nela os movimentos espirituais que balançam e reordenam os pilares sociais tornam-se universais e se espalham pelo mundo como o vento.

Humboldt, por desconhecer a existência do védico, achava que o sânscrito, entre as línguas do tronco indo-europeu, era a língua que estava mais próxima da origem.. Ele sabia, porém, que o sânscrito não era uma língua originária: para ele, não havia possibilidade de uma língua originária ter chegado intacta até o século XIX. Como sua fonte das informações sobre o sânscrito era Franz Bopp, é possível que tais pensamentos estivessem generalizados entre os estudiosos da época.

---

[94] Evidentemente, o sânscrito não causaria mudanças no pensamento ocidental se não fosse portador de um espírito brilhante, e a empolgação que vem à tona em Humboldt no início do século XIX representa o impacto que o sânscrito causou nos estudiosos das línguas da época.

Humboldt afirma que o sânscrito não chegou a desenvolver nos verbos a categoria de modo, que ela não chegara a ser sentida na criação da língua. Como foi dito acima, ele desconhecia o védico, do qual o sânscrito descende e que vai ser conhecido no Ocidente após 1831, data da composição do texto em que Humboldt faz essas afirmações. Também por causa do desconhecimento do védico Humboldt pensou que o sânscrito fosse uma língua muito mais antiga do que na verdade era, chegando a chamar o tronco indo-europeu de "tronco sânscrito". Referindo-se às línguas clássicas ocidentais, Humboldt afirmou que, por grande e justificada que fosse a sua admiração pelo sânscrito, era forçado a reconhecer que o sânscrito, no que diz respeito à distinção modal, permaneceu inferior às línguas mais jovens[95].

Humboldt aponta a ausência de infinitivo como uma pequena imperfeição do sânscrito, no qual qualquer raiz pode vir a ser verbo, não havendo uma forma nominal para o verbo.

Não se deve pensar que Humboldt visse deficiências na expressão verbal do sânscrito, que chega às formas mais brilhantes do desenvolvimento dos verbos: tais ausências de distinção são reconhecidas como desnecessárias ao espírito da língua.

Em síntese: esses conceitos não chegaram a se formar por uma debilidade da capacidade de regenerar a língua, uma vez que Humboldt afirma que uma conceituação ideal não formada pode ser originária da forma sonora possibilidade que deve ser descartada, porque, segundo Humboldt, o sânscrito faz uso perfeito dos elementos sonoros ou de uma debilidade da capacidade de regenerar a língua o que é plausível, uma vez que essas distinções existiam em védico.

Segundo Humboldt, os gramáticos indianos consideravam sua língua como originária porque, na essência do seu vocabulário, o sânscrito não apresentava palavras estrangeiras. De acordo com os argumentos de Humboldt, o ponto de vista seguido pelos gramáticos indianos na análise de sua língua obedecia ao intuito de facilitar o aprendizado:

[95] *Sobre a diversidade da estrutura da linguagem humana,* pp. 117-118.

mostravam-na em seu conjunto sintético, deixando de lado os aspectos históricos. Para ele, esse era um procedimento correto porque mantinha a pureza da língua.

É partindo da afirmação de que nenhuma língua originária teria chegado até a época atual que se pode afirmar que Humboldt tinha consciência de que o sânscrito não era a língua que deu origem às línguas ocidentais. Ao chamá-las de "tronco sânscrito", refere-se à crença de que o sânscrito fosse a mais antiga e também a mais perfeita das línguas. Afirmando repetidas vezes que, quanto mais próxima de sua origem, mais complexa e mais rígida nas distinções conceituais é a língua, Humboldt, então, considerava que o sânscrito, por ser extremamente meticuloso, estava mais próximo de sua origem que as outras línguas. Por isso não só era a mais antiga, como também a mais jovem. Ou seja: a mais antiga porque manteve as suas formas muito próximas do que eram na origem; e, por outro lado, a mais jovem, por um motivo semelhante: o registro e a manutenção de suas formas como eram na origem, ou como eram na juventude da língua, faz dela uma língua sem estruturas muito cristalizadas, mais flexíveis e assim mais puras e perfeitas.

1.19.3. EXPLICITANDO UMA COMPARAÇÃO DO SÂNSCRITO COM O CHINÊS E DO CHINÊS COM O SÂNSCRITO

Duas das línguas conhecidas foram colocadas nos extremos da tipologia lingüística.

O chinês, ao se realizar como discurso, por unidades isoladas, deixa para o espírito (pensamento) a totalidade das formas gramaticais, responsáveis nas línguas pelo sentido em que devem ser tomados os conceitos. Na ausência de formas sonorizadas, cabem ao espírito a distinção e a compreensão dos conceitos na acepção exata. É de se imaginar, porém, que a língua faça uso de outros mecanismos para auxiliar a compreensão e desfazer as ambigüidades.

O sânscrito, por sua vez, explora ao extremo um mecanismo completamente contrário, distinguindo os conceitos no discurso com formas gramaticais sonorizadas que dão conta de todas as acepções possíveis.

Assim, enquanto no chinês os conceitos estão sempre isolados, em sânscrito vários conceitos de natureza diferente se juntam na composição da palavra. Humboldt assinala que a diferença básica entre essas línguas na realização do discurso está no fato de o chinês sonorizar apenas os conceitos básicos da língua, enquanto o sânscrito sonoriza tantos os conceitos básicos da língua quanto as formas gramaticais do pensamento.

Se se pensar que a estrutura poética tem como base de sua significação implantar a espiritualidade nas significações materiais, um tipo de estrutura lingüística como a do sânscrito facilita as construções poéticas. Em chinês, porém, também se faz poesia, porque a materialização sonora da língua acontece pela expressão de sentimentos. Enfim, qualquer forma lingüística é expressão de um sentimento, e a poesia é um sentimento perfeitamente elaborado e expresso pelo discurso: para isso basta um ser com sensibilidade especial usando a língua.

Essa impressão de imperfeição desaparece quando se observa o discurso em chinês, que o realiza com acertada precisão e oferece ao espírito notáveis recursos, influenciando-o na mesma proporção em que é influenciado, presentificando o equilíbrio fundamental na expressão lingüística. As provas são a antiga e rica literatura chinesa e o estímulo que a língua oferece ao desenvolvimento do pensamento científico e ao progresso cultural.

Humboldt argumenta que as excelências da língua chinesa estão na forma como desenvolve a estrutura lingüística. Quando uma língua que prima pela ausência de flexão se mescla a ela para se desenvolver e não chega a possuí-la na sua perfeição, terminando por ter uma estrutura metade flexional e metade não-flexional, torna-se uma dificuldade para o desenvolvimento do espírito no seu deslizar sobre a língua. E o chinês, ao contrário, descarta qualquer sinal de flexão e eleva até os limites máximos o

desenvolvimento do princípio lingüístico que adotou, resolvendo todas as dificuldades de expressão que aparecem, sempre com o mesmo princípio, tornando a língua completamente uniforme, facilitando a imposição do caráter espiritual do povo.

Há alguns fatos a serem considerados sobre o aspecto da ausência ou da presença de sons com significados relacionais nas línguas. Humboldt argumenta que a distinção entre significação material e relação formal fica mais clara no espírito quando há a ausência de sons com significações formais. Não é difícil compreender: quando a significação formal é evidenciada pelo sons, o espírito abandona a preocupação com o reconhecimento das relações que se estabelecem entre as palavras, ao passo que, na ausência desses sons, as relações formais precisam estar claras no espírito, que desenvolve a capacidade de as perceber. Em chinês as relações formais só são claramente expressas nos sons pela posição que as palavras ocupam na frase e pela relação de subordinação entre as partes, ou entre palavras; em geral, a base desta subordinação está centrada na fórmula determinante e determinado.

Essa fórmula que a língua chinesa adota coloca-a em uma posição de total distinção em relação às outras línguas conhecidas. Observando-se todas as formas de todas as línguas que isentam de sons formais uma parte do discurso, ver-se-á que o chinês reúne e explora esse recurso até o ponto extremo permitido pelo desenvolvimento das idéias através de uma língua.

Humboldt usa comparações para comprovar suas idéias. Abel Rémusat fez uma declinação completa do chinês, o que não é possível. Humboldt argumenta que todas as línguas possuem meios para distinguir os nomes. Em chinês, porém, não se justifica uma classificação por casos, mesmo porque a excelência dessa língua está no fato de se afastar por completo das características flexionais, como observara o próprio Rémusat.

Há que se observar que a ausência de elementos formais em chinês o obriga a vincular a idéia das relações formais com a essência conceitual, ou seja, de uma maneira

que não seja explicitada por sons. Ele o faz, porém, à sua maneira, e o efeito que essa ausência causa no espírito resulta em um aguçamento no reconhecimento da coesão formal do discurso. Esta característica do chinês encontra explicação nas características sensoriais do seu povo mais antigo, porque não se pode conceber a formação de uma língua a não ser pela fala inculta do seu povo. Suas características de língua culta, mesmo que sua fórmula lingüística o coloque em posição de desvantagem em relação às línguas flexionais, caminha no sentido inventivo e criador da nação que acabou desenvolvendo a filosofia e a ciência naquela língua. O povo fixava os sons isoladamente, e isso permaneceu, mas o desenvolvimento do pensamento abstrato deu ao povo chinês a precisão para o uso da língua como instrumento de exposição do pensamento.

Pela análise que Humboldt faz da língua sânscrita, que eleva ao extremo a exploração do sistema flexional, e pela análise que faz da língua chinesa, que explora ao extremo um sistema que rechaça qualquer tipo de flexão, essas línguas se colocam nos extremos da tipologia lingüística. Humboldt fala em extremos firmes, diferentes na maneira como eles tornam adequadas as idéias à matéria lingüística, porém iguais na coerência interna e na aplicação total dos sistemas que adotam.

Com exceção das línguas semíticas, que formam um grupo de natureza flexional, como as línguas do tronco do sânscrito, todas as outras podem ser colocadas em um ponto intermediário entre elas, porque, de uma forma geral, ou tendem a despojar as palavras de elementos formais sonoros como o chinês, ou tendem a realizar as relações formais por meios sonoros como o sânscrito; e também as línguas que realizam a frase por incorporação se encontram em um plano intermediário entre o chinês e o sânscrito, porque, ou associam partículas às palavras, ou usam as palavras completamente nuas de elementos sonoros formais, ou, ainda, isolam os elementos formais em partículas que não se aglutinam.

De qualquer forma, deve-se ter em mente que existem muitos tipos diferentes de línguas incorporantes.

Destas afirmações pode-se extrair a classificação tipológica das línguas feita por Humboldt. Não resta dúvida de que Humboldt separa o sânscrito em um grupo, o das línguas flexionais, e o chinês em outro grupo, o isolante, completamente oposto ao flexional; e de que considera o sistema flexional o mais acertado de todos. Mesmo considerando o chinês como uma língua que possui uma excelência capaz de dar o impulso necessário a todas as idéias e ser dotado da energia do pensamento abstrato, o sânscrito se apresenta como uma língua superior, e a razão é o trabalho que o chinês exige do pensamento na distinção dos conceitos, enquanto no sânscrito os elementos do pensamento que distinguem as categorias dos conceitos se apresentam explicitamente, diminuindo o trabalho do pensamento, impulsionando com muito mais vigor as idéias. Este fato descarta qualquer hipótese de se estabelecer uma evolução vinda desde o chinês, se o considerasse como a língua mais antiga já que é a que fixou suas formas mais no início de sua formação até o sânscrito. Humboldt salienta que não são necessariamente as línguas mais jovens as mais desenvolvidas, e não há dados históricos que possam comprovar tal hipótese.

No livro *Sobre o desenvolvimento das formas gramaticais e suas influências no desenvolvimento das idéias*, Humboldt chega a estabelecer um processo de evolução de formas gramaticais que indicariam razões para pensar que aquela seja a explicação. Naquele caso, Humboldt faz uma hipótese do processo de desenvolvimento das formas gramaticais do modelo flexional. É impossível negar que a evolução espiritual formal do chinês não tivesse passado pela mesma evolução que o sânscrito já que, em síntese, as formas gramaticais são produzidas pelo pensamento e a capacidade de pensar é inerente ao ser humano, independendo da língua falada, variando então o modo como se acomodam em cada língua as unidades do pensamento e a ação formadora da língua. De qualquer forma, o que vem à tona é a impressão de que Humboldt esteja desfazendo uma possível crença ou hipótese de seu tempo, podendo ser uma hipótese levantada por ele mesmo.

1.20. **O ESTUDO LINGÜÍSTICO**

Humboldt, em diversos dos seus trabalhos, mostra insatisfação com a pesquisa científica sobre as línguas.

O primero texto em que revela seus pensamentos a propósito tem o título "A pesquisa lingüística comparativa". Lendo-o, tem-se a impressão de que se trata de uma introdução a toda sua obra lingüística. Nesse texto fundamenta tudo o que viria a ser sua obra: a língua como uma energia espiritual; o homem como um ser feito por divisões; prega a exploração lingüística metodologicamente e faz definições que seriam meticulosamente explicadas em trabalhos posteriores. Neste texto ele define: "A essência da linguagem consiste em colar a matéria do mundo fenomênico na forma do pensamento"[96].

No ensaio sobre as línguas da América, apresenta a necessidade que as línguas possuem de se manterem através do espírito nacional: somente o espírito da nação consegue manter viva a língua e, se ele desaparecer, ela também desaparecerá. Ele escreveu que era possível prever que seriam extintas todas as línguas em que os europeus penetrassem e que, ainda que com nossos fragmentados conhecimentos, será possível descobrir vestígios extremamente evidentes da afinidade dos americanos com os povos do Velho Continente.

Ele fala de todos os aspectos humanos: hábitos de vida, origem étnica e também comportamento lingüístico; e é possível perceber a compreensão que Humboldt tem do ser humano como um ser dotado de aspectos superiores, que devem ser colocados acima de suas condições físicas: ou seja, na sua essência, o que importa no homem é o seu comportamento espiritual.

Humboldt encara a língua como um elemento eminentemente histórico. O tempo não pode ser separado dela, que se comporta como um ser qualquer do mundo, passando por fases nascimento, desenvolvimento e definhamento. As línguas são regidas

[96] Primeira edição publicada em 29 de junho de 1820 em ABHANDLUNGEN DER HISTORISCH-PHILOLOGISCHEN KLASSE DER KÖNIGLICHPRENSSISCHEN AKADEMIE DER WISSENSCHAFTEN AUS DEN JAHREN 1820-1821 (1822), p. 82.

pelo espírito, que se realiza a partir da língua que lhe é peculiar. Um grupo de espíritos submetidos a circunstâncias externas iguais gera um espírito grupal que determina os aspectos da língua falada no grupo. As línguas nascem da decomposição de um espírito que definhou. Desse espírito definhado surge um outro, dotado de aspectos particulares, mas que refletem os do anterior. Assim, as línguas se agrupam em uma unidade espiritual, que pode ser reconhecida numa comparação e à qual se chama de "tronco lingüístico"; por esse prisma, vai-se até o ponto de partida inicial para todas as línguas isso é hipotético, evidentemente.

Assim, é pelos aspectos históricos que Humboldt investiga as línguas: suas relações com as outras línguas conhecidas, suas relações com o caráter da nação que a fala, suas relações com a língua de que descende.

Se, nos seus primeiros textos lingüísticos, Humboldt revela o que pensa a respeito de como se deve encarar as línguas, nos seus últimos coloca suas teorias em prática. No texto *Sobre a diversidade da estrutura da linguagem humana e sua influência no desenvolvimento espiritual da humanidade*, uma introdução às pesquisas sobre a língua kavi, para se ter êxito no estudo da língua como fruto do espírito é preciso encará-la não como um produto já pronto, estático, mas como uma produção, uma energia que está sempre em movimento, porque é assim que o espírito humano existe: sempre em movimento, não mais que uma energia fadada à extinção.

Cabe aqui uma observação sobre a capacidade de interpretação das coisas da natureza de que Humboldt era capaz. Ele explica no texto em que fala sobre os verbos que lhe parecia que os habitantes da montanha, em geral, tinham conservado a forma mais antiga da língua. Durante muito tempo, estudiosos da lingüística moderna acreditaram que quem mudava a língua era o povo que vivia isolado, por não ter preocupação com a correção gramatical, enquanto as classes cultas tinham a tendência de se corrigirem, mantendo a língua como era.

Ele alega que o trabalho com as línguas divide-se em "busca de seus laços com outras línguas aparentadas" e "explicação de sua estrutura", por um lado, e, de outro, o tratamento filológico dos monumentos literários. Argumenta que se trata de assuntos diferentes, que se apóiam em materiais diferentes e, portanto, levam a resultados diferentes. Assim, ele propõe que se faça uma distinção dos nomes empregados para a referência a um e a outro tipo de trabalho. Chamar-se-ia de filologia os estudos que se apoiariam nos monumentos literários: por serem trabalhos de caráter histórico, teriam necessariamente de ter apoio em um tratamento filológico, ou nos monumentos literários - ao passo que os estudos de natureza diversa deveriam ser chamados de lingüística.

Segundo Humboldt, os grandes produtores da literatura dos últimas séculos (anteriores ao século XIX) fixaram no seu uso lingüístico os menores detalhes das modificações dos sons; argumenta o estudioso que, pelo trabalho deles, pode-se ver como a língua está submetida a influência constante e dominante dos espíritos individuais, podendo-se ver, assim, as modificações que ocorreram a cada tempo. Deste modo, ter-se-ia ao mesmo tempo, de acordo com a época, aquilo que era individual naquele autor, aquilo que pertencia à localidade a que o autor pertencia e o modo pelo qual a língua de todos englobava essas diferenças.

Quando se observa essa explicação, vê-se que a língua está sempre nutrida por uma noção de conjunto. Parafraseando Humboldt: um estudo elaborado nesses moldes não permitiria que nada se perdesse: estariam presentes todos os detalhes peculiares à nação, desde suas disposições originárias até as modificações internas ocorridas ao longo do tempo. Portanto, por meio das cabeças mais brilhantes, pode-se levantar o impulso espiritual que fez caminhar a nação e observar a natureza da língua mediadora eterna entre o espírito e a natureza e que cada etapa que fica no passado reflete uma transformação.[97]

Deste modo, para Humboldt, existiriam melhores oportunidades de se conseguir estabelecer os detalhes dos fenômenos lingüísticos de cada época, uma vez que,

[97] *Sobre a diversidade da estrutura da linguagem humana,* p. 224.

com o passar do tempo, esses detalhes se tornam cada vez mais longínquos e mais difíceis de serem recuperados, e só se tornam visíveis quando aparecem na totalidade.

1.21. **OS ELEMENTOS CARACTERÍSTICOS DAS LÍNGUAS**

O primeiro elemento que se mostra nos estudos humboldtianos sobre a língua é o fato de ela ser composta por várias partes.

Humboldt afirma que nem a estrutura gramatical, nem a estrutura externa da língua, sozinhas, dão conta da sua essência, que pressupõe uma parte eminentemente interna, que é o espírito. Esses elementos formam um conjunto, estão presentes desde o início da formação da língua, são interdependentes e regidos por leis bem determinadas e, se um se desenvolve, os outros também se desenvolvem.

A necessidade de expressar a idéia que se junta no espírito àquilo que já está pronto estimula e mantém a força criadora, ocorrendo um amadurecimento da língua e, aos poucos, uma seleção dos elementos que compõem sua estrutura.

No nascimento das línguas latinas houve uma redução na complexidade da estrutura formal na marcação dos conceitos, ou seja, uma substituição por elementos mais simples, também de natureza relacional.

Em geral, quanto mais próximas das origens, tanto mais complexas e sofisticadas são as línguas na estrutura formal que se cristaliza com o amadurecimento do espírito formador. O espírito age no conjunto da língua e se exprime através dos instrumentos da língua, que aos poucos molda um caráter individual nacional.

Esse processo de integração entre os elementos da língua está sempre se compondo e se redistribuindo: o espírito age mais nas características conceituais, nas arrumações dos conceitos nas composições sonoras e também na estrutura gramatical da língua, nesta última mais sutilmente. Entretanto, não é difícil perceber, a língua se compõe pelo ato de falar, que significa expressar idéias, ou seja, fazer funcionar todos os elementos

da língua. Então, do falar brota a maneira de pensar e sentir características do espírito do povo, maneira que foi assimilada da própria língua, porque esta é anterior ao homem. O homem, entretanto, é livre para fazer uso da língua, seguindo o seu espírito individual, e tudo aquilo que faz se junta ao todo que é a língua.

A língua, portanto, existe igualmente para todos os falantes: não coincide no espírito de nenhum mas é na soma das partes que compõem a nação que ela apresenta uma uniformidade que caracteriza a nação.

1.21.1. LINGUAGEM OU LÍNGUA

A "linguagem" é apresentada como diferente da "língua". Humboldt afirma que a língua se faz no falar, que é a expressão dos sentimentos e das idéias de cada falante. A soma dos falares é a língua da nação: quando alguém fala está realizando, renovando, fazendo a língua, que é individual porque é a expressão dos sentimentos particulares, fruto da sua idiossincrasia, e que é nacional porque esta contém aquela, esta é anterior àquela, e todo indivíduo é antes de tudo cidadão. O falante, a cada ato de fala, expressa o seu espírito, e o faz usando a língua: falando e fazendo a língua, que existe somente em forma de fala.

Cada indivíduo realiza e faz, no seu turno de fala, a língua, que, então, é individual. O indivíduo, porém, não está sozinho: ele participa com outros indivíduos de um grupo. É porque existe um grupo treinado que vive em um mundo semelhante que se torna possível a língua, que existe igualmente para todos os indivíduos. Os falantes são a língua, e vice-versa: para Humboldt, "a língua é o povo e o povo é a língua". A língua, portanto, é o conjunto das realizações individuais (regras e fórmulas de expressão dos sentimentos espírito) que existem na língua como possibilidades latentes.

Assim, para Humboldt, a distinção conceitual entre língua e linguagem não existe tal como estabelece a lingüística atual. Comumente se explica que o alemão, língua em que Humboldt escreveu, não possuía palavras distintas para "língua" e "linguagem" e

por isso não há essa distinção nos textos de Humboldt. Humboldt não distingue estes conceitos com palavras diferentes porque, para ele, eles não têm a distinção que a lingüística moderna lhes atribui: em Humboldt, a língua existe somente como discurso individual, que é realizado segundo uma fórmula estabelecida nacionalmente, que só pode ser conhecida quando está materializada no discurso (fala, escrita etc.). Pode-se pensar, portanto, que a língua existe no interior dos falantes e pode ser conhecida pelo discurso individual materializado. E dizer que a língua é coletiva é fantasiar: não há a possibilidade de se materializar uma língua coletiva, e aquilo que não é matéria não existe.

No entanto, é possível distinguir um conceito abstrato para o termo "língua", explicado como um conjunto de atos individuais de fala que, reunidos em uma nação, formam um todo uniforme, que é individual em comparação com as outras nações e com o seu tronco lingüístico. Esse é individual em relação aos outros troncos, etc. Enfim, segundo Humboldt, cada língua é uma forma completa de ver o mundo.

É sabido, entretanto, que Humboldt estudou a linguagem. Antes de mais nada, deve-se observar que Humboldt estudou a faculdade humana de se comunicar por meios vocais. Na lingüística moderna este é um conceito do termo "linguagem": aquilo que se chama "linguagem específica de grupos", segmentos sociais, em Humboldt é fala ou discurso, ou ainda língua individual. E não importa muito como se costuma traduzir esses termos, mas deve ficar claro que Humboldt os concebia de forma bem distinta.

A língua tem uma forma interna e uma forma externa realizada segundo a capacidade lingüística humana e por causa dela. E segue os padrões do espírito nacional, que interfere nos indivíduos, que, pelo ato de falar (discursos individuais), realizam, transformam e materializam a língua.

1.21.2. ESPÍRITO

O espírito forma tudo o que é de caráter interno e que atua no comportamento dos indivíduos; é o responsável pelo caráter da língua, e dele brotam as vontades e os sentimentos que são exteriorizados pelos indivíduos através da língua. Os indivíduos sentem e querem aquilo que o meio em que vivem e em que acreditam lhes proporciona: seus desejos e sentimentos terminam por determinar a forma externa da língua, a qual submete os indivíduos àquilo que as gerações anteriores pensaram e sentiram, levando-os a se comportarem de maneira semelhante.

1.21.3. NAÇÃO

A nação, do ponto de vista lingüístico, é o espaço em que um conjunto de elementos espirituais se instaura; é a primeira definição dos indivíduos e é também superior e mais forte que qualquer um deles, que, somados, a fazem.

Um indivíduo, porém, pode mudar as características da nação; para isso tem que partir daquilo que já existe e que apenas pode ser conhecido através da língua nacional, que deve ser usada e modificada para modificar a nação. Portanto, a nação somente existe quando um espírito nacional gera uma língua nacional. Se a nação não tem uma língua não é uma nação; se tiver duas línguas, é porque tem dois espíritos nacionais diferentes e tenderá para duas nações diferentes.

1.21.4. DISCURSO OU FALA

Humboldt usa os termos "discurso" e "fala" quase indistintamente. O discurso é a língua individual materializada em oposição à língua nacional abstrata. Ambas são determinadas pelo espírito humano: a primeira é única porque cada indivíduo difere dos outros em algum ponto da sua história, além de ser livre e poder ter suas próprias idéias. Por outro lado, a história da nação e os fatores físicos que a envolvem agem em todos os

indivíduos, criando uma similaridade espiritual. Então, os espíritos individuais são diferentes dentro daquilo que o espírito nacional permite, e a língua reflete isso exatamente. Humboldt afirma que há tantas línguas individuais quantos são os rostos no planeta. Cada indivíduo, portanto, possui uma língua que difere em algum ponto da língua nacional e que está contida nela.

Como é que os indivíduos se comunicam por meios lingüísticos?

A palavra não é algo que já está pronto para ser usado, com um conceito fechado: é apenas o estímulo para a produção de conceito, produção que parte da força espiritual de cada um. Os conceitos, enfim, são sempre individuais.

Os falantes de uma mesma língua coletiva (nacional) se entendem porque, ao produzirem um conceito em uma palavra, fazem-no assemelhando-o àquilo que os outros produziriam. Ou seja, cada falante esbarra nas mesmas representações sensíveis e nas mesmas produções de conceitos interiores dos outros falantes. Ao falar, portanto, o "eu" estimula no "tu" o mesmo ponto de sua sensibilidade, surgindo em ambos um conceito correspondente, mas que nunca é igual.

Humboldt explica que, ao se referirem a um mesmo objeto um cavalo , todos se referem ao mesmo animal, mas cada um terá uma representação espiritual diferente para a palavra, de acordo com suas características individuais (sensibilidade, racionalidade etc.).

Do conjunto de acidentes e coincidências surgem as características das línguas, que são um conjunto de possibilidades espirituais que os indivíduos realizam segundo as suas necessidades; em grupo se identificam com necessidades parecidas e, assim, em um espaço fechado (nação) forma-se uma língua comum, que não é de ninguém mas serve a todos.

CAPÍTULO DOIS

O DESENVOLVIMENTO DAS FORMAS GRAMATICAIS E SUA INFLUÊNCIA SOBRE O PENSAMENTO

2.1. O QUE SÃO FORMAS VERDADEIRAS?

Humboldt começa o texto *Sobre a origem das formas gramaticais e sua influência no desenvolvimento do pensamento* com duas questões: "como nasce em uma língua a representação gramatical?" (que ele chama de "forma") e "qual a diferença para o pensamento se em uma língua existem 'formas verdadeiras' ou 'outros meios'?".

Em síntese, tem-se aí mais de um conceito para o termo **forma**. Na primeira situação, "forma" é todo recurso usado e acoplado aos objetos lingüísticos que revelam o pensamento. É, então, as características que, na "forma externa" da língua, revelam o pensamento características que, no seu conjunto, revelam a fórmula lingüística da língua, que é diferenciada em cada língua, porque a identifica como pertencente a um povo, a uma nação e a um território específico.

A princípio, essa distinção entre "formas verdadeiras e "outros meios" parece contraditória. É preciso entender que os "outros meios" dos quais fala Humboldt são outras tantas maneiras de o pensamento se manifestar na "forma exterior da língua". Então, o que são "formas verdadeiras"?

Humboldt chama a "fórmula lingüística" de "forma da língua", que pode ser composta de "formas verdadeiras" ou "outros meios". Portanto, "formas verdadeiras" e "outros meios" são conceitos da unidade sonora "forma". Logo, existem dois conceitos para

a mesma unidade sonora porque ambos os conceitos são responsáveis pela revelação do pensamento (cujas unidades Humboldt chama de "formas") na forma externa da língua.

Humboldt escreve que lhe parecia muito estranho que se colocasse, mesmo por um instante, em dúvida que todas as línguas, até as mais imperfeitas e menos cultas, possuíam formas gramaticais no sentido próprio e real da palavra.

Nesse ponto da obra de Humboldt, vê-se que não se trata de pôr em dúvida que qualquer língua tenha uma fórmula característica, um sistema de regras ou sistema formal, mas de encontrar um sentido exato para o termo "forma". Por isso, pelas palavras de Humboldt, não se deve chamar qualquer sistematização lingüística de "forma" quer dizer "forma verdadeira".

Também, não se trata de estabelecer um juízo de valor, ou seja, o que é melhor ou pior. Nem esquecer que toda língua representa o espírito nacional de um povo, e por isso é única. Nem mesmo se se considerasse as línguas como estágios progressivos do desenvolvimento formal seria possível generalizar, porque cada nação (língua) possui uma história diferente.

Essas observações ganham ainda mais importância quando se pensa que é o sistema formal de uma língua que a identifica e destaca perante as outras, principalmente entre línguas derivadas do mesmo tronco.

Logo, "forma", na compreensão de Humboldt, é a maneira de o pensamento vir à tona na forma externa da língua e a maneira na qual o pensamento se materializa com mais precisão, e sem ambigüidade que não for intencional. A língua, cujo sistema formal é capaz disso, possui a verdadeira forma, ou "forma verdadeira".

Se todo progresso humano caminha em direção à perfeição, a "forma verdadeira" estaria no último estágio da evolução formal. Logo, todos os estágios anteriores não seriam "formas", mas meios de se alcançar os objetivos formais: não se pode ter nenhuma dúvida de que todas as línguas possuem meios para representar as relações formais.

Quando a língua é atrelada ao povo, descobre-se que ela está preparada para representar o mundo visto por este povo. E, comparando uma língua de povos selvagens, que a princípio possuem um mundo real simples, com uma língua como o latim ou o português, facilmente se constatará que os sistemas formais se equivalem. Há sempre um meio eficiente para a expressão das idéias, mesmo que seja uma idéia não formada na língua. Portanto, qualquer língua possui um sistema formal, e é muito mais fácil conceber a existência de um sistema formal complexo em uma língua do que um número grande de palavras, porque as palavras representam objetos, que variam de número de acordo com as experiências de quem fala.

porque a linguagem está igualmente disposta em todos os seres humanos. A partir dessa conclusão, Humboldt traça duas hipóteses: deve-se perguntar se são formas verdadeiras e como elas influenciam no desenvolvimento das idéias.

Enfim, uma língua, sob o ponto de vista da nação que a molda e na qual age, sempre apresenta os recursos formais necessários para a construção do discurso, mas nem sempre esses recursos podem ser considerados "formas verdadeiras". A solução para saber se são ou não "formas verdadeiras" reside no modo como na língua se equilibram "matéria" e "forma".

O conselho de Humboldt é estudar as línguas desconhecidas sem calcar suas estruturas formais nas estruturas de línguas conhecidas. Como por exemplo, segundo o próprio Humboldt, as línguas indígenas, que são estudadas tendo suas características formais calcadas no português e no espanhol.

Para Humboldt, ao se fazer quase que uma comparação, o que havia de desconhecido e especial na língua desconhecida se perde porque as estruturas de línguas, como as do exemplo, com origens tão diferentes, nunca poderiam ser iguais. Do hábito de generalizar a construção formal do discurso em todas as línguas chegou-se a chamá-las de formas, ficando perdida a diferença entre "formas verdadeiras" e "outros meios" porque a preocupação reside em encontrar igualdades e diferenças, denominando essas estruturas

com nomes conhecidos, e não em estudar essas línguas desconhecidas como indivíduos com características próprias.

O discurso está composto por duas partes completamente distintas: palavras e relações gramaticais. Em uma língua, as relações gramaticais podem não ser dadas por signos especiais e essas relações que não são evidenciadas na forma externa da língua estariam sendo introduzidas no discurso pelo pensamento, que encontra meios de evitar as ambigüidades. Logo, essa língua não possui "formas-verdadeiras", e nela o pensamento terá que fazer um esforço maior para manter a compreensão.

Para que o pensamento não se perca, envolvido com as ambigüidades do discurso, é preciso que esteja desembaraçado e, para isso, são necessários signos verdadeiros que representem o pensamento no discurso tão claramente quanto estejam representados nos objetos. Deste modo as idéias encontram a situação propícia para serem desenvolvidas.

Então, uma língua que desenvolva as relações gramaticais juntando "palavras" que são signo dos objetos com "palavras" que são signo de relações para a formação do discurso não deixa margem para as modificações nas palavras- objetos, ou seja, para as verdadeiras formas gramaticais.

Por outro lado, em uma língua em que ocorram formas verdadeiras, que são frutos do prazer do pensamento abstrato, esse prazer do pensamento abstrato, como num círculo, só pode ocorrer na língua que ofereça o recurso das formas verdadeiras. Se em uma língua as formas não existem, mas no povo existe a força do pensamento, esse pensamento terá antes que desenvolver as "verdadeiras formas" na língua para, somente depois de as produzir, poder ser impulsionado por esta língua.

Humboldt escreveu: em um determinado idioma em que o pensamento hesite entre várias formas gramaticais, e não se decida nunca por uma delas, ele terminará se satisfazendo com resultados concretos. Em uma língua assim, o pensamento abstrato será sempre limitado, e em síntese nunca aconteceu.

As explicações de Humboldt sobre o chinês são exemplos perfeitos. O chinês, apesar de não possuir "formas verdadeiras", do tipo que se apresentam sonorizadas no discurso, e em virtude de não se dividir em várias possibilidades formais (age exatamente ao contrário), escolheu uma e a explorou ao máximo. Por razões históricas, escolheu o método de isolamento e nunca o misturou com outros. Por isso, o pensamento em chinês chega nos limites máximos da abstração. Poder-se-ia dizer que o chinês possui uma "fórmula lingüística" verdadeira sem fazer uso de "formas verdadeiras".

Pode-se dizer, entretanto, que existe um abismo entre uma língua que faz uso de formas gramaticais verdadeiras e línguas que não utilizam essas formas.

Em uma língua em que as relações gramaticais correspondem exatamente às relações lógicas, o pensamento ganha em penetração, e mais: a construção coerente da estrutura cria ritmo, que impulsiona o espírito no exercício do pensamento abstrato.

Humboldt introduz no seu texto um questionamento, que certamente passa pela cabeça de qualquer leitor ao se deparar com tais hipóteses. Ele afirma que pouco importa se uma representação gramatical seja feita por intermédio de palavras que possuam um significado nelas mesmas e que designem um objeto real, ou que as relações formais sejam introduzidas somente pelo pensamento.

Para Humboldt, qualquer um desses recursos formais pode ser visto como "formas verdadeiras". Ele explica que é impossível que as idéias gramaticais se apresentem por outra via que não o pensamento, e as línguas que são consideradas superiores, que apresentam uma estrutura sábia, elas também possuem uma origem grotesca, e traços disso podem ser nelas encontrados".

Humboldt argumenta que nas línguas mais cultas é possível descobrir elementos formais associados às línguas incultas podendo ser essa, inclusive, a origem das "formas verdadeiras" e da aglutinação. Isso pode até ser generalizado, e os meios que as línguas cultas fazem uso para representar os elementos formais são:

1. Acréscimo de sílabas significativas que possuíram ou possuem um significado particular (afixos);

2. Acréscimo de sílabas ou letras com significado somente dentro da palavra (flexão), indicando somente relações gramaticais;

3. Mudança de vogais: de uma para outra, de quantidade (longa ou breve), da posição do acento tônico;

4. Mudanças de consoantes;

5. Palavras colocadas em posições fixas que dependam umas das outras;

6. Reduplicação de sílabas.

Pode-se fazer um reagrupamento desses elementos. As afirmações de número 2, 3 e 4 formam um grupo, que caracteriza o que Humboldt chama de "flexão verdadeira". São maneiras de o pensamento se materializar na forma externa da língua, sem fazer uso de elementos que já existam nela com significados. Assim, um elemento sonoro é produzido com o intuito único de representar o pensamento, ou seja, é a forma externa do pensamento.

O primeiro tipo descrito, Humboldt chama-o de flexão de intenção ou aglutinação: são afixos que, juntados aos objetos lingüísticos, alteram-lhes o significado.

A reduplicação de sílabas, em línguas como o árabe e o sânscrito, é comum e segue regras que se generalizam para qualquer objeto da língua, caracterizando determinadas relações formais.

As duas partes que compõem a forma externa da língua originam-se de modos diferentes.

As palavras que indicam objetos originam-se da percepção dos objetos reais e estabelecem com eles uma relação análoga. Melhor dizendo, o objeto lingüístico espelha o objeto real.

Por sua vez, as formas gramaticais somente podem ser entendidas, designadas e conhecidas pela idéia lógica ou pelo sentimento confuso e obscuro que as acompanha. Isso significa, por um lado, que em uma designação formal está representado um sentimento que não é passível de ser descrito e que, por outro, somente quem proferiu o discurso o reconheceria com precisão. Mas, porque os seres se assemelham, o reconhecimento do sentimento ocorre por aproximação entre eles.

Então, um ser somente pode reconhecer uma relação formal a partir de uma língua já conhecida servindo essa afirmação para todos os estudos no campo lingüístico, tanto no nível entre falantes nativos quanto no aprendizado de uma língua estrangeira ou desconhecida.

Sentimentos fazem nascer modos de representação gramatical. Humboldt cita como exemplos os prolongamentos de vogais (vogais longas) e os ditongos do alemão e do grego que simbolizam o optativo e o subjuntivo.

2.1.1. A AGLUTINAÇÃO, OU FLEXÃO DE INTENÇÃO

É muito comum ao ser humano criar formas palavras para nominar algo e, com o passar do tempo, não se lembrar mais da motivação que o levou a simbolizar um objeto em uma palavra.

Se se pensar deste modo em relação à aglutinação, pode-se chegar a um ponto importante na discussão da evolução das formas. É muito comum nas línguas neolatinas o emprego de formas aglutinadas para representar idéias.

Então, se, nestes casos, a origem está completamente perdida, certamente ocorrem muitos casos nas línguas de flexões verdadeiras serem originárias de aglutinações.

Tão difícil quanto provar que uma forma seja originária de aglutinação é provar que formas são originariamente flexões. Mesmo porque, segundo Humboldt, a flexão verdadeira, na origem, é seguramente um fenômeno raro em todas as línguas.

No entanto, é preciso pensar que os povos são diferentes e que um povo esteja mais apto a realizar o ideal lingüístico e mais predisposto ao pensamento abstrato que outros e, por isso, ser capaz de gerar na língua formas por modificação interna originariamente.

Se um povo com vocação para o pensamento abstrato se encontrar diante da opção aglutinação ou flexão, reconhecerá que pode fazer uso mais inteligente e produtivo da segunda, e mais e mais abandonará a primeira, e onde não a abandonar, transforma-la-á em forma verdadeira. Deste modo a língua oferecerá um impulso maior às idéias. E caso um povo faça opção por realizar o pensamento em formas não verdadeiras, ou seja, contentar-se com resultados materiais, a língua permanecerá muito tempo na imperfeição e com ela o povo.

A flexão e a aglutinação geram alguns meios de representação das relações gramaticais. É muito comum que, pelo uso, uma palavra ganhe um caráter especial de forma, que, ao lado da flexão e da aglutinação, é um terceiro modo de origem das formas gramaticais. Nesta palavra, nada será acrescido que possa identificar a marca formal. No entanto, esse terceiro método se coloca no nível das flexões.

A reduplicação de sílabas e as mudanças de vogais raramente são símbolos de relações gramaticais, pois as relações que simbolizam são de reforço e, mais freqüentemente, frutos de acomodações fonéticas.

Deste modo, dentre as modificações de palavras, aquela que se considera como verdadeiro modo de representação gramatical é a adição de sílabas significativas. Tanto as línguas mais cultas quanto as mais incultas usam este método.

Também, nas línguas incultas, essas sílabas significativas, sem se pensar em aglutinação, podem ser autênticas flexões e, nas línguas cultas, muitas flexões são aglutinações aperfeiçoadas pelo pensamento abstrato.

Por isso, dificilmente se determina com precisão o limite entre aglutinação e flexão. Nenhuma afirmação que classifique uma língua como aglutinante e outra como flexional está correta. Humboldt cita exemplos análogos no grego, no latim e no mexicano, e afirma que, se se diz que um caso é flexão, é-se obrigado a dizer que é também nos outros mesmo que o mexicano seja uma língua inculta em comparação com o grego e o latim.

A situação oposta também ocorre: em muitos casos, nas línguas cultas, a distinção gramatical tem que ser introduzida pelo discurso. Basta observar um verbo como "amava" em português: a distinção de pessoa tem que ser introduzida pelo pensamento, baseado no contexto em que se coloca a palavra.

Contudo, existe uma diferença entre uma palavra como "amava" e um conjunto de formas que expressam essa idéia: em "amava", tem-se formas lapidadas em uma forma única, enquanto que expressões grosseiras combinam palavras sem uma amarração absoluta. Enfim, por mais que se justifique e se compare, nada pode amenizar a diferença entre línguas que fazem uso de "formas verdadeiras" e línguas que fazem uso de "outros meios" outros meios gramaticais que mantêm os sons que lhes são característicos, podendo facilmente se desprenderem de um conjunto e assumir um significado independente. São exemplos os pronomes, que são possessivos quando se juntam a nomes, e são pessoais, quando acompanham verbos, no mexicano.

Segundo Humboldt, de acordo com as circunstâncias gramaticais de uma língua, ela favorecerá mais ou menos o desenvolvimento das idéias: quanto mais elaborado for o processo formal de uma língua, mais ela agirá favoravelmente no espírito. Neste processo, o tempo constitui o elemento do aperfeiçoamento. Quanto mais distante de sua origem, ou seja, quanto mais a língua for usada, mais perfeita e cristalizada ela estará.

Enfim, suas formas, originalmente imperfeitas, tendem a cristalizar-se, ganhando em precisão e tornando-se cada vez menos reconhecíveis separadamente.

Sobre a evolução das formas, Humboldt diz que lhe é impossível afastar a convicção de que as formas de todas as línguas se originam principalmente da aglutinação.

Existe uma diferença básica na produção do discurso entre línguas mais e menos cultas. Nas línguas em que as relações não são rigorosamente estabelecidas, ocorre que a cada discurso o falante cria novas relações sem ter que fazer uso de formas estabelecidas; em línguas com formas fixas, o discurso não cria novas formas, restringindo-se àquelas que existem lapidadas pelo uso. No primeiro caso, o pensamento será mais exigido e a precisão do discurso ainda poderá se perder.

Humboldt reduz a uma conclusão simples seus estudos sobre as relações gramaticais: entendê-las significa distinguir com precisão a representação dos objetos lingüísticos e das relações, das coisas reais e das formas.

A palavra é material e concreta, representa algo real e refere-se a uma coisa do mundo; o pensamento é abstrato e ideal, é representado pela forma.

Então, um pensamento abstrato superior imprime na língua o ideal formal, e a língua, idealmente formalizada, aumenta o poder da faculdade de pensar.

Além disso, falando diretamente das intenções de Humboldt, seu texto tem como característica provar que cada língua é um "ser" à parte e que deveria ser estudado como único e completamente diferente dos outros. Desse modo, cada língua apresentaria uma descrição formal própria e certamente muitos detalhes formais que ficam desconhecidos seriam evidenciados, ampliando a globalidade do conhecimento da lingüística.

2.1.2. AS ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO DAS FORMAS GRAMATICAIS

Humboldt resumiu a hipótese desenvolvida a propósito da origem das formas gramaticais em uma narrativa composta em três etapas, partindo da inexistência de forma gramatical e chegando às formas verdadeiras e às palavras com valor exclusivamente gramatical. Essa narrativa progride com o aperfeiçoamento das formas do tipo lingüístico flexional, que, portanto, em uma escala simples, estariam posicionadas no último degrau do aperfeiçoamento lingüístico. A aglutinação estaria em um estágio intermediário. No primeiro momento estaria a ausência do elemento formal na língua, que se restringiria a objetos lingüísticos.

No princípio, as línguas se reduzem a signos para objetos. Mas se, na versão final, quando elas veiculam pensamentos elaborados e complexos, são completamente diferentes entre si, neste princípio, seriam iguais, equivalentes e até, quem sabe, originárias de um único ponto lingüístico. Mais que falar do princípio das línguas, fala-se, aqui, no princípio do aparecimento da razão ou inteligência no homem. Nenhuma língua permaneceu até hoje neste patamar lingüístico, nem as línguas do tipo isolante. O chinês, que isola formas, partiu deste princípio, como todas as línguas, mas não se encaminhou para o registro do pensamento por meios sonoros, e elaborou recursos (formas relacionais) que são registrados na forma externa da língua sem estarem sonorizados.

Num segundo estágio, as formas aparecem na formação de combinações de palavras, que significam as primeiras cristalizações de pensamentos. Deste modo, o registro do pensamento em formas serve, e é construído para tal, para facilitar a operação do pensamento. Neste momento do desenvolvimento lingüístico, o discurso não se divide apenas em objetos, mas em frases e locuções. Esta é a primeira generalização da atitude formal por toda a língua. Nas combinações, as palavras que antes eram signos de objetos perdem seus valores independentes, além de sofrerem mutações fonéticas. Assim, a língua estaria composta de signos para objetos e combinações de termos com valor formal, que ainda mantém a designação concreta de objetos.

No próximo estágio, a unidade das palavras, que antes eram combinações de palavras, se solidifica. As partes de valor formal perdem definitivamente seus valores representativos de objetos e se comportam como parte integrante, tornando-se afixos. A representação formal já é absoluta, por símiles de formas. Falta apenas a amarração final, que se dará quando a unidade das palavras tiver um único ponto de acentuação tônica. A representação formal, enfim, se fez. As palavras seguem regras de mudanças internas que, visando a representação do pensamento nas palavras, constituem a flexão. Esta, que fora originada pela aglutinação, no princípio de palavras, depois prossegue com a aglutinação de palavras com afixos.

O pensamento é o grande agente transformador dos elementos da língua: nenhuma língua chegaria a uma unidade perfeita se nela não estivesse registrado o calor do pensamento e do sentimento de uma nação.

No estágio mais avançado do discurso, ao lado de signos de objetos e de formas, se instala o elemento vital, o qual registra o sentimento que brota do íntimo do ser que o elabora por meio da entonação, que é a energia viva que funde e molda os elementos e transforma matéria lingüística inanimada em uma representação de sentimentos e pensamentos humanos.

Portanto, o pensamento abstrato de uma nação se instala na língua, elabora-se nela, que se adapta e ganha em precisão, oferecendo a ele o impulso para que se desenvolva. E, quanto mais profundo e elaborado for o pensamento nacional por meio de uma língua, mais recursos a língua terá para que o pensamento vá se aperfeiçoando. Esse círculo se fecha de modo sempre diferente e cada vez melhor.

2.2. **A INFLUÊNCIA DAS FORMAS GRAMATICAIS NO DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO**

"A língua deve acompanhar o pensamento:" [98] nesta frase Humboldt resume a resposta para a proposta inicial "a influência das formas gramaticais no desenvolvimento do pensamento"[99].

Uma vez possuindo "verdadeiras formas" (flexão de palavras e palavras gramaticais), apresentando na forma externa o objeto e a relação, a língua está pronta para oferecer ao pensamento os recursos de que ele necessita para se desenvolver.

Por outro lado, em uma língua em que o espírito dispõe de um sistema geral de relações defeituoso e imperfeito, ele não encontrará prazer no desenvolvimento do discurso e se limitará ao mais concreto. Portanto, quanto mais desenvolvido, mais amplo e mais abundantemente servido de flexões e palavras gramaticais, mais facilidade o pensamento filosófico (abstrato) encontrará para se concretizar.

A forma verdadeira contém exclusivamente a idéia relacional livre de qualquer elemento concreto. Deste modo, facilmente se percebe, ao se estudar uma palavra derivada, a modificação interna da palavra primitiva. As formas são, então, facilmente destacáveis ao passo que, numa língua que não faz uso de formas-verdadeiras, o pensamento teria dificuldade em separar a relação e o objeto, ficando atrapalhado, o que faria que se concentrasse na forma e não na idéia. Por isso, o verdadeiro conceito de forma requer que ela seja um elemento que passe como acessório do discurso, para que o esforço do pensamento esteja concentrado na idéia.

Muito dificilmente uma nação que tivesse uma língua com formas defeituosas chegaria a alcançar um grande desenvolvimento científico sem modificar sua língua. Na verdade, o espírito não receberia da língua e nem ofereceria a ela o impulso que ambos necessitam para se aperfeiçoarem. E, nessa ação recíproca, em primeiro lugar a língua tem que sofrer transformação para que o pensamento se desenvolva depois.

---

[98] *Sobre o desenvolvimento das formas gramaticais,* p. 35 [El lenguaje debe acompañar al pensamiento].

[99] *Idem ibidem,* p. 7 [Al intentar describir aquí el origen de las formas gramaticales y su influencia en el desarrollo de las ideas].

CAPÍTULO TRÊS

AS DESCOBERTAS CIENTÍFICAS DE HUMBOLDT E DISCUSSÕES SEMELHANTES NA LINGÜÍSTICA PÓS-HUMBOLDTIANA

3.1. PROCESSO DE MATERIALIZAÇÃO DA LÍNGUA

3.1.1. FORMA E MATÉRIA - LÍNGUA E PENSAMENTO (ESPÍRITO)

Para compreender tudo o que Humboldt escreveu sobre as línguas e o estudo das línguas, é preciso antes compreender a distinção que ele faz entre língua e pensamento, que se materializam no discurso em matéria e forma.

Quando se forma, o discurso está composto por palavras que se dividem em palavras de caráter conceitual e de caráter relacional. O caráter relacional de uma língua, porém, não pára nas palavras relacionais. Nas palavras em geral se encontra uma parte que é de natureza eminentemente conceitual, centrada em fenômenos que compõem a natureza convertida em articulação pela interpretação objetiva e subjetiva feita pelo indivíduo; além dela há uma outra parte, que é juntada à primeira e é de caráter relacional e responsável pela

acepção momentânea ou definitiva da caracterização do conceito da primeira. Cabe lembrar aqui que as arrumações eufônicas e melódicas também são relações.

Então, todo discurso apresenta duas partes.

O indivíduo se encontra colocado no mundo misturado a um conjunto de coisas. Ao entrar em contato com algo que desconheça, não pode entendê-lo. Assim, ele passa a buscar dentro de si e nessa coisa um conceito que a defina. Encontrado o conceito, que é sempre um sentimento, entram em ação as leis formadoras da língua. Esse sentimento, num impulso espiritual, aflora pela articulação, realizando a palavra de acordo com as leis formadoras da língua.

O indivíduo realiza a articulação e o som brota de dentro dele como um alívio, que faz o mundo tomar conhecimento do seu sentimento. Do mesmo modo que está para a palavra, o sentimento está também para a frase e para o discurso inteiro: a diferença da palavra para as unidades maiores está no fato de as leis formadoras da língua atuarem somente nela.

Se a ação formadora da língua atua até o nível da palavra, que neste caso significa a parte de caráter conceitual, então a palavra é a última instância que faz parte exclusivamente da língua. É assim porque, ao ser criada, a palavra brota do indivíduo, obedecendo às leis da língua, como unidade conceitual que a articulação transforma em palavra. Ao entrar no discurso, a palavra entra em contato com os elementos do pensamento, que a instalam em contato com outras palavras, e deste modo ela ganha definição dentro do discurso.

Então, existem no discurso a matéria (de caráter conceitual) e as formas (de caráter relacional): a matéria faz parte da ação formadora da língua, as formas fazem parte da ação escultora do pensamento individual.

Logo, todas as línguas são iguais! Esse processo de encadeamento língua (matéria) e pensamento (forma) acontece em todas as línguas, variando apenas o modo como cada língua o processa.

Em línguas eminentemente flexionais, como o latim, as formas relacionais dificilmente se separam da parte conceitual. Nas línguas neolatinas, as formas que em latim eram casos e vinham atreladas aos radicais (parte de caráter conceitual) separam-se e se tornam preposições. Então, o latim adota uma fórmula flexional de caráter sintético e as línguas neolatinas uma fórmula de caráter analítico. Outros detalhes formais, porém, aparecem atrelados aos radicais dessas línguas (tais como marcas de gênero e número nos nomes, tempo, modo, número e pessoa nos verbos), alternando a presença de marcas com sua ausência.

Em línguas como o chinês, os elementos relacionais nunca se juntam às raízes: nas palavras é articulada apenas a matéria da língua, e os elementos formais são dados por recursos como a posição da palavra no discurso, que é rigidamente mantida.

Um elemento formal ocorre em todas as línguas, variando um pouco de caráter, de acordo com cada uma: a entonação (eufonia e melodia), que varia segundo os elementos espirituais de cada povo. Nenhuma língua, entretanto, dele está isenta, porque a entonação tem como base a expressão das emoções, que são próprias dos seres vivos. Nos animais irracionais só pode ser sentida em forma de expressões sem conceito (pelo menos até que se prove o contrário) e, nos humanos, brota dos sentimentos conceituada. Ela não é significativa apenas quando está conceituada: também se pode saber que uma pessoa está irada, alegre ou triste pelo tom de sua voz, mesmo que não se possa compreender o que ela diz. O mesmo ocorre com a gesticulação (expressões faciais, corporais etc.), que, apesar de variar de povo para povo, dá a perceber os sentimentos momentâneos.

Cabe uma observação a respeito das palavras emprestadas de línguas estrangeiras: ao entrarem na língua que as adotou, perdem suas características de estarem compostas por matéria mais forma. Para que se entenda bem, convém lembrar que toda palavra se define no discurso; por conseguinte, não existe matéria sem forma. Portanto, ao entrar no discurso, toda matéria ganha uma forma. Deste modo, quando uma palavra é emprestada de uma língua estrangeira em que possui matéria e forma, ela passa a integrar a língua que a

emprestou com a mesma aparência fônica que tinha na língua de origem. O que nessa língua de origem era forma se transforma em matéria na nova língua: quando for empregada num discurso na nova língua, receberá a ação do espírito formal da nova língua.[100]

Por isso fica descartada a possibilidade da existência do que modernamente se chama de "forma livre". A razão é que mesmo que uma raíz material de uma língua seja empregada no discurso, livre de forma sonora atrelada a ela, não estará livre da entonação, que se constitui um elemento formal.

3.1.2. A PALAVRA

O mundo está composto por uma porção de objetos, que entram em contato com os indivíduos pelos sentidos. Ao percebê-los, os indivíduos se instalam entre eles e fazem uso deles, criando fórmulas de relação. Ao entrar em contato com os objetos, os indivíduos os percebem segundo seus valores espirituais nacionais. Cada povo, então, percebe os objetos segundo valores nacionais estabelecidos, que têm uma versão individual para cada falante.

Na percepção do objeto, do interior do indivíduo explode o conceito *via* articulação sonorizada. Uma vez conceituado o objeto, o indivíduo não se relaciona mais diretamente com ele quando fala, mas com o conceito psíquico que ele criou desse objeto.

Assim, os objetos do mundo são substituídos no pensamento dos indivíduos por objetos lingüísticos, e os homens convivem com o mundo real através do mundo lingüístico. Esses mundos são ao mesmo tempo completamente diferentes e iguais entre si; como uma imagem criada por um espelho, reflexo e refletido são exatamente iguais, mas

[100] Pode-se exemplificar com as palavras "toilette" e "abat-jour", ou com a palavra "show", tomadas de empréstimo do francês e do inglês pelo português do Brasil. Um brasileiro as pronuncia e escreve em muitos contextos segundo a relação fonética que ele estabelece entre essas palavras e os sons do português "tualete", "abajur", "xou" ou "chou". E, mesmo que essas palavras sejam escritas de acordo com a língua de origem, o brasileiro as pronunciará impondo-lhes os elementos formais do português, e elas estarão novamente constituídas de matéria mais forma.

feitos de matérias completamente diferentes, e o reflexo se modifica de acordo com o ângulo em que o objeto refletido é mostrado. Deste modo, conforme o ângulo com que se descreve um objeto na língua, têm-se nomes diferentes para eles.

Como os seres humanos recebem a língua pronta, sendo ela anterior e posterior ao homem, ele conhece o mundo real do modo como a sua língua nativa o mostra a ele. Portanto, é através da língua que o indivíduo adquire o espírito nacional, que retorna à língua através da liberdade individual e criativa do homem. Por isso, as palavras educam o homem segundo o meio em que ele deve atuar e, uma vez pronto, ele atua no meio contribuindo para que a língua se perpetue, ao mesmo tempo em que dá sua contribuição individual para ela. Uma vez educado (entendendo-se esse termo como "adquirida a língua nacional"), a cada novidade do mundo se forma no indivíduo um conceito novo, que varia de indivíduo para indivíduo mas que sempre coincide entre eles em algum ponto.

A palavra é, pois, um objeto que substitui na mente dos indivíduos um objeto real, o objeto lingüístico que reflete as características do objeto real segundo o modo pelo qual esse objeto real foi percebido pelo indivíduo. Apesar de se refletirem, há uma grande lacuna que separa o mundo dos objetos lingüísticos do mundo dos objetos reais.

A palavra é composta, então, de um conceito de algo que existe no mundo real e que, ao se formar no interior do indivíduo, é dado a conhecer ao outros indivíduos através da articulação sonorizada. A articulação, antes de mais nada, possui uma identidade que, reconhecida como um som pertencente à língua, pode se tornar um signo, isto é, um símbolo que leva os indivíduos a identificar o conceito.

Resumindo: a palavra é a soma de um conceito mais a identidade sonora que se torna signo. Nos casos em que a identidade sonora, mesmo reconhecida como parte da língua, não esteja clara para que possa virar signo, o conceito não será identificado, e o som não será palavra.

Essa divisão da palavra, porém, pode tornar-se mais perceptível: ao ouvir /*ba*/, um falante de português reconhecerá sem dificuldades que se trata de um som da sua

língua materna. Portanto, ele encontrou uma identidade para este som, que é então, com certeza, um símbolo da língua portuguesa, uma vez que ela é reconhecida neste som. Por isso /*ba*/ é um signo da língua portuguesa. No entanto, /*ba*/ não possui conceito e, para que se forme um conceito, neste caso, vai-se precisar de mais unidades sonoras adicionais. Segundo Humboldt, a identificação como som de uma língua, ou mesmo como um som articulado, é a identidade do som, mas não é suficiente para ser signo de um conceito. É interessante observar que, em geral, para ter uma palavra, os seres humanos fazem uso de vários sons, que são certamente frutos de uma elaboração e de um amadurecimento lingüísticos que se deram ao longo de gerações. Então, /*ba*/ não é uma palavra porque não possui conceito, mas é um símbolo da língua portuguesa porque faz parte dela.

Então, para ser palavra, é preciso ter um símbolo ou conjunto de símbolos (sons) que, ao se transformarem em signo, adquirem conceito ou se transformam em signo ao adquirirem conceito.

3.1.3. O DISCURSO

As palavras são a última instância formadora da língua. Uma vez formadas, elas estão prontas para entrar no discurso, que é composto pelo indivíduo com unidades formadas com palavras.

O indivíduo, ao falar, tem em mente um conceito genérico e, para expressá-lo, que é seu intuito ao comunicar, faz uso de conceitos menos genéricos. Então, duas palavras, ao entrarem em contato uma com a outra, cedem uma para a outra os seus conceitos específicos, a partir dos quais se cria um outro, mais amplo. Por isso, quando se fala, tem-se a impressão de que não importam as palavras, mas o conceito obtido com a soma delas.

No discurso, as palavras ganham um lugar em que se transformam em um composto de matéria e forma, uma definição precisa que somente serve naquele lugar.

Quantas vezes aparecerem no discurso, tantas vezes terão conceitos diferentes, muitas vezes impossíveis de serem distinguidos um dos outros, porque são minimamente diferentes mas diferentes.

As palavras são conceitos completos em si mesmos, os menores que existem no discurso. Ao entrarem em contato com os elementos do pensamento, que envolve sentimentos (intenções, desejos etc.), desenvolvem-se em unidades maiores de sentido que se compõem de número variável de palavras. O novo composto lingüístico de conceito completo, a frase, é a unidade em que atuam todos os elementos que atuam na composição do discurso. Por isso Humboldt a considera como a primeira unidade lingüística, ou seja: o discurso é formado por frases, que se emendam infinitamente, e o discurso nunca termina.

Ao discursar, os indivíduos realizam todas as possibilidades que a língua oferece, realizam a todo momento a língua inteira e, ao mesmo tempo que reafirmam as leis da língua, refazem-nas e as transformam. Assim, a cada geração um espírito novo se instala, dando novas características à língua.

A palavra é um conjunto de possibilidades de sentido centrada em uma acepção principal; ao ser encaixada no discurso, ela recebe um tratamento especial, que consiste em dar-lhe a acepção conveniente segundo a necessidade. Ao empregar a palavra em um discurso, o falante ressalta na palavra a acepção que lhe interessa. O ponto principal do conceito, porém, de algum modo deve ser marcado para que o discurso não caia no absurdo.

"O sentido da palavra que interessa é esse", "O sentido que interessa é o da direita", "O sentido da visão é muito importante", "Ele ficou sentido": nessas frases há quatro empregos diferentes da mesma unidade fônica "sentido", que veicula em cada situação conceitos diferentes. Entretanto, do mesmo modo que não se tem dúvida do conceito vinculado em cada uma das frases, também se consegue perceber um ponto comum ligando os conceitos. Pode-se dizer que, de um modo geral, todos os quatro se referem a uma significação da percepção humana do mundo.

Tais circunstâncias podem ser ainda mais sutis, como no caso dos discursos poético ou proibido. Na poesia, quando as possibilidades de sentido das palavras são bem exploradas, leitores diferentes encontram diferentes leituras, que, porém, invariavelmente sempre terão um ponto coincidente. No discurso proibido, geralmente o autor disfarça num conceito inocente uma verdade proibida.

Mas, sempre, ao organizar o discurso, é preciso que o autor deixe marcas para que quem o ouça, leia, interprete etc. consiga perceber o conceito vinculado ao signo.

* * * * *

Conceitos importantes da lingüística moderna aparecem nessas palavras de Humboldt.

A relação que Humboldt estabelece entre "discurso" e "língua" e a relação que a lingüística saussuriana faz entre "língua" e "fala" *(langue* e *parole*) são parecidas. Cabe observar que, para o termo "parole" de Saussure, Joaquim Mattoso Câmara Junior propõe que em português se use "discurso" e não "fala", que seria a tradução direta do termo "parole" do francês.

Lendo a obra de Mattoso Câmara fica evidente que ele tinha como fonte para seus estudos lingüísticos a obra de Wilhelm Karl von Humboldt. Isso fica evidente no livro *Contribuição à estilística portuguesa*, em que Mattoso faz muitas referências a Humboldt, usando inclusive termos em alemão para dar nomes aos conceitos.

As definições de Saussure para "palavra" e "signo" são semelhantes às definições de "palavra" e "signo" em Humboldt. Saussure afirma que todo signo lingüístico é um símbolo. Então, seguindo Saussure, se signo é símbolo, qualquer som do alfabeto do português é um signo do português, uma vez que se pode reconhecer nele a língua. No entanto, não é qualquer som reconhecido como do português que possui conceito ou significado.

É importante ressaltar que Humboldt distingue o conceito de "signo" mais de meio século antes (para ser preciso, setenta anos) de Saussure e propõe uma nomenclatura mais detalhada.

Pode-se ver que, nas duas conceituações, a palavra é composta de uma unidade sonora, formada por sons, do conjunto escolhido e estabelecido pela língua na sua origem. Os sons reconhecidos como pertencentes a essa língua caracterizam o conceito que está estabelecido no pensamento e contido na unidade sonora.

3.2. O INDIVÍDUO

A língua prima pelo comportamento individual em todas as instâncias em que se pode pensar. Portanto, é a individualidade que confere à língua tudo o que ela pode ser.

"A língua se forma no falar diário do povo". Pensando no ato de falar, vê-se que o indivíduo, quando fala, está sozinho com suas idéias, que são colocadas na língua segundo as fórmulas nacional e individual de fazê-lo.

A fórmula é nacional porque o indivíduo faz uso de elementos conhecidos, e, em qualquer discurso, o indivíduo antes de mais nada visa a ser entendido pelo outro. Para isso é necessário que o elemento comunicado esteja na esfera do compreensível, atingindo o mesmo conceito no outro.

Ao construir o discurso, porém, disposições individuais são evidenciadas e registradas, fazendo que se reconheça a marca individual do falante.

Os elementos que marcam a individualidade podem ser elementos evidentes, e até muito sutis: o tom de voz, hábitos lingüísticos, construção do discurso, temas do discurso, etc. Por esses meios, cada indivíduo possui sua marca particular de construir o discurso, de se integrar no todo, de se instalar junto ao outro.

Ao aprender a se comunicar por meios lingüísticos, o indivíduo adquire não uma série de objetos lingüísticos, mas ocorre dentro dele o estímulo da faculdade lingüística. Como salienta Humboldt, isso pode acontecer com a ajuda de qualquer indivíduo: o estímulo inicial, porém, é sempre externo e necessário.

Com a língua o indivíduo adquire o espírito nacional. Não se deve esquecer que os indivíduos, ao adquirirem a língua e o espírito nacional, os recebem prontos, porque eles, do mesmo modo que os indivíduos, são unos em si mesmos. Então, a língua é sempre algo que possui um começo e um fim (hipotéticos, evidentemente), e com ela o espírito nacional. É ele o responsável pela existência da língua nacional, do mesmo modo que a língua individual só existe enquanto o indivíduo estiver composto de matéria e espírito: a língua nacional existirá somente enquanto a nação compuser um só espírito.

Então, a nação é composta de uma matéria e de um espírito (observadas as devidas proporções). O espírito é característico e específico da nação e se estabelece na língua, e, ao mesmo tempo em que é responsável pela língua, somente existe através dela. É responsável pela língua porque a constrói. Portanto, ela somente existe se ele existir, ela se manterá enquanto ele se mantiver. Se ele sofrer qualquer divisão, de qualquer natureza, ela tenderá a se dividir e a se transformar na mesma medida que ele. Brasil e Portugal são exemplos perfeitos desta composição e divisão: a divisão espiritual que separa os dois países está transformando a língua portuguesa, tornando-a duas línguas diferentes.

O espírito somente existe através da língua, porque ele não pode ser conhecido, se expandir e ser mantido senão através dela: o espírito nacional é a língua e a língua é o espírito nacional.

Se, por razões inumeráveis, cada nação desenvolve um espírito diferente, tornando essa nação um indivíduo com características específicas pertinentes, que a tornam reconhecível no seu comportamento em meio às outras (não se pode esquecer que o cidadão é que representa a nação, acima de tudo), e se esse espírito nacional, com suas características, molda e envolve a língua e é único, a língua também será única e específica

daquela nação. Se brasileiros e portugueses ainda têm pontos comuns nas suas línguas, é porque suas raízes espirituais são as mesmas mas isso não perdurará eternamente, do mesmo modo que aconteceu com as línguas neolatinas.

"Ao falar o indivíduo é entendido pelos outros porque desperta nos outros indivíduos sentimentos semelhantes aos seus: apesar de diferentes, o conceito de um estimula o mesmo sentimento ou conceito no outro — daí a compreensão e as não incomuns divergências".[101]

Se se atentar para essa definição, não será difícil depreender dela a noção de "repertório". Humboldt faz uso dessa explicação para mostrar o processo de entendimento entre os indivíduos e a relação que existe entre os mundos lingüísticos individuais. Assunto que é abordado diversas vezes na obra de Humboldt e que é difícil dizer se já era conhecido antes de Humboldt.

Um aspecto importante vem à tona pela compreensão particular que Humboldt tem da língua. Os indivíduos possuem uma língua própria que reflete suas peculiaridades pessoais, que compreendem desde aspectos nacionais a que estão submetidos até suas condições psicológicas mais íntimas. Tudo o que se refere ao mundo que o cerca ganha uma marca. O indivíduo comum tem um traço reconhecível. O indivíduo iluminado, com uma capacidade mental superior, cria marcas pessoais muito mais particulares. Esse indivíduo representa o registro da disposição lingüística da geração da qual faz parte, sendo possível estabelecer o conjunto de mudanças que a língua nacional sofreu na geração, através de seus discursos. Essa explicação serve perfeitamente para o conceito "estilo" na lingüística moderna.

Para Humboldt, o estilo é a expressão do espírito. E, como a soma dos espíritos cria um conjunto espiritual coletivo (nacional), não só cada indivíduo possui seu estilo, mas também cada nação possui o seu e também cada tronco lingüístico, provavelmente fruto da desintegração de um espírito nacional originário.

---

[101] *Sobre a diversidade da estrutura da linguagem humana*, p. 95.

3.3. **LÍNGUA, PENSAMENTO E MUDANÇAS**

3.3.1. LÍNGUA E PENSAMENTO

Quando se ouve um som animal, o que se ouve é a explosão de um sentimento:

> "se o som é articulado, procede de um ser inteligente, e, se não o é, de um ser com sensibilidade."[102]

Então, tudo que se transforma em língua articulada é produto de sentimentos, que são exteriorizados pelos seres pela capacidade que eles têm de torná-los claros ou não. Donde a divisão, que se apresenta no mundo, entre os seres que pensam (humanos) e os que não pensam (os outros animais).

Entre os seres humanos também há divisões. Nenhum ser humano é exatamente igual a outro, também quanto à capacidade de exteriorizar sentimentos. Todos os seres humanos são capazes de exteriorizar sentimentos; há, porém, aqueles que são mais aptos e o fazem com mais precisão (deve-se ter em mente que se fala aqui da expressão idealizada).

Os seres humanos, portanto, possuem uma capacidade inata para elaborar sentimentos em forma de conceitos por intermédio do pensamento, que é responsável por tudo o que os seres humanos criaram.

---

[102] *Idem ibidem,* p.75.

Para que o pensamento pudesse ganhar o mundo, a inteligência humana criou a língua, que é impossível de ser pensada sem a inteligência. Se o homem evoluiu de um ser sem inteligência, quanto mais inteligente se tornava, mais elaborado ficava o processo lingüístico; por outro lado, se foi colocado na terra por Deus, já dotado de inteligência, ele já possuia a língua.

A integração "linguagem e pensamento" ou "língua e pensamento" requer observações diferentes.

A linguagem, do modo analisado por Humboldt, nada mais é que a língua elaborada pela articulação *via* pensamento. Acima se fez uma divisão entre aquilo que pertence à língua e aquilo que pertence ao pensamento dentro do discurso.

A língua existe para os seres humanos como forma latente e composta de conceitos mínimos, ou palavras. Ao organizar o discurso, o homem faz uso dos elementos do pensamento, que variam em cada nação. Eles são esses e não outros devido a interferências na nação de natureza variada ao longo da história: origem, invasões sofridas, características religiosas, sociais etc. que selecionaram e colocaram em uso alguns elementos do pensamento e eliminaram outros.

Essas duas partes da construção lingüística ("objetos da língua" e "unidades do pensamento") estão sempre e a cada momento perfeitamente claras, e delas faz uso o pensamento para elaborar o discurso. O discurso se faz por meio de conceitos, que somente existem em palavras se estiverem claros no pensamento. Logo, somente existe discurso (língua articulada linguagem) se existir o pensamento. Esse elabora conceitos a partir de sensações e usa os recursos que tem à sua disposição para os exteriorizar, recursos que são a própria língua.

A língua é fruto do pensamento e somente existe em forma de discurso logo, o discurso é a língua. É nesse sentido que Humboldt afirma que a língua se constrói pela fala do povo.

3.3.2. MUDANÇAS NA LÍNGUA

A língua é o espírito do povo. A manifestação do espírito dá-se no falar. Então, o falar do povo é a língua e o espírito nacional. Para que o falar do povo mude, é preciso que ocorram mudanças no espírito nacional.

Se se tomar um exemplo, como as gírias, pode-se observar com precisão a atitude espiritual diferenciada de uma geração para outra. Dessa forma fica mais ou menos patente que as línguas se transformam por ciclos, que nos termos de Humboldt são as gerações. Evidentemente, não há fronteiras exatas entre as gerações, mas pode-se ver que uma atitude extremada, que caia no domínio comum, ou tende a desaparecer ou permanece como aceitável, às vezes se transformando em regra.

As mudanças lingüísticas geralmente surgem de necessidades sociais: mudanças tecnológicas, manifestações culturais, meios de comunicação, etc. Se ocorrem mudanças na língua nacional, sendo ela a soma das línguas individuais, na verdade as mudanças ocorrem antes no indivíduo. Por este prisma se pode medir com clareza a relação língua individual e nacional, bem como a importância da participação do indivíduo no todo.

Mas a língua é o veículo por onde as mudanças sociais acontecem e são conhecidas. Qualquer manifestação que ocorra em um indivíduo ou grupo somente será possível se estiver prevista e latente na língua nacional. No momento em que ocorrer a primeira manifestação, a língua deixa de depender do indivíduo para a reprodução da manifestação, passando a levar até outros indivíduos a primeira produção e espalhando a novidade, ocasionando as mudanças espirituais.

Assim, o indivíduo manifesta um sentimento novo (conceito) na língua através do pensamento articulado. Ocorrida a manifestação, ela não mais pertence ao indivíduo e sim à língua à nação, portanto.

3.4. **CULTURA E CIVILIZAÇÃO**

> "Ao contrário do que se pode pensar, a cultura e a civilização não levam ao desenvolvimento da língua".[103]

Quando se observa a evolução dos povos, percebe-se que as manifestações espirituais da nação vão sendo assimiladas à medida e no tempo em que acontecem. Por isso, o desenvolvimento espiritual e lingüístico acontece paulatinamente. Não se pode esquecer que cultura e civilização, neste caso, se referem a intelectualização do povo. A cultura, na acepção moderna de conjunto de valores de um povo, Humboldt chama-a de espírito nacional.

É por isso que não se deve impor a uma língua selvagem o nível de civilização de uma língua universal. Não se está dizendo que não se possa fazê-lo. Mas, ao se tentar manifestar um nível espiritual muito mais alto em uma língua desacostumada a estrapolar o universo de sua nação, acontecem manifestações estranhas e muito imprecisas.

A tendência, nos contatos entre línguas desses níveis espirituais, é o desaparecimento da língua menos universal. Mesmo que se tente preservá-la, muito pouco poderá ser feito se não for preservada a unidade nacional do povo: o território, o espírito nacional, etc.

A cultura e a civilização levam a uma humanização dos povos. Porém, no nível lingüístico, elas são como a língua: fruto do desenvolvimento do espírito nacional.

[103] *Idem ibidem,* p. 41.

Nenhum nível intelectual pode ser implantado em uma língua ou em um povo que não estejam preparados para recebê-lo, e, caso se tente, ou isso os destruirá ou então o espírito nacional imposto sofrerá avarias irreparáveis e o nível intelectual não alcançará êxito a exemplo do sânscrito na ilha de Java, citado por Humboldt.

A importância de se pensar os danos que a infiltração de uma civilização *culta* provoca em povos ainda com hábitos primitivos é a oportunidade de observar uma manifestação lingüística pura. E, se se pretende preservar os espíritos nacionais desses povos, não se pode esquecer que o espírito nacional tem como elemento básico e indispensável o território, nas condições em que se manifestou o espírito na origem.

3.5. **NAÇÃO**

Humboldt argumenta que há ações que nascem de indivíduos e ações que nascem do coletivo. Ao produzir um objeto lingüístico, um indivíduo coloca para o mundo sua produção. E ele se realizará como ser quando encontrar sua produção na boca de um outro ser, pelo fato de considerar e ver o outro como um ser livre. Então, o indivíduo encontrará em outros indivíduos suas aspirações e emoções, sentindo-se livre também.

Ao produzir um objeto lingüístico, o indivíduo o faz segundo um conjunto de fatores externos que o influenciam a adotar determinados comportamentos. Todo indivíduo está antes de tudo preso ao coletivo, que, em uma síntese conceitual, é a nação. É por isso que Humboldt afirma que toda nação é criadora de uma língua. O indivíduo que produz lingüisticamente age segundo o comportamento lingüístico do seu grupo (nação), que engloba todos os falantes de uma língua, que faz parte da nação e torna possível sua existência.

Por isso a língua é sempre individual e coletiva ao mesmo tempo. Toda produção é individual pertence ao indivíduo que a produziu. Esse indivíduo, porém, só produz segundo o espírito coletivo lhe permite, pela razão de fazer parte do coletivo.

* * * * *

O conceito de "norma" estabelecido por Eugenio Coseriu passa em muitos pontos por essa definição que Humboldt dá para as produções lingüísticas.

Resumindo: norma, em Coseriu, são usos lingüísticos grupais, conhecida apenas pelos elementos que integram o grupo.

Deixando de lado situações extremadas como o "economês", o "burguês", a "língua de surfista", etc., ver-se-á que o grupo mais importante, que define e possibilita qualquer um dos outros, é a nação, ou seja: o único grupo que realmente existe lingüisticamente é a nação pela razão de que a maioria das nações tem economistas, surfistas, burgueses etc.: em cada nação, porém, se fala uma língua que está definida pelo espírito nacional. Além do fato de falarem línguas diferentes, mesmo que falem línguas com a mesma origem, o que em geral não acontece, dificilmente as expressões e gírias dos grupos fechados que se instalam na nação e em nações diferentes serão os mesmos.

O que de fato acontece é que qualquer produto lingüístico que ocorra dentro de uma nação somente é possível porque está previsto no espírito nacional pertence, portanto, e é acessível a qualquer cidadão daquela nação.

3.6. **DERIVAÇÃO**

Na construção das palavras, a língua exerce uma pressão conformadora através de regras estabelecidas para o acoplamento entre matéria e forma.

Assim, ao criar uma palavra por meio de representações simbólicas, o indivíduo não consegue escapar daquilo que está pronto na língua.

O indivíduo é livre. Oferece a sua liberdade à língua, que passa a ser um elemento limitador. Durante a existência de uma língua, as muitas gerações que se

sucederam escolheram algumas entre as muitas opções lingüísticas que a língua, apesar de limitadora, ofereceu. Deste modo, uma geração está submetida àquilo que a sua antecedente fez. Uma vez feita uma escolha dentro da língua, ela se transforma em regra.

Ao longo da história da língua são feitas opções simbólicas. Na língua, porém, nada está definitivamente pronto. O indivíduo, com a sua liberdade, pode refazer o mesmo percurso que outros fizeram, dentro da língua, à sua maneira. Deste modo, a língua é sempre individual, porque quem exprime um conceito o faz a seu modo.

O indivíduo refaz o conceito, ressaltando algo que estava inerte na língua, e é livre para fazer os conceitos que quiser desde que não fuja daquilo que a língua já é. Tudo o que ele faz está de acordo com aquilo que a língua lhe oferece, jamais escapando da pressão conformadora das regras da língua.

Na concepção de Humboldt, o indivíduo está preso às regras conformadoras da língua ao realizar o conceito em palavras, sendo que a língua é eminentemente simbólica. Então, o que Humboldt chama de "pressão conformadora que a língua exerce sobre os indivíduos" é aproximadamente o que a lingüística moderna chama de "ação do paradigma".

3.7. **A ARTICULAÇÃO**

O ser humano transforma, por meio do pensamento, sentimentos em conceitos e, para torná-los matéria acústica, usa dois elementos: a articulação e o som.

O som é o impulso produzido no interior do indivíduo, fruto dos sentimentos, e a articulação produz a forma exterior da língua. O indivíduo produz a articulação que é a forma exterior do pensamento, ou, melhor dizendo, os movimentos articulatórios estão vinculados à produção do pensamento. O som é um meio que os indivíduos desenvolveram para tornar a articulação facilmente compreensível. Deste modo,

a articulação e o som se transformam em som articulado, voltando ao pensamento como símbolo de conceitos.

A língua, porém, não produz um som articulado diferente para cada conceito. Ela reaproveita um número de sons, combinando-os ou os reorganizando de muitas formas.

Então, a articulação existe para os seres humanos como uma capacidade inata. A palavra deve sempre ser entendida como articulada; todavia, como é fruto de um impulso interior, ela é indivisível.

Humboldt argumenta que o discurso é sempre indivisível e que a divisão que comumente se faz é puramente analítica porque, na situação natural do ato de fala, o discurso se mostra como completo em si mesmo. Essa indivisibilidade do discurso converge para a indivisibilidade do conceito, tanto no nível do discurso quanto no da frase e no da palavra. Assim, a palavra é articulada composta por partes , a frase é composta por partes e também o discurso.

Não se deve esquecer que Humboldt entendia a palavra como formada por matéria e forma: as formas se juntam com a matéria, ambas de caráter simbólicos, formando a palavra.

Portanto, a palavra é formada por sons articulados e divididos em matéria (elementos da língua) e formas relacionais (elementos do pensamento).

* * * * *

A exposição acima mostra que Humboldt compreendeu a essência básica da "dupla articulação"[104], e também o importante fator de economia que ela representa na organização do discurso.

[104] A "dupla articulação" das línguas é a junção da primeira articulação, que são os morfemas ou monemas (unidades mínimas de significação) e da segunda articulação, que são os fonemas (unidades mínimas de som).

Quando escreve sobre o processo articulatório, Humboldt não se limita a apresentar os fatos, mas encontra a essência verdadeira do que eles representam na língua.

Pode-se tomar como exemplo o processo de aprendizagem lingüística dos surdos, que ele descreve, chegando à conclusão de que o som e a articulação são elementos distintos. Portanto, os humanos falam pela articulação, e o som é o elemento que torna a articulação mais facilmente perceptível. Somente depois de todo esse processo de transformação em sons articulados é que som e articulação são percebidos pelo sentido da audição e tornados símbolos de conceitos. E, se os sons articulados são o produto de um processo tão longo sentimentos que o pensamento transforma em conceito, exteriorizado pela articulação que é sonorizada , é bastante cabível considerar os sons a parte mais importante da língua e por isso Humboldt dedicou uma grande parcela dos seus estudos aos sons articulados!

3.8. **A SEGMENTAÇÃO DO DISCURSO**

O discurso está formado por palavras, que são objetos indivisíveis. Porém, ao isolar uma palavra por meio da análise, pode-se dividi-la em matéria e formas. As formas são elementos colocados no discurso pelo pensamento, como fruto do amadurecimento dos conceitos. Isso significa que, na mente do indivíduo, toda vez que um conceito ganhar precisão ele se converte em um objeto lingüístico. Se ele era um conceito ainda abstrato no discurso, ao tornar-se concreto se converte em articulação; diferentemente de quando existia de forma abstrata, ao se tornar concreto converte-se no objeto real que serve de estímulo para o conceito. Todas as vezes em que um conceito se torna preciso na mente de um indivíduo ele se transforma em palavra.

A palavra é composta em partes, que estão no discurso pela ação do pensamento. Humboldt argumenta que, ao segmentar a palavra por meio da análise, descobrem-se duas coisas:

a) Se a língua possuir um sistema de sons variados e que admita composições variadas, todas as vezes em que um som for empregado no discurso ele representa um conceito;

b) Ao segmentar a palavra, vê-se que as formas relacionais formam um grupo fechado.

Certamente é anterior a Humboldt a idéia de que as formas gramaticais são grupos fechados que vinculam conceitos. É importante observar, porém, que ele explica esses conceitos para mostrar a interferência e a importância que os sons da língua têm na formação do discurso e na precisão conceitual. Há uma lógica que ele estabelece entre os elementos da língua e do pensamento. Elementos que se dividem de acordo com aquilo que pode ser variado no discurso o conceito genérico organizado pelo pensamento através das formas relacionais e aquilo que não pode ser variado a organização interna das palavras, organização que está estabelecida por leis que antecedem as leis do pensamento. Por isso, se o conceito aprisionado na palavra se define de acordo com o discurso, a sua estrutura sonora interna é definitiva.

3.9. **TÉCNICA FONÉTICA E TÉCNICA INTELECTUAL**

A composição e a comunicação do conceito são os objetivos da língua, que, para compor o conceito, faz uso dos sons. Então, no discurso, tem-se uma base sonora que veicula conceitos. Humboldt chama esta base sonora de "técnica fonética"; aos conceitos veiculados por ela dá o nome "técnica intelectual". Juntas formam a "técnica da língua", que significa a maneira pela qual acontece a representação dos conceitos pelas formas fônicas.

A técnica fonética se resume no conjunto de sons de que a língua faz uso para construir as unidades fônicas as palavras. Quanto mais rica em sons e quanto mais permitir composições mais diversificadas, mais bonita e perfeita será a língua.

A técnica intelectual se resume na organização dos conceitos e combinações de conceitos, ou seja: tudo o que será distinguido através dos sons.

Assim, a técnica fonética é a base para que o discurso que tem como finalidade a técnica intelectual possa veicular conceitos.

Se as técnicas fonética e intelectual dão conta da construção das palavras e se o discurso existe por meio de palavras, essas duas técnicas se espalham pelo discurso inteiro.

* * * * *

O que Humboldt chama de técnicas fonética e intelectual, a modernidade as chama, entre outros nomes, de "plano do conteúdo" e "plano de expressão".[105]

Pode-se observar que Humboldt, ao conceituar a língua como possuindo duas partes inseparáveis, descreveu a base para um estudo semântico. Ele não estabelece, como faz a modernidade, nomes diferentes para a "divisão" em som e conceito na palavra e no discurso. Palavra e discurso são feitos das mesmas coisas: todas as leis válidas para as palavras, são válidas para o discurso.

3.10**. PRONOMES**

Humboldt adota um princípio básico e segue argumentando para o esclarecer. Como princípio, afirma que os pronomes não são substitutos dos nomes.

Cabe lembrar que modernas teorias a respeito do texto e muitos gramáticos fazem a afirmação de que os pronomes entram no lugar dos nomes.

---

[105] Conceito de Saussure, que se refere ao discurso. O discurso é composto de uma base sonora e de conceitos. A base sonora é o estímulo, é material, para se obter os conceitos, que são psíquicos. Saussure usava, como nome para a base sonora do signo, o termo "significante" e, para o conceito, o termo "significado". Então, um conjunto de significantes, ou "cadeia de significantes", forma o "plano de expressão", que corresponde a uma "cadeia de significados", que forma o "plano do conteúdo" de um enunciado.

Essa é uma teoria muito antiga, surgida por volta do século XIII; desapareceu durante o período medieval e ressurgiu na modernidade. Contudo, cabe repetir que o desaparecimento durante a Idade Média se deu pela substituição por uma teoria que tampouco deu conta de explicar os pronomes. Daí o ressurgimento dessa teoria: o pronome como substituto do nome.

Duas coisas se inferem na circunstância. Primeiro, que essa teoria tenha ressurgido no século XVIII antes de Humboldt, que se interessara em esclarecê-la; e, segundo, que Humboldt tinha conhecimento da teoria primeira, que afirma que o pronome é substituto do nome, e também da segunda, que substituiu de maneira insuficiente.

Humboldt dedica uma parte do seu tempo e espaço de estudo para mostrar que não há razão para se dizer que eu, tu, nós, vós, esses, estes, aqueles etc. estão no lugar de nomes. Tanto isso é verdadeiro, que, para um nome surtir o efeito de demonstrar o objeto do qual se fala, é preciso que o ouvinte tenha conhecimento prévio da relação nome e objeto enquanto que o pronome aponta diretamente para o objeto sem risco de erros. O pronome realiza a indicação imediata, ao passo que o nome não tem essa capacidade.

* * * * *

Humboldt tem o mérito de ter explicado com eficiência que o pronome não substitui nome.

Os pronomes, em algumas teorias modernas, nas situações de anáforas e catáforas, são explicados como a retomada de um nome. Porém, quando um termo entra em uma determinada posição no discurso, ele traz consigo a carga semântica que lhe é peculiar. Nunca acontece de um termo substituir o outro sem causar mudanças no sentido do texto, nem mesmo no caso de pronomes.

A primeira explicação que se pode dar para anáforas e catáforas, é que elas são usadas como fator de economia lingüística: genericamente, o homem cria recursos para

diminuir seu trabalho físico. Fora desse caráter genérico, e dentro do discurso, cada catáfora e anáfora possui um significado momentâneo e concentrado, que só existe nesse discurso e no lugar e momento em que acontece.

Se se retomar o conceito de Humboldt de que as palavras só se definem no discurso, entende-se que a palavra nunca é empregada do mesmo modo nas suas aparições no discurso e que nenhuma palavra pode ser igual a outra. O discurso é mais amplo que a soma das palavras, apesar de composto por elas. Por isso, a substituição de uma palavra por outra causa mudanças nele.

Não se trata de saber, ou negar se tais afirmações estão certas. Contudo, em determinadas situações, a aplicação da teoria de que os pronomes substituem nomes torna o texto completamente absurdo.

3.11. LÍNGUAS: VISÃO HISTÓRICA E VISÃO ESTÁTICA

Ao estabelecer a divisão dos estudos sobre as línguas em Lingüística e Filologia, Humboldt revela um importante detalhe dos seus trabalhos lingüísticos. Ele ressalta que, estudando a língua através de seus monumentos literários, se estabelece, por um lado, uma visão do processo de mudanças nos sons da língua e, por outro, pelo registro escrito de um escritor, tudo que era a sua língua na sua época. E, estudando-se os autores de muitas épocas, tem-se um registro das mudanças nos sons da língua feito a cada geração e o conjunto das mudanças que resultaram no produto conhecido.

Humboldt afirma que não é possível estudar um autor (monumento literário) desvinculado do seu tempo. Ele sabia da possibilidade de se estudar o espírito nacional através do seu registro na literatura e que somente é possível conhecer a língua pelo discurso.

Não se deve esquecer que Humboldt entendia que somente é possível estudar um fenômeno quando ele já está no passado, quando ele se torna um produto pronto,

finalizado. Isso revela que Humboldt tinha consciência de que só se pode estudar as línguas historicamente: dado que realizou um estudo centrado em conhecimentos tirados de textos históricos, acreditava estar fazendo um trabalho de caráter filológico: "um estudo como esse que se faz aqui somente pode estar assentado em monumentos históricos" portanto, de caráter filológico.

* * * * *

Há uma íntima relação entre os conceitos saussurianos de "sincronia" e "diacronia" e os conceitos humboldtianos de "visão estática" e "histórica" das línguas. Portanto, não é verdade que Humboldt não conhecia as possibilidades de estudar a língua tanto histórica quanto estaticamente.

3.12. **AS SÍLABAS**

A sílaba, para Humboldt, constitui-se em uma unidade fônica indivisível, mas composta por duas partes. A princípio parece bastante contraditório. Se se pensar no que diz Humboldt (*a sílaba é uma unidade fônica composta de um som consonântico e um vocálico que jamais se separam*[106]), toda consoante precisa de uma vogal para existir e, do mesmo modo, toda vogal precisa de uma consoante para formar com ela uma sílaba.

Então, a composição das palavras se faz através das sílabas e, em geral, como afirma Humboldt, é necessário mais de uma sílaba para formar uma palavra. Não se deve esquecer que a palavra, para Humboldt, é a composição de unidade fônica mais conceito. Por isso, em geral, uma sílaba sozinha é pouco para servir de base para um conceito. Em português, as palavras de cunho relacional em geral são formadas por uma única sílaba, como no caso dos pronomes, das preposições e dos artigos. Porém, os nomes e

[106] *Sobre a diversidade da estrutura da linguagem humana,* p.93.

os verbos raramente são compostos de uma única sílaba. A razão desse comportamento das línguas é o fato de elas lidarem com um número reduzido de sons.

Se as sílabas são formadas por consoante e vogal sempre juntas e indivisíveis, como se explicam as palavras que começam com vogais e as palavras que possuem consoantes mudas? As consoantes mudas em português, principalmente no Brasil, na prática não existem. Ao se falar uma palavra como "aspecto" ou "ritmo", nota-se com facilidade a presença de uma "semivogal" do lado direito das consoantes /c/ e /t/, além de estarem ligadas às vogais que se colocam à esquerda. Porém, dificilmente se explicaria o caso do alemão, que faz uso de sons aparentemente consonânticos. A explicação que Humboldt dá para o uso de vogais que aparentemente aparecem não apoiadas em consoantes é que, quando uma vogal aparece em um contexto sem o apoio de uma consoante, que é sempre o impulso inicial, isso é somente aparência. Na verdade, há sempre um impulso de base para um som vocálico; se ele não pode ser sentido, isso não significa que não exista. A diferença está no fato de esse impulso aparentemente inexistente ser implosivo e, como os sons, para terem uma existência assegurada, precisam ser sentidos, esse impulso se configura num som não produzido.

Com esse aparato teórico se consegue explicar o fato de as palavras, ou melhor, os sons se emendarem ao serem produzidos no discurso, como são os casos de sinalefas e elisões em português. É importante observar que Humboldt afirmou que a palavra somente se define no discurso, valendo isso tanto para os conceitos quanto para suas unidades sonoras. Para assegurar que as unidades sonoras das palavras permaneçam intactas, as línguas tomam providências bem definidas, tal como deixar claro quais sons se ligam às palavras que seguem, ou quais conceitos não admitem elisões.

3.13. **GRAMÁTICA COMPARADA**

Humboldt se encontra no princípio do desenvolvimento do trabalho científico com método. Não é possível saber se Humboldt pregava a metodologia científica como fórmula para a pesquisa científica, por haver aprendido com estudiosos que o antecederam, ou se descobrira que a fórmula científica era mais eficiente. No entanto, é mais fácil misturar as duas hipóteses. Humboldt, que aprendeu a trabalhar com método, elevou e pregou seu uso.

Ele escreveu que se deve aprender uma língua estrangeira de cada vez, que se deve ensinar a língua materna para o povo, que se deve ensinar uma língua estrangeira para o povo, que se deve buscar nas origens das línguas as explicações necessárias para entendê-las, que se deve ter em mente com nitidez qual ciência se está estudando, além de se ter em mente regras básicas para o estudo que se está fazendo.

Humboldt pregava estas idéias. Elas estão relacionadas no trabalho que escreveu em 1812, sobre as línguas das Américas. E, nos tratados lingüísticos que se seguiram, vê-se a aplicação rigorosa dessa metodologia.

Não é difícil constatar na obra de Humboldt, quando ele estuda as "línguas em geral", que o significado desse termo é tão amplo e específico quanto o do termo lingüística, proposto justamente por ele na obra *Sobre a diversidade da estrutura da linguagem humana* para designar os estudos das "línguas em geral".

Se Humboldt chamava o que fazia de "estudo das línguas em geral", não poderia encontrar um nome mais adequado: qualquer um de seus estudos se resume em comparações ou resulta de comparações entre línguas, em geral de naturezas completamente opostas. É assim quando estuda a tipologia lingüística, em que, ao mesmo tempo em que teoriza, usa muitas línguas, sobretudo o sânscrito e o chinês. A mesma coisa acontece quando estuda o sistema incorporador, em que não se limita a estudar o mexicano, mas compara-o ao sânscrito e ao chinês.

Quando se volta para o estudo do processo de transformação do latim para "latim vulgar" e dos distanciamentos, sobretudo fonéticos, que elevaram os falares

neolatinos no nível de línguas, Humboldt apresenta, ao lado do estudo das línguas neolatinas, o estudo do grego moderno.

Na obra *Sobre a diversidade da estrutura da linguagem humana* tece uma comparação entre o sânscrito e o chinês, não apontando qual o melhor, mas para explicar características dessas línguas e das línguas em geral. Intenções que vão de encontro ao intuito daquela obra, que é estudar a diversidade das línguas do mundo e as razões pelas quais essa diversidade acontece.

Enfim, mais que uma gramática comparada, Humboldt faz um esboço da Lingüística e da Filologia, porque se baseia em textos e produções literárias para, através deles, chegar a uma compreensão das línguas, sem contudo abandonar o elemento que impulsiona essas transformações: o espírito. A obra literária no momento de sua criação é sempre o registro de um espírito criador no momento da criação e, como o espírito é a língua, na literatura está registrada a língua.

ALGUMA CONCLUSÃO

A única conclusão possível a propósito desse capítulo não deve versar sobre o conteúdo explícito do texto, mas sobre as intenções que nele estão contidas.

Quando se afirma em manual de historiografia lingüística que Humboldt é o marco inicial da lingüística moderna, está-se revelando que muito do que foi feito depois de Humboldt passa em algum ponto pela obra dele.

É óbvio que a obra de Humboldt vai muito além do que aqui se mostrou, e o melhor representante da sua obra, nesse trabalho, são os capítulos anteriores.

Importantes detalhes da vida de um povo, ligados à ciência ou à filosofia, ficam mais claros quando se entende a relação deles com o mundo psíquico da língua. Em Humboldt, a visão espiritual da língua, que não tem nada a ver com mistificação, mostra em

detalhes o processo psíquico da produção dos discursos e a relação externo e interno que predomina no universo lingüístico.

Finalizando, poder-se-ia lembrar, para qualificar a obra de Humboldt, algumas palavras que o próprio Humboldt escreveu sobre o grego: sua obra "devia ser vista como um grande elo, um tesouro maravilhoso, de onde sempre se pode retirar muitas coisas de grande valor".

BIBLIOGRAFIA

I. Obras de Humboldt

Humboldt; Wilhelm Karl von - *Sobre la diversidad de la estrutura del lenguaje humano y su influencia sobre el desarrollo espiritual de la humanidad.* Barcelona, Anthropos, 1990, 1ª. ed. Traducción y prólogo de Ana Agud.

--------- *Sobre el origen de las formas gramaticales y sobre su influencia en el desarrollo de las ideas - Carta a M. Abel Rémusat sobre la naturaleza de las formas gramaticales en general y sobre el genio de la lengua china en particular.* Barcelona, Anagrama, 1972. Traducción de Carmen Artal.

--------- *De l'origine des formes grammaticales et de leur influence sur le développement des idées.* Paris, A. Franck, 1859. Traduction de Alfred Tonnellé.

--------- *Escritos políticos.* México, 1943. Traducción de Wenceslao Roces.

--------- *Cuatro ensayos sobre España y América.* Buenos Aires, Espasa-Calpe, 1951. Traducción de Miguel de Unamuno y Justo Garate.

--------- *La tâche de l'historien. La recherche linguistique. Le duel.* Cópias xerográficas sem indicação de edição.

--------- *Estudios comparativos de las lenguas.* Buenos Aires, Instituto de Filologia, s.d.

II. Obras consultadas.

ALONSO, Amado - *Estudios lingüísticos.* Madrid, Gredos, 1953.

ANDRADE, Rafael Eugênio Hoyos - *Introdução à teoria da comunicação*. Assis, ILHPA-UNESP, 1985.

ARRIGUCCI Jr., Davi - *Enigma e Comentário*. São Paulo, Cia. das Letras, 1987.

ASENSIO, Eugenio - *Poética y realidad en el cancionero peninsular de la Edad Media.* Madrid, Gredos, s. d.

AZEVEDO Filho, Leodegário A. de - *Estudos Filológicos.* Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1967.

BAKHTIM, Mikail - *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Hucitec, 1986, 3ª ed.

BALLY, Charles - *Linguistique générale et linguistique française.* Paris, Presses Universitaires de France, 2ª ed.

--------- *Traité de Stylistique française.* Paris, George & cie., 1951.

--------- *Le langage et la vie.* Genève, Droz, 3ª ed.

BARROS, Diana Luz Pessoa de - *Teoria semiótica do texto.* São Paulo, Ática, 1990.

BARTHES, Roland - *Elementos de Semiologia*. São Paulo, Cultrix, 1972. Trad.: Izidoro Blikstein.

BASILIO, Margarida - *Teoria Lexical*. São Paulo, Ática, 1989.

BASILIUS, Harold - *"Neo-Humboldtian Ethnolinguistics".* **Word 8:2** (1952), pp.94-105.

BEAUGRANDE & DRESSLER, W. U. - *Introduction to Text Linguistic.* New York, Longman, 1981.

BECHARA, Evanildo - *Lições de português pela análise sintática.* Guanabara, Fundo de Cultura, 1972.

BENVENISTE, E. - *Problèmes de linguistique générale II.* Paris, Gallimard, 1974.

BLOOMFIELD, Leonard - "Algonquian". In: HOIJER, Harry et alii - *Linguistic structures of native america*. New York, Viking Fund, 1946, pp. 85-129.

--------- *Le langage.*Paris, Payot, 1970.

BORBA, Francisco da Silva - *Introdução aos estudos lingüísticos.* São Paulo, Nacional, 1972, 3ª ed.

--------- *Teoria sintática.* São Paulo, EDUSP, 1979.

BOSI, Alfredo - *História concisa da literatura brasileira*. São paulo, Cultrix, 1987.

BROWN, G. & G. Yule - *Discourse Analisys.* Cambridge, Cambridge University Press, 1983.

BUENO, Silveira - *Tratado de semântica brasileira.* São Paulo, Saraiva, 1965, 4ª ed.

CARDOSO, Zélia de Almeida - *Iniciação ao latim*. São Paulo, Ática, 1989.

CHOMSKY, Noam -*Linguagem e pensamento.* Petrópolis, Vozes, 1973, 3ª ed.

--------- *Aspects de la théorie syntaxique.* Paris, Seuil.

--------- *Diálogos com Mitsou Ronat.* São Paulo, Cultrix, 1977.

--------- *Estruturas sintáticas.* Buenos Aires, Argentina, 1985.

--------- *Lingüistica cartesiana.*Petrópolis, Vozes, 1972.

COSERIU, Eugenio - *O homem e sua linguagem.* Rio de Janeiro/São Paulo, Presença/EDUSP, 1982. Trad. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira.

--------- *Gramática, Semántica, Universales.* Madrid, Gredos, 1987.

--------- *Sincronia, Diacronia e História.* Rio de Janeiro/São Paulo, Presença/EDUSP, 1979. Trad. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira.

--------- "Sulla tipologia linguistica di Wilhelm von Humboldt. Contributo alla critica della tradizione linguistica". LINGUA E STILE 2 (1973) : 235-265. Trad. de Giulia Cantarutti.

--------- *Teoria da linguagem e lingüística geral.* Rio de Janeiro/São Paulo, Presença/EDUSP, 1979. Trad. de Agostinho Dias Carneiro.

--------- - *Tradição e novidade na ciência da linguagem.* Rio de Janeiro/São Paulo, Presença/EDUSP, 1982. Trad. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira.

DUCROT, O. - *Dire et ne pas dire*. Paris, Hermann, 1972.

--------- *La preuve et le dire.* Paris, Mame. 1973.

--------- *Princípios de semântica lingüística.* São Paulo, Cultrix, 1977.

FALCON, Francisco José de Almeida - *Iluminismo*. São Paulo, Ática, 1991.

FÁVERO, Leonor Lopes - *Coesão e Coerência Textuais.* São Paulo, Ática, 1991.

--------- - & Koch, Ingedore G. V. - *Lingüística Textual: Introdução.* São Paulo, Cortez, 1988, 2ª ed.

GARCIA, Othon M. - *Comunicação em prosa moderna.* Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1988.

GÉRARD, René - *L'Orient et la pensée romentique allemande*. Paris, Didier, 1963.

GREIMAS, A. J. & COURTÉS, J. - *Dicionário de Semiótica.* São Paulo, Cultrix, 1976.

GREIMAS, A. J. - *Semiótica do discurso científico. Da modalidade.* São Paulo, Difel, 1976.

--------- *Semiótica do discurso científico. Da modalidade.* São Paulo, Difel-SBPL, 1976.

--------- *Semântica estrutural.* São Paulo. Cultrix, 1973.

--------- & Fontanille, Jacques - *Sémiotique des passions.* Paris, Seuil, 1991.

HALLIDAY & HASAN - *Cohesion in spoken and written English*. London, Longman, 1973.

HERCULANO, A. - *Historia de Portugal.* Lisboa, Bertrand, s.d.

HJELMSLEV, Louis - *Essais linguistiques.* Paris, Minuit, 1968.

--------- *El lenguaje.* Madrid, Gredos, 1971, 2ª ed.

KRISTEVA, Júlia - *Historia da linguagem*. Lisboa, Edicões 70, 1974.

KOCH, Ingedore Villaça & TRAVAGLIA, Luiz Carlos - *A coerência Textual.* São Paulo, Contexto, 1990, 2ª ed.

KNOLL, Joachim H. - *Wilhelm von Humboldt - L'homme politique et le pédagogue.* Internationes, 1967.

KURY, Adriano da Gama - *Novas lições de análise sintática.* São Paulo, Ática, 1985.

LAPA, M. R. - *Cantigas d'escárnio e de mal dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses.* Galaxia, 1970.

--------- *Das origens da poesia lírica em Portugal na Idade Média*. Lisboa. 1929.

--------- *Lições de literatura portuguesa. Época medieval.* Coimbra, Coimbra Editora, 1973.

LEROY, Maurice - *As grandes correntes da lingüística moderna*. São Paulo, Cultrix, 1971. Trad.: Izidoro Blikstein e José Paulo Paes.

LIMA COUTINHO, Ismael - *Gramática histórica.* Rio de Janeiro, Acadêmica, 1973.

LOPES, Edward - *Discurso, texto e significação: uma teoria do interpretante.* São Paulo, Cultrix, 1978.

--------- *Fundamentos da lingüística contemporânea.* São Paulo, Cultrix, 1991.

LOVE, Ole Hansen - *La révolution copernicienne du langage dans l'oeuvre de Wilhelm von Humboldt*. Paris, Philosophique, 1972.

LYONS, John - *Linguagem e lingüística, uma introdução.* Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

--------- *Introdução à lingüística teórica.* São Paulo, EDUSP, 1979.

--------- *Novos horizontes em lingüística.* São Paulo, Cultrix, 1976.

--------- *Semantics.* Cambrigde, Cambrigde, 1977.

MAINGUENEAU, D. - *Initiation aux méthodes de l'analyse du discours.* Paris, Hachette, 1976.

MALDONADO, A. Dorente - *Teoría de la lengua e historia de la lingüística.* Madrid, Romania, 1967.

MALMBERG, Bertil - *Histoire de la linguistique de Sumer à Saussure*. Paris, Presses Universitaires de France, 1991.

--------- *La Fonética*. Buenos Aires, Eudeba, 1972.

MARCELLESI, Jean-Baptiste & GARDIN, Bernard - *Introducción a la sociolingüística*. Madrid, Gredos, 1979.

MARCUSCHI, Luiz Antonio - *Análise da Conversação.* São Paulo, Ática, 1986.

--------- *Lingüística de Texto: o que é e como se faz.* Série Debates, 1, Universidade Federal de Pernambuco.

MARTINET, André (org.) - "Le langage". Paris, Gallimard/Encyclopédie de la Pléiade, 1968.

--------- *Conceitos fundamentais da lingüística*. Lisboa, Presença, 1976.

--------- *Elementos de lingüística geral.* Lisboa, Sá da Costa, 1972.

MATTOSO CÂMARA JR., J. - *Contribuição à estilística portuguesa.* Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1988, 3ª ed.

--------- *Estrutura da língua portuguesa.* Petrópolis, Vozes, 1970.

--------- *História da lingüística*. Petrópolis, Vozes, 1975.

--------- *Para o estudo da fonêmica portuguesa.* Rio de Janeiro, Padrão, 1977, 2ª ed.

--------- *Princípios de lingüística geral.* Rio de Janeiro, Padrão, 1989, 7ª ed.

MEILLET, A. - *Linguistique historique et linguistique générale.*Paris, Honoré Champion, 1948.

--------- & VENDRYES, J. - *Traité de grammaire comparée des langues classiques.* Paris, Édouard Champion, 1924.

MELO, Gladstone Chaves de - *Ensaio de estilística da língua portuguesa.* Rio de Janeiro, Padrão, 1976.

MILLER, George A. - *Language and speech*. New York, W. A. Freeman and Company, 1981.

MOUNIN, Georges - *Histoire de la linguistique des origines au XIX siècle*. Paris, Presses Universitaires, 1967.

--------- *Introdução à lingüística*. Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1968.

--------- *Storia della linguistica del XX secolo.* Milan, Feltrinelli, 1972.

--------- *Saussure ou le structuraliste sans le savoir*. Paris, Seghers, 1968.

NASCENTES, Antenor - *Elementos de filologia românica*. Rio de Janeiro, Organização Simões, 1954.

PAIVA, Dulce de Faria - *História da Língua Portuguesa.* Lisboa, Clássica, 1943.

PEIRCE, Charles S. - *Écrits sur le signe.* Paris, Seuil, 1978.

PIDAL, R. M. - *Poesia Juglaresca y Juglares.* Madrid, Espasa/Calpe, 1969.

RENZI, Lorenzo - *Introducción a la filologia románica*. Madrid, Gredos, s/d.

ROBINS, R. H. - *Lingüística geral.* Porto Alegre, Globo, 1978.

--------- *Pequena história da lingüística*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1979.

ROCA PONS, J. - *Introducción a la gramática.* Barcelona, Teide, 1972.

SILVA NETO, Serafim da - *História da língua portuguesa.* Rio de Janeiro, Acadêmica, 1957.

--------- *Sátira e invectiva portuguesas e seus problemas.* Rio de Janeiro, Casa Rui Barbosa, 1956.

SOARES, Magda B. - *Língua e sociedade.* São Paulo, Ática, 1985.

SPINA, Segismundo - *A lírica trovadoresca.* Rio de Janeiro, Grifo, 1972.

--------- *Introdução à Edótica.* São Paulo, Cultrix/EDUSP, 1977.

--------- *Manual de versificação românica medieval.* Rio de Janeiro, Gernasa, 1971.

TEYSSIER, Paul - *História da língua portuguesa.* Lisboa, Sá da Costa, 1982.

THOMSEN, Guillermo - *Historia de la lingüística*. Barcelona, Labor, 1945.

ULLMANN, Stephen - *Lenguaje y estilo.* Madrid, Aguilar, 1968.

VASCONCELOS, Carolina Michaelis de - *Lições de Filologia Portuguesa.* Lisboa, Revista, 1946.

VOEGELIN, C. F. - "Delaware, an Eastern algonquian language**"**. In: HOIJER, Harry et alii - *Linguistic structures of native america*. New York, Viking Fund, 1946, pp. 130-157.

WEINRICH, H. - *Estructura y función de los tiempos en el lenguaje.* Madrid, Gredos, 1968.

WHITNEY, W. D. - *Sanskrit Grammar.* Delhi, Motilal Banarsidass, 1977.

WILLIAMS, Edwin B. - *Do Latim ao Português.* Rio de Janeiro, Nacional do Livro, 1961.